

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO

SUMMARIO

VIDA LITERARIA DO EQUADOR	Gustavo Barroso.	285
EPISODIOS TRAGICOMICOS DA VIDA AMARGURADA DO POETA RUBEN DARIO	Rènè Thiollier	302
A IMPOSIÇÃO DA MARIQUITA DO CINEMA	Odilon Azevedo	313
	Sergio Milliet	321
CAPITULOS DE UMA BIOGRAPHIA PERDIDA DE CAXIAS.	Eudoro Berlink	324
MIGUEL RASCH ISLA	Argeu Guimarães	335

BIBLIOGRAPHIA — RESENHA DO MEZ — DEBATES E PESQUIZAS
— NOTAS DO EXTERIOR — CURIOSIDADES —
AS CARICATURAS DO MEZ

EDITORA:
COMP. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO
PRAÇA DA SÊ, 34 SÃO PAULO

Teleph. Central 4012
 SÃO PAULO
 CAIXA, 2-B - PRAÇA DA SÉ, 34 - ANNO 20\$000. EXTRANGEIRO - 25\$000. NUMERO AVULSO - 1\$800
 Redactor Secretario : SERGIO MILLIET
 Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Redactor Secretario : SERGIO MILLIET 4012

Obras de Contabilidade

DE CARLOS DE CARVALHO

Estudos de Contabilidade, obra em quatro volumes, em brochura. 40\$000

Tratado Elementar de Contabilidade. Obra adoptada nas principaes escolas de commercio do paiz. Util aos que desejam adquirir conhecimentos profundos em contabilidade. Em brochura . 10\$000

Explicações Praticas de Escripção Mercantil. Livro indicado aos que desejarem adquirir os primeiros conhecimentos de contabilidade. Em brochura. 6\$000

Arithmetica Commercial e Financeira. Obra indispensavel para se adquirir conhecimentos profundos em mathematica commercial e financeira. Em brochura . 10\$000

Noções de Calculos Commerciaes e Financeiros. E' indispensavel aos que não tenham conhecimento de mathematica commercial e financeira. Em brochura . 6\$0000

Problemas de Escripção. Obra necessaria aos contadores e guarda-livros, pois trata de todo e qualquer caso de abertura de escriptas e balanços. Em brochura . 20\$000

Contabilidade das Companhias de Seguros de Vida. Como indica o titulo do livro, ser-

ve para a contabilidade dos seguros de vida. Em brochura 12\$000

DE FRANCISCO D'AURIA

Curso de Contabilidade, em dez volumes, tendo sido já publicados os seguintes:

Contabilidade Mercantil, em brochura 10\$000

Contabilidade Bancaria, em brochura 12\$000

Contabilidade Industrial, em brochura 10\$000

No prélo: *Contabilidade das Emprezas; Contabilidade Publica; Contabilidade Domestica; Contabilidade Theorica; Contabilidade Agricola e Pastoril; Mathematica Commercial; Mathematica Financeira.*

DE D. SANTOS

Contabilidade Agricola, em brochura 10\$000

DO DR. FRANCISCO EUGENIO DE TOLEDO

Manual de Direito Civil, Das pessoas, em brochura . . 4\$000

Analyse da Constituição Federal, cart. 1\$500

Attentado ao Pudor, em brochura 10\$000

O Livrinho do Coração, em brochura 2\$000

Unicos depositarios:

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato
Praça da Sé, 34 **São Paulo**

Holmberg, Bech & Cia. Ltd.

IMPORTADORES E INDUSTRIAES
RUA LIBERO BADARO', 169
S. PAULO

Rio de Janeiro, Stockholm, Hamburg, New-York e Londres

Papel,
materiaes
para
construcção,
aço,
ferro,
Cimento.
"2 Bandeiras"
e "Bandeira
Sueca".

EDUARDO CARLOS PEREIRA

GRAMMATICA EXPOSITIVA. — CURSO ELEMENTAR.

Para os cursos complementares e 1.º anno dos Gymnasios. 23.ª edição com um appendice sobre composição 3\$500

CURSO SUPERIOR. Para Escolas Normaes, Gymnasios e Escolas de Commercio. 14.ª edição com um appendice sobre estyllistica . . . 8\$000

GRAMMATICA HISTORICA. Para as Escolas Normaes e Gymnasios. 3.ª Edição 10\$000

PEDIDOS A'

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

PRAÇA DA SE', 34 — CAIXA 2-B — S. PAULO

Desconto de 30 o/o aos revendedores e aos collegios e professores.

“ P E G A S O ”

REVISTA MENSAL

Calle San Salvador, 2309

MONTEVIDEO

URUGUAY

OTHONIEL MOTTA

Cathedratico do Gymnasio de Campinas.

Lições de Portuguez

Para cursos commerciaes, normaes e gymnasiaes 8\$000

A sahir:

Anthologia Portugueza

Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato

Praça da Sé, 34 — S. Paulo

Desconto de 30 o/o aos revendedores e aos col-
legios e professores

"REVISTA DE FILOGIA PORTUGUESA"

Fundador : SILVIO DE ALMEIDA

Diretor : MÁRIO BARRETO

PUBLICAÇÃO MENSAL

Colaboração dos maiores filólogos e literatos do Brasil e de Portugal.

Cada número, que tem, em média, cem páginas, traz artigos inéditos, textos arcaicos ou clássicos anotados, bibliografia, etc.

ASSINATURA ANUAL :

CAPITAL	30\$000
INTERIOR E ESTADOS	32\$000
NUMERO AVULSO.	3\$000

Pedidos à

NOVA ERA, Empresa Editôra

PAULINO VIEIRA & CIA.

Rua de S. Bento, 40 - 2.º andar, sala 12

Telefone: Central 1681 — S. PAULO

REVISTA

DO

BRASIL

VIDA LITERARIA DO EQUADOR

Conferencia lida em sessão publica
de 27 de Março de 1924, na Academia
Brasileira.

BRASIL E AMERICA

DE certa maneira, o *modus faciendi* da constituição das nações da Iberia repetiu-se quasi identicamente, exceptuadas as diferenças de meios, na dos paizes latino-americanos. Na Peninsula mãe, após a conquista arabe e durante a reconquista da Cruz, Espanha dividiu-se de tal modo, entre moiros e christãos, em pequenos reinos, que, quando um soberano unico empunhou um unico sceptro, foi chamado Rei de Todas las Españas. Nessas epocas, Navarra cavalgava os Pyreneus, um pé na Iberia, outro na França; Leão dominava o centro; Aragão avassalava os mares e terras proximas, seus almogávares iam a Byzancio, batiam-se na Syria e na Armenia, dominavam a Moréa, a Bulgaria e a Macedonia, seus reis eram donos das Baleares, da Sicilia, de Napoles, da Apulia e da Calabria; Castella alargava fronteiras á custa dos moiros subdivididos nos reinos de Murcia, Valencia e Granada, já sem a forte união do Califado; e até Galliza, e até Asturias fôram reinos independentes. A unificação espanhola só se realiza de verdade depois de Fernando e Izabel.

Emquanto isso, rudes batalhadores guiados por um ideal ainda informe augmentam a golpes de espada o pequenino e pobre condado que um rei leonês dera a um fidalgo burgundo, errante e aventureiro. De Coimbra, o filho, rei pelo vigor do seu braço, desce a capital para Lisbôa, tomada aos infieis. A estes conquista mais o Algarve — sete castellos que ficam na bandeira. Empurrando o musulmano para o sul e anteparando os golpes espanhóes, elle e seus successores, *braços ás armas feitos*, alicerçam com o sangue de Ourique, do Salado, do Tóro e de Aljubarrota a unidade nacional. E Portugal nunca se fragmentou.

Herdamos, na America, a virtude dessa cohesão. Em derredor de nosso immenso territorio, longe, ou perto, as colonias hespanholas dividiram-se, nas lutas da Independencia, como, nas da Reconquista, a Peninsula antiga. O vice-reinado de Nova Espanha biparte-se em Mexico e America Central; esta desdobra-se em cinco republicas. O vice-reinado de Nova Granada produz Colombia, Venezuela e Equador; mais tarde, Panamá. O do Perú: Perú, Bolivia e Chile. O da Prata: Argentina, Uruguay e Paraguay. Nós, embora francêses na Guanabara e no Maranhão, hollandêses do Maranhão á Bahia, espanhóes durante sessenta annos, dois governos na divisão colonial, incursões violentas como as de Vertiz e Ceballos, lutas separatistas ao Norte e ao Sul, algumas que duraram dez annos, ficámos unidos num só todo. E, com o mais justo orgulho podemos dizer que ha menos differença, no falar e no sentir, entre o paroara e o gaúcho, entre o jagunço e o caipira, do que na França, o paiz talvez mais unificado da Europa, entre um loreno e um bretão, entre um normando e um marselhês.

Mas, si raça, lingua, o prestigio duma corôa, a centralização governamental de mais de meio seculo de monarchia, nos deram essa admiravel cohesão, tal virtude e tal beneficio nos trouxeram, em compensação, o isolamento. Não nos enganemos: dum modo geral, formamos, moral e intellectualmente, uma parte da America latina; os paizes descendentes de Espanha, outra. Todo o nosso esforço, pois, deve ser, hoje em dia, que nossas formas de governo se identifiquem, que nossos idéaes são communs, que todos somente queremos paz e progresso, ordem e trabalho, approximar o Brasil de seus irmãos do continente e estes do Brasil. A maior e melhor das approximações é a intellectual. Quando soubermos todos o que pensamos, quando lermos todos o que escrevemos, quando amarmos todos, com o mesmo amor, nossos artistas, então seremos mais do que amigos. Nossos idiomas, reciprocamente intelligiveis, não são barreiras, são laços. Não é difficil a tarefa.

APPROXIMAÇÃO INTELLECTUAL AMERICANA

O Presidente da Academia Brasileira de Letras, lançando a idéa duma serie de conferencias acerca das litteraturas americanas, deu grande passo para essa approximação e cada um daquelles que tratar aqui da vida mental dos paizes irmãos estenderá, em nome dos que pensam e escrevem no Brasil, por cima de montes e mares, mão amiga aos pensadores e escriptores do outro lado.

Entre os povos sul-americanos, alguns estão mais afastados de nós do que outros, não somente pela distancia, como pelo quasi completo desconhecimento que, devido a circumstancias de toda a sorte, temos de sua vida em qualquer de suas manifestações. Si visitas reciprocas, festas officiaes, exposições, publicações, relações de commercio, diplomacia, amizade e, infelizmente, até militares nos deram maior contacto com a Argentina, o Uruguay, o Paraguay, o Chile, o Perú, o Mexico, quasi nenhum gesto e quasi nenhum acto nos ligaram a outros dos paizes que nos cercam e tanto estimamos.

Delles, por espontanea sympathia e facilidade de obter materiaes de informação, escolhi, para este dia, o Equador, nobre patria de Olmêdo e de Toral, velho reino de Quito debruçado das alturas andinas para a verde planicie do Pacifico, em cujas ondas Nuñez Balbôa plantou o pendão de Castella.

O HOMEM E O MEIO NO EQUADOR

O Equador actual corresponde, mais, ou menos, ao antigo reino de Quito dos Incas, cuja capital se ligava a Cuzco pela celebre Via Real das Cordilheiras, leguas e leguas serpeando á borda dos precipicios, com pontes, *tambos*, ou hospedarias, postos militares e estações de correio. Povoado pelos Quitos, Puruhaes, Cañaris, Scyris, Chimbos, Huacas e outros povos indigenas de procedencia varia, alguns já conquistados pelos outros, caíu, no reinado do Inca Tupac-Yupanqui, sob o dominio peruano dos Filhos do Sol, do qual passou para o poder hispanico até o começo do seculo XIX, quando fez sua independencia, ao lume da espada de Bolivar, ao som dos cantos de Olmêdo.

As tribus equatorianas primitivas especialmente Cañaris e Scyris, segundo graves historiadores, possuíam certo adiantamento moral e mental, religião mais avançada do que a dos povos sul-americanos em geral, leis, costumes melhores, o computo do tempo e mesmo escriptura figurativa, ideographica. A conquista incaica melhorou essas condições de progresso e do Vice-Reino de Nova Granada, refugio da melhor nobreza espanhola nos tempos coloniaes, derivou para o velho reino de Quito uma corrente de elementos de primeira ordem.

Dessas bases, ao influxo da religião quasi sempre, das escolas peninsulares muito tempo, do patriotismo algumas vezes, da natureza local outras, surgiram as manifestações intellectuaes do paiz, desenvolvidas deante de magestoso scenario: pincaros immensos, cobertos de neve, atalaiando o azul; vulcões terriveis, erguendo a milhares de metros as chaminés ameaçadoras; e o deserto montanhoso mais deserto, mais tetrico do que o deserto plano, porque nem a vastidão do horizonte tem! Outros aspectos naturaes para a inspiração: No respaldo da Cordilheira, que se abaixa e aplaina, formando o littoral, uma paizagem de sitios deliciosos; e, no interior das terras, alem das altitudes, nos valles do Napo, do Morona, do Postasa e dos outros rios que buscam o Amazonas, a floresta virgem, a magestade formidavel da mata trançada de lianas, essa portentosa natureza immatura que assombrou todos os aventureiros, todos os sabios e todos os artistas, desde Orellana, Ursôa e Pedro Teixeira a La Condamine, Von Martius e Euclides da Cunha.

De tal terra e de tal gente brotou a arte de poetar e escrever no Equador, profundamente religiosa e patriotica, esquecida do aborigene e só lembrada dos peninsulares, com mui leves nuanças de escolas, um tanto uniforme, do berço conventual ao raiar do nosso tempo, quasi monotona na sua estylização solemne como a architectura das suas ruinas indias que d'Orbigny tanto admirou e louvou. A's vezes, nella, todo o calor espanhol, a bravata, o *panache*; outras, esse tão nosso conhecido aneio vago, saudade brumosa, indefinida, resto da dor do exilio de nossas almas européas e orientaes em meio desconhecido, pois, como nós, os equatorianos são — lembremos o conceito hugoano — raça antiga em terra nova; ainda outras, o acabrunhamento deante da natureza possante, mixto de admiração e receio, e, por isso, mais tristeza que alegria, o que é proprio de todas as literaturas continentaes; não raro, a satyra, a bizzarria de linguagem — flôres exoticas.

A INFLUENCIA RELIGIOSA

A literatura equatoriana gerou-se, nasceu, cresceu, fructificou nos conventos. Quem poderá esquecer quanto devemos á Cruz, todos sem excepção, nesta America? Não foi um evangelizador aquelle que escreveu nosso primeiro poema? Pablo Herrera, no Prologo da *Antologia de Proxistas Equatorianos*, diz: "Sacerdotes de relevantes virtudes acompañaron á los conquistadores, y en todas partes levantaron templos, formaron reducciones, esto es, organizaron pueblos, y sembraron la simiente de la cultura americana".

No reino de Quito, sua influencia foi a maior possível. O franciscano Ricke levou-lhe o trigo; frei Morales, a primeira escola; o dominico Carvajal, companheiro de Pizarro e Orellana, escreveu uma relação de viagem; e os agostinhos espanhóes fundaram o collegio de São Nicolau Tolentino, para ensinar os indios a ler e escrever. Mais tarde, os jesuitas criaram o celebre seminario de Quito, fonte de glorioso saber colonial.

Os primeiros artistas da palavra são do pulpito e do altar. Pode-se dizer que nenhum poeta. Entretanto, no futuro, superarão os poetas aos prosadores. O primeiro destes é frei Gaspar de Villaroel, sabio, theologo, vigario geral de Cuzco, arcebispo de Charcas, nascido em 1587 e fallecido em 1665. Escreveu volumes de commentarios theologicos, de discursos evangelicos e de historia ecclesiastica local. Sua pagina mais celebre é a *Relacion* do terremoto de Santiago do Chile em 1647. Nesse trabalho — gosto e sentir da época — o reverendo imita aquelle latino Julius Obsequens, no seu *Liber de Prodigüs*, sobre Roma. Fala de prodigios de toda a sorte, antes da terra tremer: "Dijo-se que poco antes parió una india tres niños, y que el uno de ellos predijo el fracaso. Qué á un mayordomo le habló con vigor un crucifijo. Qué el Santo Cristo de San Augustin volvió tres veces el rostro. Qué una india vió un globo de fuego... Qué en la Cordillera se oyeron voces de los demonios..." Felizmente, resolve não fazer mais medo á gente e dizer *era brinquedo*. "Menos fundamento tuvieron los prodigios que quedan referidos, porque los averigué de uno en uno, y hallé que todos eran falsos".

Segue-se-lhe Don Juan Machado de Chaves, jurista e theologo, professor em Salamanca, seminarista no principio da vida, secular no meio, padre no fim. Como o frei Luis de Granada, autor do *Guia de los Confesores*, como o nosso saudoso Dom Silverio, autor da *Pratica da Confissão*, escreveu o *Perfecto Confesor y Cura de Almas*.

Dos fins do seculo XVI ao meado do XVII, os prosadores do Equador são religiosos, ou filhos da educação religiosa: frei Maldonado, o padre Alonso de Rojas, frei Laureano de la Cruz, um dos descobridores do Amazonas; o alambicado jesuita Pedro de Rojas, o corregedor Alonso de Peñañiel, seu irmão o padre Leonardo, latinista insigne, que escreveu a *Disputationum in primam partem Divi Tomae*. Era elle o que procurava, como São Thomaz e como Santo Agostinho, definir a eternidade. Aquelle dizia o seu *ergo immutabilitatem, et indeficientiam aeternitatis*. Este, o seu *nihil autem proeternum in oeterno, et nihil futurum est*. E elle: *quod non est, sed erit*.

Ainda mais: o *estrafalario* (o adjectivo é dum critico equatoriano) clerigo Romano, o jurista canonico Don Ignacio de Aibar y Eslaba; o historiador de Quito, secretario do Cabido Ecclesiastico, Diogo Rodriguez de Ocampo; o padre Alcocer, que escreveu o *Tractatus de Deo et divinis attri-*

lutis; o sabio jesuita Gallegos, o padre Manosalvas, o doutor Urban de la Vega, os presbyteros Moncada e Pinto y Marvaez.

Fica bem, no meio dessa litteratura religiosa, a serva de Deus Gertrudes de Santo Ildefonso, monja de Santa Clara, alma insatisfeita de artista, procurando no claustro mais uma realizacão de arte do que a salvacão da alma, a primeira mulher que escreveu no Equador, em pleno seculo XVII, de estylo conciso, claro, natural. Elia mesma conta: "...los amigos de mi padre, con titulo de bien, decian á mi madre:

— Señora, ya es tiempo que casemos á la niña Gertrudis; con eso habrá hombre en casa y no se perderá la hacienda.

Yo oia esto y respondia:

— Casense ellos, que yo, aunque ande á pedir limosna, no haré tal!..." Soror Gertrudes não entenderia o nosso seculo, em que muita gente pede a Deus, como esmola, o casamento...

Mais tardios que os enumerados, vêm ainda escriptores clerigos: os jesuitas Jacinto de Evia e Juan Bautista Aguirre, este polemista guayaquileño, louvaminheiro de sua cidade e satyrizador das outras, verzejador chistoso, talvez um tanto chistoso de mais, que descarregou a bile sobre Quito á maneira como o nosso Gregorio de Mattos soia fazer com a Bahia:

"Es su situacion tan mala
Que por una y outra cuesta
La una mitad se recuesta,
La otra mitad se resbala;
Ella se sube y se cala
Por cerros, por quebradones,
Por "guaicos" y por rincones,
Y en andar asi escondida
Bien nos muestra que es guarida
De un enjambre de ladrones.

Tan empinado en el tallhe
Del sitio sobre que estriba,
Que se hace mui cuesta arriba
El andar por qualquier calle:
No hay hombre que no se halle
La vista en tierra clavada,
Porque es cosa averiguada
Que el que anda sin atencion,
Cae, sino en tentacion,
En una cosa privada.

E' melhor ficarmos por aqui. O padre detestava Quito, sem duvida. Entre suas virtudes, decerto, não contava a caridade. Não sabia perdoar magoas, apesar de ser da Companhia de Jesus. Talvez Jesus nesse ponto, não fósse da companhia delle...

A INFLUENCIA HESPANHOLA

Pari passu com a influencia religiosa, foi chegando ao Equador colonial, naturalmente, o echo das escolas literarias de Hespanha. Na sua *Historia de la Literatura*, diz Cordero Palacios: "Esta literatura de los claustros que es ya propriamente equatoriana, nació en los dias en que con más fer-

vientes adeptos contaba la Escuela Gongorista y nació, por lo mismo, profundamente contaminada de sus aberraciones, tinieblas y mal gusto". Eis, em poucas linhas a critica da época, que, segundo Pablo Herrera, foi o reinado absoluto do que chama *culteranismo*: "Tanto los escritores en prosa como los poetas, versificadores y oradores, se proponian, no convencer ni mover el corazon, sino sorprender el animo de los oyentes y lectores, con sutilezas, metáforas atrevidas, hiperboles, equivocos, retruecanos, antitesis y pensamientos alambicados". Todavía, o exaggero equatoriano foi menor que o espanhol, o que não é muito corrente nos imitadores. Louve-se a virtude. Emquanto Gracián, flôr do gongorismo castelhano, dizia:

"Y en cresta de fuego
A la gran multitud de astros lucientes,
Gallinas de los campos celestiales,
Presidió gallo el boquirrubio Febo..."

O padre equatoriano Bastidias limitava-se a esta comparação:

"De una elevada montaña
Un arroyo baja altivo,
Que agitado de sus ondas,
Es un toro cristalino".

Bom tempo em que o sol, para os poetas, era gallo, os astros, gallinhas dos campos celestes e os riachos, touros!...

Mas nelle rutila outra mulher de talento, Dona Jeronima de Velasco, oradora, o que é raro, e poetisa, o que é mais commum, cantada desta sorte por Lope de Vega, no seu *Laurel de Apolo*:

"Parece que se opone en competencia
En Quito aquella Safo, aquella Erina,
Que si Doña Jeronima divina
Se mereció llamar por excellencia;
Que genio, que cultura, que eloquencia
Podrá oponer-se á perfecciones tales,
Que sustancias imitan celestiales?
Pues ya con manos bellas
Estampan el Velasco en las estrellas".

O padre Ramon Viescas, no meio do seculo XVIII, sonha ainda *sobre o sepulcro de Dante* e, ao lado dessas altas meditações, verseja como Tolentino, Elmano, ou Bressane:

"Miro al Pindo arrebozado
Con redingote de nieve,
Y helada en medio del curso
A la fuente de Hyppocrene;

Las Musas en la cocina
Encendiendo un olmo verde,
Y el buen Apolo en la cama
Hasta las ocho ó las nueve..."

Todos os clérigos, então, são poetas e todos os poetas, clérigos: o padre Ambrosio Larrea, que poetava em hespanhol e italiano, o padre Juan de Velasco, elogiador engraçado de sua própria surdez:

“Que importa que a lsa iglesias
A oir sermones no vaya,
Si yo leo en mi aposento
Los que me importan y agradan?”

os padres Ullauri, Garrido e Mariano Andrade. Depois, na transição do *culteranismo* para a exaltação patriótica de Olmêdo, que raia com a aurora do século XIX, Don Rafael Goyana, fabulista como Esopo, Phedro, Babrio, Lafontaine, Florian, Trilussa, mas introduzindo constantemente nas suas composições o papagaio americano.

Os prosadores de maior vulto no século XVIII são crias das mesmas influencias já estudadas. Começam com Navarro Navarrete e contam frei Francisco Guerrero, o padre philosopho, Diogo de Urena, o jesuita Aguinaga, o doutor Jijon y Leon, historiador leigo e religioso, o monje Ugarte, que nos informa da divisão e essencia da alma, o ecclesiastico Ignacio Chiriboga, os padres Espinosa, Echeverria, Luis de Andrade, Viteri y Orozco, Crespo, Serrano, Aguilar y Saldaña, Escorza, Rendon, Aillon, que imitou Aristoteles fazendo uma Poetica, e Javier de la Fita. Dos conventos saem sabios theologos e escriptores: frei Clemente Rodrigues, frei Santamaria, frei Figuerôa, frei Olmos, frei Guzman, frei Lucero, frei Arauz, frei Ontaneda e a freira Catalina de Jesus. Talvez nenhum outro paiz sul-americano conte tão forte e constante influencia padresca e fradesca na sua vida intellectual.

Com suas obras de historia, chronica ecclesiastica, direito canonico, metaphysica, doutrina, philosophia, moral, liturgia e theologia, essa gente enche o derradeiro terço do século XVII e todo o XVIII. Mas já da ganga primitiva começa a desprender-se o oiro das gerações que, libertas mais, ou menos, do espirito religioso e das escolas peninsulares, darão consistencia e forma á litteratura independente do Equador livre.

A's novas phalanges pertencem já, sem duvida, o medico Santacruz y Espejo, de notavel erudição, especialmente em theologia (era de esperar) e jurisprudencia. Critico severo e ponteagudo, escreveu o *Nuevo Luciano*, série de dialogos entre dois personagens veridicos, o clérigo Don Luis Mera e o poetastro Don Miguel Murillo. Apesar desse novo Luciano não fundir sua ironia no fino molde do de Samosata — flor da decadencia greco-latina, identica pelo perfume subtil de maldade a essa flôr da moderna decadencia, Anatole France — apesar disso, seus effeitos não foram pécoss nem de breve duração. Muitos contestaram o que affirmou, não obstante.

Fundador do jornalismo no seu paiz, era Santacruz y Espejo patriota ardente e dizia, em memoravel discurso, á cidade de Quito: “Para decir verdad, señores, nosotros estamos destituidos de educacion; nos faltan los medios de prosperar; no nos mueven los estímulos del honor, y el buen gusto anda muy lejos de nosotros; molestas y humillantes verdades, por cierto, pero dignas de que un filosofo las descubra e las haga escuchar; porque su officio es decir con sencillez y generosidad los males que llevan á los umbrales de la muerte la Republica. Si yo hubiese de proferir palabras de un traidor agrado, me las ministraria copiosamente esa venenosa destructora del universo, la adulacion, y esta misma me inspiraria el seductor lenguaje de llamaros ahora mismo, con vil lisonja, ilustrados, sabios, ricos y felices.

No lo sois." Vê-se que não era de meias palavras. Quão necessaria meia duzia de Santracruzês neste Brasil, reino mór da adulação a quanto nescio sóbe rastejando, até as melhores posições!

Dos collegios de jesuitas sáe outro escriptor e poeta, o general Don Ignacio de Escandon, *satirico y sentencioso*. Contando em versos sua carreira, modestamente diz que não pôde ser comensal das Musas:

"Dejé el bipartido risco,
Y tiré por la milicia
Que en el campo de Mavorte
Mejor el alma respira.

Tambien me hicieron alcalde
En mi patria, de justicia,
O' de gracia, que lo fué,
Pues los veinte no tenia.

Tambien de Oficial real,
Con promptitud más que activa,
Sólo en dos años cobró
Lo que en trece se debia."

A LITERATURA DURANTE E APO'S A INDEPENDENCIA

Uma grande figura literaria domina a época das lutas pela libertação do Equador do dominio espanhol. Cordero Palacios chama-lhe : divino; outros o alcunham: *Tyrteu da America*. O destino suscitou, naquella terra, José Joaquim Olmêdo, com inspiração entusiastica, patriotismo fogoso, genio pindarico, arroubo condoreiro, para cantar dignamente Bolivar. Na opinião do critico Don Juan de Valera, é o mais notavel poeta hispano-americano lyrico-heroico.

Brada com orgulho na *Victoria de Junin* :

"... en los siglos de virtud y gloria
Cuando el guerrero sólo y el poeta
Eran dignos de honor y de memoria,
La musa audaz de Pindaro divino,
Cual intrepido atleta,
En inmortal porfia
Al griego estadio concurrir solia.
Y en estro hirviendo y en amor de fama,
Y del metro y de numero impaciente,
Pulza su lira de oro sonora,
Y alto asiento concede entre los dioses
Al que fuera en la lid más valeroso,
O' al más afortunado.
Pero luego, envidiosa
De la inmortalidad que les ha dado,
Ciega se lanza al circo polvoroso,
Las alas rapidisimas agita
Y al carro vencedor se precipita;
Y desatando harmonicos raudales,
Pide, disputa, gaña,
O' arrebatada la palma á los rivales."

Suas descrições da batalha fervente de corceis empinados, lanças em riste, laminas nuas, tapezapeando, lembra os arroubos do *Waterloo* de Magalhães:

“Ya el formidable estruendo
Del atambor en uno y otro bando:
Y el son de las trombetas clamoroso
Y el relinchar del alazan fogoso,
Que erguida la cerviz y el ojo ardiendo,
En belico furor salta impaciente
Donde más se encruelece la pelea;
E el silbo de las balas que rasgando
El aire, llevan por do quer la muerte.”

O nosso cantára:

“E o sibilo das balas, que gemiam...”

Olmêdo pintou mais o general Flôres, vencedor em Miñarica:

“Como rayo entre nube tormentosa
Serpea fulminando y veloz huye;
Vuelve á brillar, la tempestad disipa,
Y su esplendor al cielo restituye:
Asi la espada del invicto Flôres
Por entre los espesos escuadrones...”

Perpetuou a morte da princeza das Asturias, Dona Maria Antonia de Bourbon, fez um hymno á arvore, foi politico e diplomata, e adormeceu para sempre em Guayaquil, no anno de 1847. Houve quem dissesse que Espanha nelle perdoou o insurrecto para engalanar-se com a gloria do poeta!

Em volta dessa figura central, prosadores e versejadores coévos, muitos ainda presos pelo cordão umbelical do ensino do seminario, parece que mingam: o doutor Ignacio Moreno combate nas *Cartas Peruanas* a irreligiôsidade dos encyclopedistas, especialmente o *Citador* do irreverente Pigault-Lebrun; Don Joaquim Miguel de Araujo commenta a leitura da Biblia; Don José Mejia escreve epistolas laivadas de moral christã; o ecclesiastico Don Miguel Rodriguez pronuncia orações funebres — *vox filiae Sion intermorientis*; Carrion y Velasco occupa-se com orações eucharisticas; Don Luis Vivero embrenha-se no Direito e produz um catecismo juridico semi-infantil; Don Luis de Sá discursa no Congresso; Valdivieso fala contra a tolerancia de cultos; Rocafuerte é mais politico que intellectual, e Salazar gatafunha no peor dos estylos.

Em compensação, o grande jornalista e polygrapho frei Vicente Solano fabrica fabulas contra os inimigos, esquecendo-se de perdoal-os:

“Allá en tierra de mim abuela
El buey dizque trabajaba,
Y sin cesar le mordía
Una feroz garrapata.

Fatigado y doloroso,
Al ver mordidas sus patas,
Con paciencia el animal
Dijole á que estas palabras:

— Bien se ve que tu no puedes
Dejar tu costumbre mala:
Yo trabajo, tu me picas:
A' quien le toca la palma ?

Tantos útiles autores
A' criticos garrapatas
Puedem decir esto mismo
Por sus censuras amargas."

Agradeçam-lhe os criticos carrapatos e pulgões a feliz comparação... Garcia Goyena praticava o mesmo genero de fabulas, com pequena differença.

Apesar da vida exemplar que levava, nas suas maximas, frei Vicente Solano distanciava-se por vezes das crenças religiosas e embebia-se do travo das desillusões do seculo: "Biemaventurados los ambiciosos, porque de ellos es el reino de este mundo. — La amistad es un genero que cuesta muy caro." Algumas mereceriam ser meditadas por nós todos, senhores academicos: "El despotismo literario es tan terrible como el politico. En la republica de las letras se ven á veces dictaduras como en la sociedade politica".

Não é muito provavel que esse frei tenha penetrado no reino do céu, tanto que, ao compor seu epitaphio, se limitou a mencionar que vivera bastante, meditara e escrevera, tornando-se depois mui simplesmente em pó:

*Qui satis vixit, cogitavit et scripsit.
Utinam bene !
Et in pulverem reversus...*

Emula de Sapho foi chamada, *sine malefica intentione*, a poetisa Dolores Vintimilla de Galindo, que viveu de 1829 a 1857. Lyrica ternissima, acha que, sem ELLE, o eterno bem-amado, "el campo placentero en vez de flores obsequiaba abrojos." Acompanham-na o triste e vehemente Luis Cordero, o delicado Don Julio Castro.

Garcia Moreno, philosopho, mathematico, orador, poeta, homem de acção, estadista, o "admirable despota" de Garcia Calderón, um heróe de Carlyle, cuja estatua se ergue no Vaticano, surge na vida mental equatoriana e a illumina, seguido de perto por esse solido pensador, inspirado, dolorido poeta Julio Zaldumbide, cantor das tristezas da *Tarde*.

E' a época em que floresce Luis Felipe Borja, jurista e literato, que publicou 36 volumes de commentarios ao Codigo Civil.

Exceptis-excipiendis, os prosadores e poetas desse tempo — deputados como Flores Jijon, generaes como Don Francisco Salazar, ministros como Modesto Espinosa, são lyricos, sentimentaes, patriotas e candidos nas expressões e rythmos de sã arte. São os José Bonifacios Moços, os Casemiros de Abreu, mesmo os Fagundes Varellas do Equador. Mas nenhum Gonçalves Dias. O indio não preoccupa a literatura daquelle povo, voltando para Deus e a Patria. Parece até que não existiu, salvo por excepção, como na *Virgem de Sol* de Juandeon Mera e na *Hija del Chile* de Quintiliano Sanchez. Quando Olmêdo invoca a sombra magestosa dos Incas, fallo por figura de rhetorica, não por inclinação ao indianismo. Nenhuma sarça ardente como a poesia de Castro Alves. A voz apocalyptica de Hugo apagouse deante da monstruosidade deserta do Chimborazo. Quasi nada de franquezismos naquella litteratura, só a religião, a Espanha e o Equador. Ausen-

cia completa da ficção. Não ha novellistas. Não ha romancistas. Não ha contistas. Como que o seminario tolheu o vôo das imaginações. E o curioso é que, apesar da grandeza dos Andes, geralmente a poesia é meliflua.

“Te voy á ver, oh luz de mi existencia !
Tremulo, inquieto, el corazón turbado!...”

diz Piedrahita. Não é quasi o *Amor e Medo* cá de nossa casa? Assim tambem versejam Corral e Carvajal, Marchan e Roca, Córdova e Salcedo. Os impetos dos Pompilios Llonas são excepçionaes nesse lyrismo continuado e pallido :

“Pintor sombrio, en la vision siniestra
que en el lienzo fijó tu osada mano,
la fantasia sin cesar me muestra
la triste imagen del destino humano!”

Mas esses impetos são de desalento e tristeza.

Mera, autor do Hymno Equatoriano, não fugiu á craveira commum dessa especie de poesia patriotica. Si, outr’ora, cantavamos:

“Brava gente brasileira,
Não tendes temor servil,
Nossos peitos, vossos braços
São muralhas do Brasil!”

si os mexicanos ainda agora bradam :

“Mejicanos, al grito de guerra,
El acero prestad y el bridón,
Que en su cimiento retiembla la tierra,
Al sonoro estrugir del cañon!”

si, em tempos idos, os paraguayos protestavam :

“A’ nuestros hijos legaremos
Alta patria preciosa,
Esclavos nunca seremos
De prepotencia orgullosa”.

si a propria *Marselhêsa* grita :

“S’ils tombent nos jeunes heros,
La terre produit de nouveaux
Contre vous tout prêts á se battre!”

e si a *Brabançonne* exclama :

“Aprés des siècles d’esclavage,
Le Belge, sortant du tombeau,
A reconquis par son courage,
Son Roi, sa Loi, son Drapeau!”

fez muito bem Mera, seguindo as pegadas tradicionaes:

“De esos herois al brazo de hierro
nada tuvo invencible la tierra:
desde el vale á la altissima sierra,
se escuchaba el fragor de la lid,
trás la lid la victoria volaba,
libertad tras el triunfo venia,
y al leon invencible se oia
de despecho y impotencia rugir!”.

Não esqueçamos pequeno reparo a proposito da vida intellectual da patria de Olmêdo, a tempo. O sabio jesuita Lampillas denominou Quito *Atenas de America*. Nós consideramos o Maranhão, terra mãe de Gonçalves Dias e Odorico Mendes, de Lisbôa e dos Azevedos, de Coelho Netto e de Graça Aranha, *Athenas Brasileira*. *A Athenas Equatoriana* é a provincia de Azuay, onde nasceram as maiores mentalidades da época que acabamos de estudar.

A LITERATURA CONTEMPORANEA

A série dos homens de letras equatorianos modernos inicia-se com Honorato Vasquez, academico, philosopho, diplomata, grammatico, poeta. Delle, o livro *Cuentos de Noche Buena*. Suas creações literarias mostram quanto a literatura do paiz já se liberta de peias antigas e se desenvolve ao sabor das inspirações do proprio meio. Mas sua poesia se resente das maneiras em voga ao tempo de Campoamor. Continua tambem a abusar do verso sem rima, do verso branco, como quasi todos os poetas patricios.

A' excepção dos primeiros tempos, sempre o Equador foi mais prodigo de poetas do que de prosadores. Arrolam-se entre os primeiros o padre Proaño, um dos ultimos a rimar sobre o Coração de Jesus e Maria Santissima; Don Roberto Espinosa, traductor de Heine; Don Quintiliano Sanchez, preocupado com a gloria de Bolivar; Don Miguel Moreno, notavel autor do *Libro del Corason*, que cantou a graça nacional; o padre Gonzalez Suarez, emerito historiador, erudito admiravel das questões americanas, sobretudo ethnographicas, poeta contemplativo e religioso; Don Miguel Angelo Corral, cheio de *Fantasias de Amor*; Pallares y Arteta, emulo longinquo de Bernardim Ribeiro, com sua *Mujer y Madre* contraposta á *Menina e Moça*. Bastas vezes seus versos encantam:

“Voy con la luna platicando á solas
Y oyendo los concertos de los nidos;
El aire tibio en amorosas olas
Excita los deseos mal dormidos.”

E' o primeiro poeta equatoriano em que, de verdade, o amor substitue a antiga religiosidade lyrica bebida no convivio fradêsco. Leiamos uma de suas poesias:

DOS BESOS

I

Cinco años solamente Inés contaba
Y, jugando una vez en mis rodillas,
La besé, cual se besa á las chiquillas,
Sin notar que su hermano nos miraba.

Roja se puso de verguenza ella
Al ver que se burlava el rapazuelo,
Y su boca limpió con un pañuelo,
Borrar pensando la inocente huella.

Cuando hube terminado la visita
Y del salon pasaba los umbrales,
Noté que del rubor con las señales
Me miraba al soslayo la chiquita.

II

Y passaron diez años. Una tarde,
Al declinar el sol al occidente,
Yo le pintaba mi pasion ardiente
Con el recato del amor cobarde.

— Te amo — me dijo, de ternura llena,
Y yo, de mi ilusion en el exceso,
Robé, al descuido, de su boca un beso,
Mas dulce que la miel de una colmena.

Ella bajó los ojos al momento
Y su morena tez tisonó de rosa,
Diciendo-me, entre amante y vergonzosa:
— No me beses asi. Que atrevimiento!

Dice mi madre en sus consejos sabios,
Que hay malicia en los besos encerrada.
Y miróme al soslayo muy turbada,
Pero... el pañuelo no llevó á los labios.

Don Juan Echeverria perde num incendio suas melhores obras manuscritas, porém nos dá ainda a *Lira Ecuatoriana*; Don Julio Motorelle é dramaturgo, tragico e contemplativo, versejando á maneira dos classicos, ganancioso de morrer:

“Ay la vida! Que es la vida?
Chispa oculta entre pavesa,
Relampago que atraviesa,
Tempestad enfurecida.

.....
De manera
Que pongamos todo anhelo
En la gloria de morir,
Sin cansarnos de decir,
Viendo el cielo:
Nuestra ganancia es morir.”

Don Tomás Rendon inspira-se, para fazer versos, em Santo Agostinho, em Ovidio e nos fabulistas. Polibio Chavez, autor do *Invierno*, carpe saudades da patria:

“Frio intenso! Niebla opaca
Ha inundado la Ciudad.
Todo es triste, el sol no envia
Su anhelada claridad.”

Lembra a suavidade de Verlaine:

“Il pleut sur la ville
Comme il pleut dans mon coueur...”

Continua:

“Mas, que importa? El desterrado
Siempre invierno ha de encontrar,
Si no es el sol de su patria
El que le viene alumbrar.”

Custa longamente a morrer a velha influencia religiosa. Avilez poetiza *Jesus Sacramentado*. Trajano Mera, ao contrario, é um romantico satyrico:

“Por hacerte dichosa me desvelo;
Que no se truequen en angustia impia
De tu pecho la paz y la alegria,
Tales mis votos son, tal es mi anhelo.

Por ti, mi unico amor y mi consuelo,
Sacrificára la existencia mia;
Si pudiera, la noche en claro dia
Por ti cambiára, y este mundo en cielo...

La corona nupcial, en premio, aspiro
Que me dejes poner sobre tus sienes:
Dáme el ansiado sí... por el delirio!

Sabes que cifro en el todos mis bienes...
Asi le dije yo, dando un suspiro,
Y ella me contestó: —Que renta tienes?”

Peñafiel, Fernandez Cordoba, Don Manuel Arizaga, Don Carlos Viterio, o irmão Miguel, do Instituto La Salle, Don Juan Illingvorth, Don Dicolas Gonzalez, Don Alfredo Baquerizo, Don Cesar Borja, Don Clemente Ponce, Toledo, os Dastes, Samaniego, Moscoso, tantos outros enriquecem as fileiras do lyrismo. Entre elles, o ironico Don Joaquin Velasco, com seus epigrammas:

"Predicó con tal manera
El muy reverendo Fuentes,
Que acabada la funcion
Y á los momentos seguintes,
Se olvidaron, con razon,
El padre de los oyentes,
Los oyentes del sermon..."

"Yo pecador me confeso
A' Dios todo poderoso,
Que he sido un solene ocioso
De diputado al Congresso..."

E mais a delicadeza de Gallegos Naranjo :

La primera palabra en el Calvario,
Que dijo el Redentor,
Fué pidiendo perdon por sus verdugos,
A' su Padre y Señor;
Y yo, al ver que tus ojos me dan muerte,
Repito, en mi *pasion* :
Perdonalos Señor!... Ellos no saben
Que espira un corazon!"

Um dos mais bellos poetas dessa geração é Don Rafael Maria Arizaga, actualmente Ministro do seu paiz no Brasil, politico e jurisconsulto, cantor do Mar e do Genio :

"Hay algo que de Dios finge lo eterno,
Que de su gloria el esplendor remeda,
Y que al dejar el mundo se levanta
Regando luz de fulgido cometa;

Y en el cielo brillante de la Historia,
Vencedor del olvido se presenta,
Y el hino de sus triunfos va cantando:
El genio es

Elle é quem nos aponta, num crepusculo terno, sob as folhagens, o tumulo nobre de seu pae :

"Mientras aqui, bajo el dosel glorioso
Del Arbol inmortal del Sacrificio,
Velará en tus cenizas, cariñoso,
El genio de la tumba de Fabricio."

Miguel Valverde escuta o rumor da Grande Guerra e canta Edith Cavell; Carrion publica as *Ecuatoriales*; e Ricardo Jauregui, dramaturgo, traduz Horacio e Juvenal, rima a *Philosophia do Sonho*. A legião dos novos poetas é incontável e bella. A de prosadores, menor, desde Fermin Cevallos, collega do nosso Laudelino Freire, pois organiza o *Catalogo de Galicismos*, até os mais modernos; conta nomes de brilho, e della são esse grande Gonzalo Zaldumbide, cuja obra prima é, para mim, o magnifico *En elogio de Henri Barbusse*. Nesse livro, mostra portentosa erudição philosophica e critica: "Quisiera mostrar, con el estudio de la obra de Henri Barbusse, una manera de ver la vida y el mundo, que devuelve al hombre toda la sombría grandeza que de ordinario desconocemos en él, ó por lo menos olvidamos á dar á las cosas exteriores y á los fines inmediatos de nuestra actividad una importancia y significacion de que en verdad carecen á los ojos de quien ha sondeado el misterio interior, fuente de donde todo emana y adonde todo refulge, y á la cual, por darle un nombre menos vago, solemos llamar: nuestro corazon."

Todos os prosadores são criticos, biographos, grammaticos, historiadores, theatrologos, ensaistas. Falta o romance como sempre faltou o grande poema. A ficção continua a quasi não existir, mostrando que desse ponto de vista não houve progresso desde o século XVII.

Na poesia, dois vultos magicos. Tamariz Crespo, cujo lyrismo americano, nacionalista, regional por assim dizer, perpetua em versos o *Solitario*, passaro dos desertos andinos:

"Flor alada de los tristes pajonales
donde reina la infinita soledad,
cual se hermana tu lamento con los gritos funerales
de las ráfagas que cruzan la desierta inmensidad!"

E o altissimo poeta cuencano Don Remigio Crespo Toral. Suas *Levendas de Arte* formam livro inconfundivel. Mais inspirado que Olmedo, diz Cordero Palacios, escreve como Menendez y Pelayo, verseja melhor do que Quintana, ou Vazquez de Mella, e é, para Blanco Belmonta, *un grande de España na literatura*. Guarda fidelidade ao classicismo. Sua fragrança classica é ainda a que perfuma Gil Polo, Gongora, Baltasar de Alcázar. Mas o seu vinho é "vino nuevo criado en los viejos odres". Tanto que se occupa do parnasianismo na sua terra, onde não teve grande acceitação. De pensamento robusto e preciso, prende-se ás raizes de Castella e as apregoa:

"... dirá la Historia, que tu fama vela:
Española es la altivo carabela
que un mundo virgen arrancó al misterio,
español el valor y la fortuna,
la audacia local y el ardor fecundo,
la aventurera sed que hasta la cuña
de la luz lleva el paso;
y el sol es castelhana que hubo un tiempo
en que el sol en España no halló ocaso!"

Crespo Toral prefere de suas obras o gracioso, subtil e lyrico *Mi Poema*, romagem da saudade atravez do passado, fusão das paizagens da terra com as da alma, cheio de pinceladas de mestre:

GALERIA DOS EDITADOS



LEONIDIO RIBEIRO FILHO,
autor de *Amputação em secção plana.*

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

"Ella perfuma el seno de las flores,
dá ritmo al mar, concierta los rumores
del bosque, el ave inspira; Ella despliega
el tierno laberinto del capullo;
canta con el marmullo
del agua triste, con las brisas llega."

Soberanamente idealista e forte no *España y America*, ardente nas *Baladas y Romances*, elegante nos *Poemas en Prosa*, tristonho nos *Idios del Sepulcro*, mereceu bem ser coroado em Cuenca, no anno de 1917. Seu estro transbordou da patria e foi buscar á humanidade Jesus e Rafael, Adonis e Mozart, o rei Arthur e Carlos Magno, o Tasso, Fra Angelico, Millet. Sua figura dominadora é, na vida literaria do Equador, um marco milliar, como Fombona em Venezuela, Santos Chocano no Perú, Ruben Dario na America Central, Amado Nervo no Mexico, Sarmiento na Argentina, Machado de Assis ou Bilac, no Brasil.

Ao terminar este estudo, não posso esquecer o eminente prosador satyrico Juan Montalvo, que se poderia denominar o Soffredor e cuja penna embebeu no amargor das lides pela existencia. Director da revista de arte, politica e literatura *El Cosmopolita*, tendo publicado na Europa *El Espectador*, autor de varios ensaios sob o nome de *Siete Tratados*, deixou uma obra posthuma, prima — *Capitulos que se le olvidaron á Cervantes — ensayo de imitación de un libro inimitable*. Conseguiu fazer o estylo e ter idéas de Cervantes, mas o verdadeiro valor da obra se mede pelas maravilhas do prologo, *El Buscapié*, o nosso faulhante e endiabrado buscapé das antigas noites de São João. Versado em rabelaisearices e erudito, desafia em graça, chiste, bizzaria as annotações de Bowle e os commentos de Unamuno. Para elle, Quixote é um discipulo de Platão reboçado de sandice. Critica, ziguezagueando, qual um buscapé, alienigenas e indigenas, os puristas e os cassangistas, seu tempo e os outros tempos. Faz rir, faz sorrir, faz meditar. E o que mais combate é a inveja. Por isso, murmura os famosos versos:

"Qui, la gloire t'attend: mais arrete et contemple
A' quel prix on penetre en ces parvis sacrés.
Vois, l'Infortune assise á la porte du temple
En garde les degrés."

Infortunio, premio do talento dos Montalvos, dragão que guarda os pomos de oiro do jardim das Hesperides: "El que desea apoderarse de ellos á todo trance, ha de pelear con ese monstruo y vencerle en singular batalla; y puesto que le venza, no ha de salir sino chorreando sangre, el corazon herido, el alma ensayada en fuego." Assim, se immortalizam os artistas; assim se immortalizou Montalvo. No *La Vie en Fleur*, Anatole France adivinha os desconsolos do agri-doce mister de escrever. Todos nós os conhecemos. Mas elle attrahe como os abysmos e todos por elle nos despenhamos. Que importa o Infortunio, si elle póde dar a Gloria!...

GUSTAVO BARROSO



EPISODIOS TRAGICOMICOS DA VIDA AMARGURADA DO POETA RUBEN DARIO

“*Tengo sed! Tengo sed!*” — Foi, talvez, a phrase que mais vezes pronunciou na sua vida Ruben Dario. Foi, todavia, a primeira que lhe ouvi, na tarde tepida de começo de verão, em que lhe fui apresentado na *terrasse* do Café de La Paix, em Paris. “*Tengo sed!*” disse-me, e sentou-se fatigado a uma mesa, enxugando o suor copioso que, em camarinhas, lhe brotava na fronte.

O boulevard, áquella hora, transbordava. Effundia-se, ao tropear de uma multidão alegre, que tumultuava estonteante por entre o pregão canóro dos camelots. Havia um que annunciava uma canção de Dranem, e Ruben Dario, logo depois radiante, com um copo de *whyski and soda*, diante de si, ria-se tocando-me com o cotovello, cada vez que ouvia elevar-se-lhe guttural a voz repetindo: — “*Ah! si tu avais vu mes cuisses!*” ... *Dernière chanson de Dranem!*

Poucos estrangeiros, conheci eu, mais “parizienses” do que elle. Enternecido era o culto que votava pela Capital da Intelligencia! Não havia, no seu olhar, nesga por mais tenue, que não fosse de uma *sympathia* infinita por tudo quanto o rodeava.

“*Tengo sed! Tengo sed!*” — Foi ainda o que me disse, mezes depois aqui em S. Paulo, na Estação da Luz, ao apeiar-se do comboio que o trazia do Rio. Vinha em companhia do jornalista madrileno Javier Bueño, que lhe servia de secretario, de um photographo, e de meu amigo Alfredo Guido, proprietario dos maga-

zines "Mundial" e "Elegancias". Era uma viagem commercial que faziam. Andavam empenhados na propaganda das citadas publicações de que Ruben Dario era redactor-chefe.

Como insistisse na sua sêde insaciavel de Tantalos, estendendo-me, atormentado, uns olhos obsecros e infelizes, numa face descomposta, propuz-lhe a ida immediata para o hotel, e elle tão promptamente accedeu, que foi lepido como um ginete em *steeple chase* que saltou para dentro do automovel que acenei.

Ruben Dario, por certo, não ignoram os leitores, era natural de Nicaragua. Quando, no trajecto — pressuroso e com soberba, em dobrado aferro de patriota amantissimo — indaguei o que tinha elle achado do Brasil, respondeu-me articulando com solennidade: — "*E's el mismo que mi pais, pero más grande!*" Isto é, o Brasil, este colosso, aos seus olhos, afigurava-se-lhe uma especie de Nicaragua, porém, em ponto "*más grande*".

E' possivel que, a elle, como nicaraguense, lhe parecesse a comparação especiosa. Sublime mesmo! A mim, porém, como brasileiro, confesso-o, não pude deixar de achal-a nimio cachetica. Mas, não lhe quiz mal por isso, coitado! Era tanta a sua sêde! Tão mofina, tão amargurada a sua physionomia!

— "*Para donde vamos?*" — perguntou-me.

E eu, no meu hespanhol deturpado, disfarçando-o á feição do senhor Leopoldo de Freitas, com desmesurado arregalar d'olhos, em voz cava, lhe disse:

— "*Para el Grande Hotel!*"

Ao que Ruben Dario, mollemente estendido de costas, nos coxins do automovel, entreviu de palpebras semi-cerradas, numa suggestão de goso indefinivel, o summum do conforto. Teve um suspiro suave e demorado. Em seguida, aspirando, com a bocca aberta, o ar fresco da manhã, assoprou-o, beatificamente, como se assoprasse, a fumaça de um bom Havana, com os beiços grossos distendidos, as bochechas intumecidas.

N'esse tempo, não possuíamos os magnificos hoteis que possuímos hoje — um Terminus, um Esplanada, com as suas centenas de apartamentos servidos de banho, o seu hall sumptuoso, perfeito atrio de paço, os seus salões de leitura, de conversação, o seu american bar, as suas amplas salas de jantares com os seus jazz-band, os seus creados encasacados, os seus lifts, cada qual mais ligeiro. O argentino, na Europa, quando nos queria humilhar, não tardava em referir-se aos nossos albergues, a que pomposamente — dizia — nós davamos o nome de hotel. E, em parte, não deixava elle de ter razão. Eram, com effeito, uma cousa sordida os nossos hoteis, com os seus quartos impregnados de um bafo equivoco, as suas aguas ainda por despejar, as camas

por fazer, á chegada do hospede. Até hoje me não posso esquecer de um que conheci, em pequeno, no Rio, por ocasião da revolta da armada. O hotel Gioreli, no Campo de Sant'Anna. Tinha fama. Era assiduamente frequentado pelas nossas familias principalissimas. Como as moscas o assaltassem em lufada, que havia de imaginar, na sua boa intenção, o proprietario para as afugentar ás horas das refeições?... Soltava sobre a toalha, na mesa, um passaro de bico comprido, uma especie de saracura, que as andava a debicar de um lado e de outro como se fossem grãos de milho.

Seguindo-o, interessada, nos seus manejos, a filtrar o seu olhar de myope atravez do seu face-à-main, dizia uma fidalga senhora franceza, de cabellos brancos, muito circumspecta no respeito que tinha pelos usos e costumes dos paizes que visitava:

— *“C'est très pratique, en effet, mais c'est très dégoutant!”*

Para Ruben Dario, não me foi possível conseguir aposentos na Rotisserie, então, instalada no predio em que se encontra hoje o Mappin. Estava repleta. Recorri ao Grande Hotel. E como, geralmente em todas as grandes cidades, se não é o Grande Hotel a sua primeira casa de hospedes, é, todavia, uma das melhores, natural era que se fizesse ridente a visão de doce aninho, em que se deixára elle mergulhar naquelle estado de beatitude.

Infelizmente, quando o automovel parou, e eu lhe disse, — “chegamos!” — o seu olhar foi attrahido por um possante labrego, arremangado e de tamancas, que batia com furia de encontro á hombreira da porta de entrada, um tapete esfiapado a desprender torbilhões de pó. Elle esgazeou os olhos perplexo; da calçada ainda levantou a vista para o predio, a miral-o de alto a baixo.

— *“E's este el Grande Hotel?!”* — perguntou-me.

E como eu lhe fizesse signal com a cabeça que sim, notei na sua physionomia um tregeito entre torvo e amuado.

Entrámos.

Ao pé da escada, colloquei-me de lado para lhe franquear a passagem. Convidei-o a subir. Elle, então recusou assombrado, crispando o seu rosto reverendaço. Deixou cahir os braços ao longo do corpo. Estaco ucomo se nunca mais devera sahir daquelle logar, como estaca o cavallo, na estrada, diante de uma cousa que lhe mette medo. Proferiu, por fim:

— “Subir a pié una escalera en un siglo de luces como es nuestro siglo, nunca! Si me quieren matar pueden matarme! Entregome en holocausto, pero subir una escalera a pié, nunca! Jamás!”

E, voltando-me as costas, encaminhou-se imperioso e solenne, a passos lentos do lado da sahida.

Não pude deixar de murmurar um "Mas!..." pasmado. Elle suppondo da minha parte uma censura, respondeu-me secco, com a firme rudeza de quem não admittia replica:

— "*Nunca! Jamás!*"

E, a resmoninhar entre si, fez soar mais cadenciadamente ainda, com sanhuda indignação os seus passos.

Abandonal-o e a seus companheiros na rua, não me era possível. Occorreu-me então, um expediente: tornar á Rotisserie. Ir de novo implorar de Souquiéres um cacifo que fosse na sua casa. A Rotisserie, nesse tempo, era o unico hotel que dispunha de um elevador em S. Paulo. Quiz, no entanto, a Providencia proteger-me. Antes que lhe eu falasse, Souquiéres, ao avistar-me, agraciou o semblante. Foi alvoroçado que me disse:

— O senhor não podia chegar mais a proposito. Partiram diversos engenheiros inglezes, esta manhã, para o interior. Estou com tres magnificos quartos vagos no ultimo andar, precisamente ao lado do aposento occupado por Paul Adam, que é hospede do governo.

Ruben Dario, ao ouvir pronunciar o nome de Paul Adam, teve um estremeção: arfou o peito. Encandeiaram-se-lhe os olhos numa alegria desusada.

— "Paul Adam!" — repetiu.

E o seu amuo como que se foi por encanto. Armou-se desde logo a confidencias. Approximando-se de mim, travou-me do braço, perguntou-me á orelha, quasi a ciciar:

— "*Conoce usted a su señora?*"

— Quem? A senhora Paul Adam? Não, não a conheço.

— "*E's una princesa de gloria!*" — disse-me, e estendeu, com uncção, a vista para o céu.

Eu, muito patusco que era, não pude deixar de lhe envesgar um olho, num sorriso velhaco. Dei-lhe uma palmada na barriga. Chamei-lhe "maganão!" E elle, com tres passadas saltadas para atraz, teve um plumejar de gallo satisfeito.

Uma vez installado no seu quarto, metteu-se no seu pyjama côr de laranja. Calçou as suas babuchas. Pediu ao creado que lhe trouxesse uma garrafa de *whyski* e um sifão. Abriu de par as janellas. O dia estava glorioso, de uma languidez remançosa; o céu esmaltado de azul: os telhados fulvos de sol. Elle deitou-se.

Mais tarde, quando tornei a buscal-o para um passeio, encontrei-o a roncar, como num lethargo, despropositadamente borracho.

Javier Bueño palmilhava fofamente o assoalho com desvelos de enfermeiro vigilante. Não se fartava de o excusar:

— Não tem culpa, coitado! É' a crise! Está a atravessal-a! Depois passa!

No Rio havia sido a mesma cousa! E, na noute da sua conferencia, então, um escandalo! O theatro cheio reclamava por elle! Exasperava-se! Na toalha do pavimento grande era o ruido! Assumia as proporções de uma pateada! O Presidente da Republica, o Marechal Hermes, ia a retirar-se indignado, quando Javier Bueño fez a sua entrada no proscenio. Tiritava sobraçando um volumoso calhamaço. Annunciou:

— O Poeta adoeceu!

E poz-se-lhe a ler gaguejadamente a conferencia.

Antes o não tivesse feito. Nunca no Rio se teve noticia de tamanha estopada.

Annos atraz, como ministro, havia Ruben Dario representado o seu paiz no Congresso Pan Americano. O Conselheiro Rodrigues Alves já o conhecia, pois. Em attenção a essas suas credenciaes passadas, attendeu immediatamente á solicitação, que, em seu nome, lhe fez Alfredo Guido, de uma audiencia para o dia seguinte. Esperal-o-ia em palacio com hora marcada.

— E agora?!... — considerei, apontando-o sobre a cama, no estado deploravel em que se encontrava! — O Presidente do Estado que o espera amanhã!

— Amanhã?... Ah! amanhã estará melhor! A crise já terá passado!

— Mas, essas crises são nelle assim muito frequentes? — indaguei ainda de Javier Bueño.

— Frequentissimas! Sobretudo quando o contrariam! Não póde ser contrariado! Ora, o senhor Guido não faz outra cousa senão contrariar-o!... Nesta viagem, então, tem sido um horror!... Em Madrid não pode o senhor imaginar o que nos aconteceu!... Vomitou elle, numa bibliotheca, sobre um pergaminho veneravel, que lhe havia trazido o director para examinar umas illuminuras preciosissimas!

— Não me diga!

— É' verdade!... Felizmente que o homem era muito anoso, muito myope: uma especie de macrobio. Por mais que chegava o pergaminho á ponta do nariz, não sabia explicar o que aquillo era: aquelle liquido viscoso. Atribuiu-o a um defeito da caixa d'agua no telhado. Ordenou immediatamente ao fiel que removesse todos os livros que se encontravam na mesma prateleira.

E Javier Bueño, redobrando com exacção nos seus cuidados, abeirou-se-lhe do leito: tateou-lhe o pulso; esteve a contar mentalmente. Em seguida, proseguiu:

— E as phobias quando lhe pegam?!... Noites e noites inteiras tenho eu passado sem dormir! De repente, desperta em sobresalto. Põe-se a gritar espavorido, como um demente, de olhos esbugalhados, as mãos agadanhadas em garra. E' o armario que lhe vae cahir sobre o corpo! Ou, então, é o homem de capa negra, que o persegue de longa data, que conseguiu introduzir-se-lhe no quarto... prepara-se para a lucta, e torna-se uma féra!... Outras vezes, foge covardemente... Uma vez, em Paris, fugiu nú para a rua. Os *sergents de ville* foram apanhal-o abraçado a um candieiro... Ah! positivamente, meu caro senhor, se eu pudesse suspeitar os pedaços por que ia passar nesta viagem, por certo, não teria assignado o contracto que assignei! Porque, em summa, não lhe sou um creado: sou-lhe apenas um secretario. Em Paris, o cargo que desempenho é de correspondente de diversos jornaes da minha terra. Sou um jornalista.

— O principal — disse-lhe eu, lançando mão do meu chapéo, — é que elle não nos vá pregar uma d'essas amanhã!

— Não, n'isso póde ficar tranquillo! Não ha perigo! Tenho quasi a certêza: amanhã estará melhor!

E, com effeito, no dia immediato, dissipara-se-lhe por completo a embriaguez. Fui enconral-o pallido, embaçado, mas com a physionomia ainda assim serena. Andava, de um lado para o outro, meio encurvado para a frente, as mãos apertadas nas costas. Quando me viu, aprumou-se. Exultou. Veiu direito para mim de braços abertos: estreitou-me com enternecimento.

Logo depois me bichanava, de novo, á orelha:

— “*Entonce, no conoce usted a la señora Paul Adam?*”

— Não, não a conheço.

— “*E's una princesa de gloria!*”

Como eu lhe falasse no Conselheiro Rodrigues Alves, elle indagou muito interessado que era feito do “*consejero*”; se ainda vivia.

Como se ainda vivia?! E eu estarreci!

Expliquei-lhe que o Conselheiro era o Presidente do Estado.

— Pois, se até o devemos visitar hoje, á tarde... — accrescentei. — Elle o espera com hora marcada! Foi a resposta que deu á carta que *usted* lhe dirigiu.

As minhas palavras, porém, não tiveram echo. Não lhe produziram a minima impressão. Como que não deu por ellas. Disse entre si, a repuchar o pescoço:

— “*Tengo sed! Tengo sed!*”

E foi apertar a campainha na parede.

A porta momentos depois se abriu. Em vez, porém, do creado, appareceu Alfredo Guido, seguido do photographo das revis-

tas. Vinha com aquelle seu afobamento desabrido de *manager*, que o fazia um tanto rispido e antipathico. Ruben Dario, ao vel-o, encolheu-se. Poz-se a tremer a um canto, amedrontado como uma creança.

Antes mesmo de me cumprimentar, berrou elle imperativamente:

— Para hoje o uniforme n.º 1 de après-midi!

— Com cartola? — questionou Javier Bueño, já aparelhando-se para obedecer-o.

— Sem duvida! Como quer o senhor que se vista uma sobrecasaca? Claro está que não pode ser sem cartola!

E voltando-se do meu lado:

— Então como passaste o resto da noite? Uma boa pandega aquella, não?... Muito graciosa a Lucette! Imagina tu: quer acompanhar-me á Europa! Pediu-m'ó, fazendo-se muito meiga, muito *caline*. "*Je serai plus douce qu'une mousmé!*" — prometteu-me.

— E tu vaes leval-a?

— Eu leval-a?!... Estás doido! Era só ó que faltava!... Se, em Paris, nós, os homens, estamos em minoria, somos assaltados, na rua, pelas mulheres! Metter lá mais uma!

— A que horas é a visita? — averiguou mais Javier Bueño, que tirava do armario diversos ternos, e os ia pondo sobre a cama.

— A's duas horas. Precisamos de almoçar ao meio dia e meio, ao mais tardar. E' conveniente que Dario se vista desde já...

— "*Tengo sed! Tengo sed!*" — revirou amarguradamente os olhos, num desassocego, o poeta.

— Não duvido! Se é uma sêde que não passa! Mas, agora, prohibo-lhe: nada de bebidas!

O creado, que abrira a porta, espiou, e rodou sobre os calcanhares, fechando-a após si. Nem siquer indagou o que desejavamos.

*

Fomos pontuaes: acercamo-nos de Palacio á hora convencionada. Um relógio batia duas pancadas. O dia, como o da vespera, faulhava de sol: o ar tepido, parado; o céu retincto de azul. Para as bandas da rua 15, num brouhaha continuo, fundiam-se os ruidos da cidade: o estridulo tilintar dos bondes electricos, o busingar dos automoveis. E, ás portas do correio velho, num remoinhante vae-vem sem cessar, formilhava, em pinha, sobremodo pittoresca, a multidão. Negociantes, burguezes, empregados do

commercio, empregados publicos, estudantes, collegiaes, soldados, costureirinhas, cocottes... — “Uma esmola pelo amor de Deus!” — clamava em tom de lamentação um mendigo faminto de barbas de apostolo, que estendia trememente a sua palheta encardida, encostado á caixa das cartas. Um menino rôto, calçado de chinelas de corda, tocava uma matraca: annunciava sorvetes. É um italiano, de brincos, que trazia castanhas, enfiadas em barbante á ponta de um páu apregoava numa voz esganiçada: — “*Acastanhá! Acastanhá!*”

Ruben Dario, sacudindo-se do seu torpor, torceu o nariz. Murmurou:

— “*Escenario genuinamente sud americano! Horrible! Horrible! E's lo que se vê por toda la America Latina!*”

É, como a esquivar-se-lhe, sentindo contendido os nervos, ergueu-se em pé no torpedo descoberto, a olhar para o céu, — elle o autor do “*Azul*”. A sua physionomia logo se transfigurára. Nimbára-se-lhe de espiritualidade, apesar da voz do italiano que parecia restrugir com mais força ainda bradando: — “*Acastanhá! Acastanhá!*”

Em Palacio, quem sahiu a receber-nos, no topo da escada, foi o Dr. Oscar Rodrigues Alves, secretario do Presidente. Muito aguisado na cordura dos seus gestos. Sempre a sorrir. Levou-nos para um salão, e pediu-nos que esperassemos, espalmando a mão num aceno:

— Um boccadinho, apenas! — disse-nos.

Javier Bueño, que se encontrava á minha beira, observou-me discretamente:

— São duas phrases que se ouvem muito aqui no Brasil: — “um boccadinho”, ou, então, “amanhã sem falta”...

— É verdade! — concordei. — “Um boccadinho”, quasi sempre, significa uma demora longa, estafante, de um dia todo, e “amanhã sem falta” uma promessa que não tem solução.

Ruben Dario, sentando-se, recahiu na sua atonia, no seu estado de aborrimto, a alma a carcomer-se-lhe de tedio. Dobrou o corpo sobre os joelhos, fincou nelles os cotovellos; sumiu a testa entre as mãos. É assim ficou. A sua sobrecasaca nova em folha tolhia-o nos hombros. Elle alçava-os repetidas vezes, ao de leve, como um animal incommodado das moscas. De repente, levantou-se. O “boccadinho” do Dr. Oscar prolongava-se. Foi até á janella.

Não pude, então, deixar de lhe admirar o corte impecavel da sobrecasaca. A secia elegancia com que lhe disfarçava o atafalhado da barriga, já bastante distendida, pela idade, nos seus tegumentos.

Alfredo Guido, que percebera o meu olhar, disse-me:

— Vae-lhe bem, não é verdade?

— Muito bem! Muito chic!

— Pois foi uma tragedia! Nem sei como lhe apromptaram isso! Não é que decido esta viagem quasi do dia para a noite?! Foi tudo feito ás pressas, atabalhoadamente... É o dinheirão que me custou?! Um horror! Uma ladroeira!

Ruben Dario, remexendo num dos bolsos trazeiros, tirou d'elle um frasco de cristal facetado: desarrolhou-o; bebeu dois goles de um liquido amarellado. Devia de ser forte, pois careteiou elle com fealdade. E, logo em seguida, para lhe amenisar o gosto, tirou, do outro bolso, uma metade de laranja, que se metteu a chupar gulosamente.

Uma metade de laranja num bolso! Ora, essa! E Alfredo Guido fez-se escarlata! Remordeu-se ante aquella profanação da indumentaria. Notava agora que uma mancha se alastrava na aba da sobrecasaca. Ia a fazer-lhe uma observação, mas a cortina se franziu de manso, e o Dr. Oscar assomou, convidando-nos a passarmos ao aposento vizinho.

Entramos.

O Presidente, de pé, esperava-nos num angulo da sala. Estendeu-nos muito affavelmente a mão. Ruben Dario sentou-se-lhe á direita no canapé. Dava mostras de enturvado. Olhava-o com um olhar macilento e alheado de quem tinha muito longe o pensamento, ou então coberto de teias. E não lhe respondia ás perguntas. A conversação não conseguia encetar-se: esgalhava-se. Compreendi a delicadeza da situação, e puz-me a falar por elle, numa loquella desapiedadamente banal. Finalmente, veio tirar-nos daquelle pejamento o photographo, que se conservára á distancia, a assestar a sua machina. Pediu-nos que nos juntassemos em grupo. Na testa do Presidente cavára-se uma ruga malgradada. Aquillo positivamente o contrariava. Muito cavalheiro, porém, como o era, fez logo por desvanecel-a, accommodando-se de maneira que Alfredo Guido e a sua comitiva se lhe pudessem empertigar ao lado.

A explosão do magnesio foi formidavel. Estremeceram-se as janellas com zumbidos sinistros nos vidros. O ajudante de ordens, que se encontrava num gabinete contiguo, abriu precipitadamente a porta, num gesto de insoffrido susto. Ruben Dario, então, sorriu-se. Sorriu-se com um sorriso fatigado e palerma. Disse em francez ao Conselheiro:

— *“Il a crû sûrement à un attentat anarchiste!”*

E assim foi que passamos do Palacio para a Secretaria do Interior.

*

No corredor cruzamos com Paul Adam e a senhora. Andavam tambem a fazer a sua visita official. Ruben Dario, para não tombar, agarrou-me no braço. Paul Adam cumprimentou-o apenas. A senhora foi mais amavel: sorriu-lhe. Era uma loira luminosa, de seio d'amphora, extremadamente bella. Figura de baixo relevo antigo. Hieratica na sobriedade do seu porte esguio.

Ao escriptor francez, ouvi esta phrase pronunciada com certa affectação: — "*Ce que je remarque ici, c'est la concurrence des races!*". Pronunciava-a a um rapaz, que lhe caminhava a par, de cabeça voltada para elle, com os olhos avidos, pasmados na sua cara.

O senhor Altino Arantes, Secretario do Interior, não podia ter sido mais cortez no seu trato. Acolheu-nos com uma affabilidade desobrigada de cerimonias: como se fomos velhos conhecidos. Fez empenho em que assistissemos, d'ahi a dois dias, a uma festa em Butantan. Seria offerecida aos dois grandes espiritos que S. Paulo tinha a honra de hospedar: a Paul Adam e Ruben Dario.

Ruben Dario, então curvou-se; quiz ser amavel. Mostrou-se entusiasmado pelo Brasil — terra que elle reputava "*maravillosa!*" E repetiu com solennidade:

— "*E's el mismo que mi pais, pero más grande!*"

— Será?!... mostrou-se fidalgamente duvidoso o Secretario. Ao que Alfredo Guido, muito ancho, acudiu:

— Sem duvida: o Poeta é de Nicaragua!

*

Ruben Dario, ao entrar para o seu quarto, nessa noite, encontrou-o florido. Mandei-lhe um ramo de orchideas. Elle falava-me tanto nas orchideas do Brasil!

Como lhe eu perguntasse, na manhã seguinte, quando o vi:

— Então, que tal? Por certo achou-as lindas?

Elle respondeu-me:

— "*Preciosas!...*" — e confiou-me em segredo: — "*Envié todas para mi querida de Paris...*"

E foi a tremer que tirou do bolso pectoral do collete um papel em que escreveu estes versos, que m'os leu cheio d'alma:

*“Concrecion de ardor y color
Me enviaste un ramo de fragancia
Que envié como un bouquet de honor
Para una gran dama de Francia*

*No habia alli la flor de lis
Que hubiera sido meritoria
Para una princesa de gloria
Que venia aqui de Paris*

*Tu primorosa evocacion
Que habla de tropico y montaña
Contenia una flor extraña
Petalas, color, corazon.”*

*

Emquanto á festa em Butantan, nem sei se não deva silencial-a. Foi um desastre para o Poeta. Asscalhou-se elle á irrisão geral.

Num *speech*, que tentou fazer, em presença das innumeradas senhoras que lá se encontravam, travou-se-lhe, em golfadas aziu-madas, a lingua. Titubeou. Por fim, tombando por sobre a mesa dos doces, conspurcou-se todo. Mutilou copos e pratos: esparramou tudo.

Su querida de Paris, entre lamentosa e sorridente, murmurava:

— *“Tout de même, quel malheur!”*

Logo em seguida, porém, se voltava cheia de orgulho para o marido. Elle, moço ainda e elegante, explicava, com a taça erguida, num agradecimento, ao Secretario do Interior, que o que mais observara no Brasil, e mormente em S. Paulo, — *“c'était la concurrence des races!”*

E a festa, em Butantan, assim terminou.

Ruben Dario, ao dia seguinte, pelo trem das oito, ainda atordoado e amolachado, encurvado como um Christo sob o peso do seu lenho, na sua via dolorosa, descia para Santos a caminho de Buenos-Aires.

RÉNÉ THIOILLIER

“Villa Marapé” — Santos.



A' IMPOSIÇÃO DA MARIQUITA

Caro Macêdo.

Escrevo-te hoje para dar as minhas noticias e saber como vão passando todos ahi.

Ah! Um parenthesis! Relendo essa phrase acima, olho para mim proprio, illusionado... 14 annos? Tenho 14 annos? Estou em Lavras, no segundo anno gymnasial?

“Não! Muda o estylo á phrase, que já não tens 14 annos nem estás em Lavras! Tens 22, és terceiro-annista de Direito e estás no Rio de Janeiro!” responde-me sêccamente, para minha desgraça, a realidade.

Mas, ao contrario de mudar o estylo á phrase, contemplo-a de novo embevecido, e me aperta o coração, porisso mesmo, uma immensa e indefinida saudade. Porque era assim, Macêdo, lembro-me agora muito bem, desse mesmo geitinho, que eu começava as minhas cartas aos meus paes, no tempo, no bom tempo, em que estudava em Lavras. Embora me augmente essa phrase cruel a tristeza que já me causa o estar te escrevendo, aqui deste meu quarto, achacado da paizagem de uma área, e apenas alegrado pela melancolia de meu companheiro, um silencio amigo que paira ao meu derredor, embora me fique ahi amargurando, com lembrar aquelle tempo, em que, só hoje o percebo, fui feliz, não tenho a coragem de tocal-a, de riscal-a. Não só porque a amo como um objecto do passado, como tambem porque a sinto coisa sagrada

e temo assim o castigo em que importaria o sacrilegio de lhe fazer mal.

Perdôa-me, caro Macêdo. Mas... não posso... não posso impedir que os olhos de minha memoria se abram um instante, a verem uma das mais felizes recordações...

.....

Quatorze annos... Lavras...

Segunda-feira. Quatro e meia da tarde. Abala de leve as folhagens um vento sadio e agradável. Também sadio e agradável é o céu, que se mostra de um azul claro, muito claro...

O sino está batendo. Signal para a sahida dos alumnos. Segunda-feira é o nosso domingo. Nosso dia de sahida. O gymnasio é protestante; e os protestantes acham que o verdadeiro domingo só foi feito para se rezar e meditar em Deus.

Eu acabo de vestir, atarefado e anciosamente, o meu terninho de casimira cinzenta. Segunda-feira é um dia magnifico. Cêdo, depois do café, durante o estudo de duas horas, das 7 ás 9, brinquei, ás occultas do regente, ora jogando bolinhas de papel na cabeça dos outros meninos, ora fazendo musica, com dedilhar uma penna fincada nas entranhas da carteira. Creio que se assim não me portasse, o tempo estacaria, e nós havíamos de ficar infinitamente naquelle estudo! Depois do almoço, houve a renhida "barra-manteiga". Em seguida ao café do meiodia, um estafante match de foot-ball. E, finalmente, após refazer-me com um saudavel banho frio e um insalubre jantar, ia sair, dada a ordem por aquelle sino, que, se aborrecido e deshumano ao acordar a gente todas as manhãs ás 6 horas, remia-se desse tremendo peccado, desse peccado mortal, mostrando-se áquella hora tão camarada!

Botinas kangurú, amarellas, bico chato e bem engraxadas, terninho cinzento, collarinho engommado á "Santos Dumont", gravata azul, chapéu palheta, lá segui eu todo importante, em companhia de meu inseparavel amigo Leopoldo, o Leopoldo por nós appellidado "Bicêra", por causa de seu modo de chutar a bola, só com "bicêras" ou com o bico da botina. Transposto o portão da chacara, (o gymnasio estava situado numa chacara, logo á sahida da cidade), lá subimos a rua Direita, uma rua muito torta, de calçamento muito antigo — calçada de pedras grandes! — arborizada de velhas e troncudas arvores, um pouco ingreme, que ia dar lá mais acima na praça, e, por consecuencia, no jardim, verdadeiro lugar a que nos destinavamos anciosos, eu e o engraçadissimo Bicêra.

Mas, era verdadeiramente o jardim que nos atrahia?

Coitado do jardim! Nunca o havíamos siquer contemplado um minuto. Nunca tivemos a gratidão de ao menos o fitarmos

um momento, com o carinho que nos merecia. Pelo contrario. Se sabiamos que elle tinha flôres, era porque lh'as arrancavamos não raramente, ás escondidas do guarda. Ingratidão nossa! Porque aquelle jardim era, então, o lugar, onde eu e o Bicêra achavamos que morava a felicidade. Ahi é que encontravamos as nossas... namoradas. A Mariquita e a Dulce.

Eu ia aquella tarde grandemente preocupado. Muito perto mesmo da tristeza, apesar de ir encontrar a Mariquita.

Ai, Mariquita! Como tu me trouxéras aquella ultima semana mettido em sérios cuidados! A ponto de, ás vezes, prostrado em desanimo, julgar-me tragicamente um desgraçado!

Fazia seis mezes que a amava. Justamente na occasião, em que comecei a tomar parte sinceramente no culto protestante, como que sentindo em mim um principio de conversão a uma das seitas de Luthero!

E só attribuo isso á Mariquita. Não que ella fôsse protestante. Porém, pelo seguinte: quando fui para o Instituto Evangelico, eu era catholico apostolico romano, semi-praticante. Alumno do Instituto, não podia frequentar a igreja romana, que o prohibia o regimento do collegio. Obrigavam-me, por outra, a assistir ao culto protestante. Ora. Como me sentira nascer aquelle louco amor pela Mariquita e certificára-me tambem de que ella não me queria, lembrei-me de pedir a Deus que obrigasse a Mariquita a gostar de mim. Porém, não podia ir, por essa tenção, ouvir umas missas na igreja de meu credo. Tomei, porisso, emprestados os cultos da igreja dos protestantes.

Comecei, então, a seguir-lhes as rezas, fechando os olhos, acompanhando-lhes os hymnos com a minha vóz de taquára rachada, afinal com um mysticismo religioso tal, que trouxe até espanto aos collegas e transbordante satisfação aos puritanos, que, ao passarem, me olhavam com carinhosos e convidativos olhos, murmurando entre si, extasiados, que "mais uma ovelha desgarrada voltava ao rebanho do Senhor"...

Pondo em acção, pois, a "fé que remove montanhas" e os meus olhares tristonhos, no jardim, durante as tardes de segunda-feira, não me foi difficil remover a minha bella Mariquita de sua attitude hostile ao seu apaixonado. Ella passára a gostar de mim tambem.

Dahi foi que, depois de satisfeito esse meu desejo, me veio a convicção de que, tanto na igreja romana quanto na protestante, Deus era o mesmo e nos servia com a mesma bondade...

E, justamente, tambem, na occasião em que me nasceu esse amor, foi que, se dantes estudava ainda um pouco, abandonei por completo os livros. Estes me serviam apenas para nelles gravar

o doce nome. Numa pagina escrevia repetidamente: Mariquita; nas margens, em cima das letras redondas, como se a extingui-las, mostrando-lhes que ellas nada valiam, não precisavam existir, desde que existia a mulher. N'outras, escrevia: Mariquita Neves. Noutras ainda: Mariquita Neves de Azevedo. •Azevedo era o meu sobrenome. Ali, portanto, já seria o nome de minha esposa...

Era mesmo por pensar em meu casamento com a Mariquita, que tão preocupado eu passára a ultima semana, só me distra-hindo, malmente, quando estava em algum sport.

Ora. Eis o caso: eu não queria nem vir para o collegio.

Concluido meu curso no Grupo Escolar de minha terra, fôra meu desejo ter ido logo morar na fazenda. A fazenda, com a sua lida divertida de gado e lavoura, encantava-me sobremaneira. Ali, todo o meu ideal. Meu pae, porém, queria que me illustrasse mais. Por isso, tinha resolvido que eu fizesse o curso do Instituto. Rebellei-me com resistencia contra esse designio. Houve a luta. Não somos, todavia, muito bellicosos em minha familia. D'ahi, ambicionando logo a paz, parlamentámos, um com o outro. E só findou minha revolta depois de firmado um tratado, ambos nós satisfeitos em parte nas pretensões: eu só ficaria dois annos no collegio. Nem mais um dia. Depois viria ser fazendeiro.

Pois bem. Certo já de realisar o meu ideal na vida, apparece-me outro impecilho a que assim acontecesse. Esse impecilho era a senhorita Mariquita Neves.

Uma segunda-feira, em que com ella passeava no jardim, e lhe falava entusiasmado das excellencias da vida do campo, imagine-se como fiquei, quando lhe ouvi que detestava a roça.

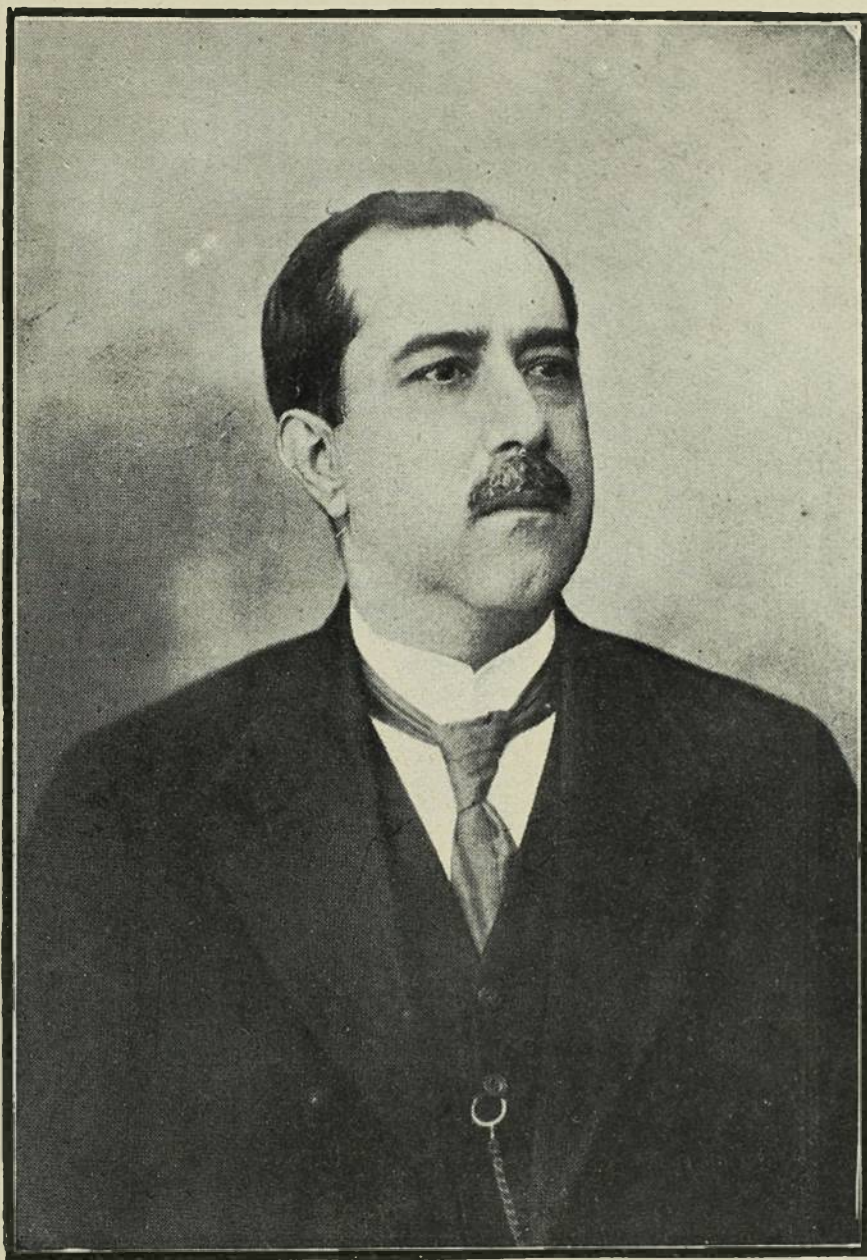
Nada pude mais fazer, então, do que silenciar-me e regressar ao internato com o fim de soffrer. Soffrer bastante, para depois pensar num meio de converter Mariquita ao meu ideal.

Mas, achava difficil essa conciliação. Ella dizia adorar a vida da cidade; eu dizia adorar a vida do campo... e não me removeria absolutamente de meu proposito.

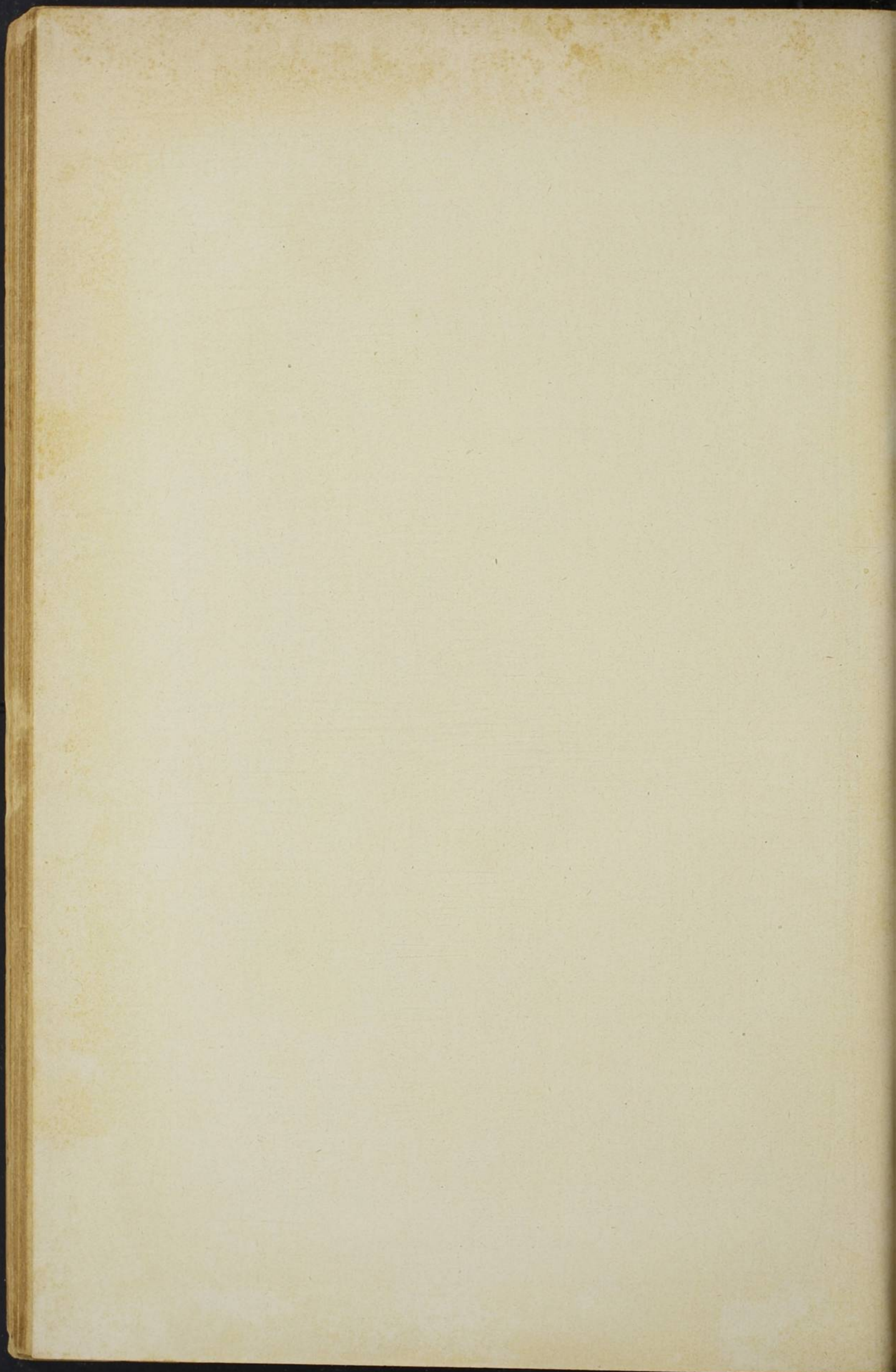
Voltei-me de novo para Deus. Elle me auxiliaria de novo, apezar de, depois de satisfeito o meu primeiro pedido, haver-lhe sido ingrato, não lhe rezando nem mais uma vez. E' que, além de ser eu humano, era-me, então, de todo impossivel pensar noutra coisa que não fosse a minha amada. E só agora, estando em risco de perdê-la, pude de novo concentrar meu pensamento nas orações a Deus.

Estava certo de que a minha fé, a "removedora de montanhas", teria mais um successo. Ia, pois, aquella segunda-feira,

GALERIA DOS EDITADOS



OTHONIEL MOTTA,
autor de *O meu idioma e*
Lições de Portuguez.



um pouco apprehensivo, mas confiante em achar Mariquita convertida. Seria o unico meio de nos conciliarmos. Aquella tarde... decisão! Favoravel ou desfavoravel,urgia decidir-se. Não podia esperar mais tempo em tal incerteza. Chegaria a falar-lhe francamente. Ou ella me amava ou não. Que diabo! Ou nos casavamos ou não!

Passeando de par com ella numa avenida do jardim, o Biceira mais atraz com a Dulce, fui eu que logo toquei no assumpto:

— Se não me engano, Mariquita, parece que ouvi você falar, segunda-feira passada, que não gostava da vida da fazenda?

Dito isto, fingidamente despreoccupado, voltei os olhos para aquelle encanto de treze annos, cabellos negros, têtz amorenada, olhos castanhos, esperando ouvir de sua boquinha mimosa e fresca, como uma fontesinha de agua crystalina, palavras de convertida ao meu ideal, por força dos fluidos de minha fé possante, gastos durante toda uma semana e dirigidos a modificar aquelle desastrado sentimento de Mariquita: — a idiosyncrasia por fazenda. E ella falou no seu natural um tanto autoritario, quasi pretencioso e por isso mesmo encantador:

— Ah! De certo. Falei, repito e repetirei sempre: odêio a roça. Uma occasião, fui para passar 15 dias na fazenda da Virginia, e, apesar da companhia della, veiu-me uma tristeza, um desejo de vêr a cidade! Vêr a cidade tornou-se, então, para mim, como vêr a vida! Em resumo: não supportei ficar lá nem uma semana!

Oh, decepção a minha! Enxerguei em um momento a minha desgraça: não podia casar com a Mariquita. Estava decidido: iria ser frade... na fazenda. E, como tudo ia acabar deante daquellas palavras della, medonhas para mim, eu quiz, por indirectas, discutir o nosso caso, para vêr se, assim sendo, o amor de Mariquita por mim a demoveria de semelhante proposito, já que Deus não quizera conseguil-o ou não o tinha conseguido.

— Ora, Mariquita. E se você tivesse de casar com um rapaz que morasse, tivesse seu meio de vida numa fazenda? Como é que você faria?

— Não me casava, está ahi.

— E se gostasse muito delle?!

— Soffreria muito, mas não me casava.

Vi-me nessa phrase. Perder-me-ia e não se casava. Oh, desgraça! Continuei meio desfallecido:

— Ah! Impossivel! Se você gostasse desse rapaz, você faria esse sacrificiozinho...

— Ah! Se esse rapaz gostasse tambem de facto de mim, faria o sacrificiozinho de morar na cidade... retrucou com um rizinho intencionalmente ironico.

Homem, era verdade. Eu estava sendo muito egoísta. Não cogitava senão de mim. Nisso, ella tinha razão. Tanto a um como a outro, cabia o sacrificio. Eu, porém, não supportaria viver na cidade. Não concebia a minha vida, sem ser na fazenda. Por isso, tentei mais um argumento. Agora, não por indirectas. A's claras, ás claras...

— Mas, eu por exemplo. Você sabe que não quero estudar para nada. Meu pae tem uma fazenda. Só entendo de fazenda. Porisso, tenho de ganhar a vida na fazenda. Se morar na cidade, que farei? Qual será minha profissão? Nesse caso, você é que devia fazer o sacrificio. Na fazenda tenho a certeza de que ficarei muito rico!

E ella replicou ainda, depois de estar algum tempo pensativa:

— Não senhor. Isso não é desculpa. Se você quizesse casar commigo, eu arranjaría para você uma profissão estupenda na cidade. Não é preciso estudar. Você sabe que papae é commerciante; tem uma casa de negocios. Tenho a certeza que eu arranjaría com elle para você ser caixeiro da casa...

— Ora... Mas... murmurei aborrecido, sem ter o que responder.

— Está ahí. Se você quizesse mesmo casar commigo, resolvería a ser caixeiro, em vez de fazendeiro... disse ella, queixosamente.

Fitei-a enternecido. Parecia ter uma lagrima nos olhos...

— Não diga isso, Mariquita. Quero muito casar com você. Porisso, vou pensar sobre essa profissão, para decidir-me... accrescentei tristemente.

Ficámos um pouco amuados um com o outro. Acabou o assumpto. E enquanto ouviamos o riso do Bicêra e da Dulce que vinham perto, nós caminhavamos calados e tristes. Parece que já havíamos rompido, brigado. Mas era o caso: se eu não resolvesse a ser caixeiro... Ser caixeiro para mim não era a questão: Não me conformava era com o não poder viver na fazenda.

Felizmente, o sino da Matriz bateu meia-hora. Era meia-hora depois das oito da noite. Precisavamos recolher-nos ao internato até ás nove em ponto. E, ao contrario das outras segundas-feiras, em que descíamos correndo, por deixarmos a praça, sempre 10 minutos para as nove, naquella noite, mal ouvi oito e meia, consultei com pôse meu relógio de nickel marca "Estrada de Ferro", e, voltando-me, lembrei ao Bicêra que precisavamos descer.

Mariquita percebeu a minha pressa fóra do commum, mas não disse palavra, inalteravel, como que indifferente que me fosse ou não.

O Bicêra, porém, parece que adivinhou minha situação dolorosa. Ou descobriu-a pela minha physionomia que devia estar transtornada e tragica. Concordou, sem se admirar daquella nossa retirada tão cêdo. Dulce foi que, importunamente, reclamou:

— O que? Tão cêdo! Agora é que bateu oito e meia!...

— Não. Precisamos ir mais cêdo hoje, expliquei sem nada explicar, seccamente.

— Hum! Enjoado... volveu-me a ruiva namorada do Bicêra.

Despedimo-nos e descemos a rua Direita. O Bicêra, contente e alegre. Eu, acabrunhado. Respondia-lhe por monosyllabos as graçolas. Elle percebeu que eu tinha encrencado com a pequena e quiz galhofar commigo. Avisei-lhe que não estava para brincadeiras. E, se não fôra o seu bom humôr de sempre, teriamos brigado.

Ao chá, no gymnasio, conservei a mesma attitude séria e irascível.

Afinal, veio o signal de repouso áquelle dia nefasto. Deitei-me com a minha duvida grudada no cerebro. Desprendia grandes suspiros a minha profunda melancolia. Achei, num gesto romanesco, que, na minha situação angustiosa, era decente passar a noite velando os meus cuidados: ou Mariquita ou a fazenda... Impossivel possuir as duas coisas conjunctamente, numa felicidade completa. O' destino cruel! Precisava resolver entre as duas coisas que me eram mais caras no mundo! Devia partir meu ideal. Só podia ter metade... Passaria aquella noite em claro! Esse era o meu desejo... Mas ficou-me somente o desejo. Porque, contra toda expectativa, dez minutos depois de deitar-me, agarrou-me um somno pesado, a que não pudemos resistir, eu e as minhas sérias preocupações: dormi.

Só ás 6 horas da manhã seguinte, quando me accordou o turbulento sino, foi que percebi, tinha dormido a noite toda. Mas, percebi tambem logo-logo que fôra o mesmo que tel-a passado em claro: tinha resolvido a grave questão de minha vida. Creio, fôra durante o somno que a resolvêra. Porque, ao pular da cama, e ao encaminhar-me de toalha ao hombro, tiritando, para o banho frio, vi que possuia já opinião formada sobre a dita grave questão. E, agora, a minha grande afflicção era apenas porque eu tinha ainda de tomar o banho, e em seguida ainda o café, antes de ir para o estudo, a escrever á Mariquita uma longa e amorosa carta, que o Arthurzinho, um meu collega externo, lhe entregaria. Sim. Estava louco para escrever-lhe. Escrever-lhe... que estava resolvido a ser caixeiro...

.....

Fecho os olhos da memoria... Como que accordo de meu extasi evocativo... Que é da Mariquita?! Que é da fé?! Que é do ideal?! Que é das preocupações infantis e felizes?!

Não sei. Só sei que estou aqui no Rio de Janeiro, homem já feito de 22 annos, estudando para bacharel. E que mais?!

Não sei... Ah! Sei tambem que estou escrevendo uma carta ao meu amigo J. Mello Macedo, aqui em meu quarto. Neste quarto affectado da paizagem de uma área que, por cumulo de maldade, é a prisão de uma samambaia que vive parcamente alimentada pela terra de um vaso estreito, e sozinha, a pobre! no deserto acimentado da área! Ah! Sei mais. Neste quarto infeccionado tambem do roufenhar de um gramophone da vizi-nhança, que dia e noite, infallivelmente, perturba aqui a mansuetude do meu silencio e do tic-tac do meu relógio, gritando, escandalosamente, fox-trots espalhafatosos!

Que mais?!

Não sei...

Perdôa-me, bom Macêdo, o que ahi vae. A culpa não é minha: é daquella primeira phrase que me desorientou. E como esta carta já está longa demais, daqui uns dias te escreverei as coisas uteis que te queria dizer hoje.

Teu

Od. Azevedo (1)

Rio — Agosto — 924.

P. S. — Relendo esta carta, achei graça, tristemente... nesta historia. É por ter sahido de facto uma historia, que, aliás, mostra como, desde os tenros annos, os homens vivem mais cahidos pelas saias do que as saias pelos homens, ponho-lhe agora ao tópo este titulo: “A imposição da Mariquita”, o que de certo bastante te intrigou, antes de leres a carta, ou a historia... Titulo que não é nada expressivo para o caso. Mais expressivo, penso, seria este que tambem veiu á mente e que recusei por um masculino e forte orgulho: “O fraco dos homens...”

ODILON AZEVEDO



DO CINEMA

O fim do cinema deve ser sahir da litteratura. Entretanto, o cinema acompanha a litteratura. Já tem, como ella, seus primitivos, seus realistas, seus parnasianos, seus symbolistas, seus modernistas e seus fantasistas. Como ella, elle é tambem uma das artes mais atrazadas, dessas que não sabem ou não podem se libertar do assumpto. A pintura, a esculptura e a musica attingiram a arte pura. O cinema não. Continua a plagiar o theatro e o romance folhetim em vez de viver sua vida propria. Quaes as causas da lenta evolução do cinema? A mais importante é, sem duvida alguma, sua propria maravilha: a photographia animada. Mais tarde veremos porquê. Não acredito muito no progresso do cinema alem dos aperfeiçoamentos technicos.

A questão do estylo, em materia de arte pura, é primordia!. Ora, si os encenadores trabalharem o estylo cinematographico, o cinema perderá em vigor o que ganhar em rythmo e belleza. Outro obstaculo terrivel é o publico, e o cinema vive unicamente pelo publico. D'ahi as necessarias concessões.

Isso nos leva a perguntar qual o verdadeiro fim do cinema e que caminho elle deve seguir. Arte ou realismo?

Vejamos o que se fez até hoje para prognosticar qualquer cousa. Não falemos dos primitivos que ainda não têm para nós o sabor da deformação nem o encanto da ingenuidade. Muito chegados a nós, elles parecem apenas fóra da moda e, portanto, ridiculos.

O cinema discutivel começa com os americanos. Foram elles os introductores do realismo. Levaram-no á perfeição. A preoc-

cupação do pormenor, a caracterização dos personagens foram para o cinema um progresso inestimável. Pouco a pouco, porém, o luxo das encenações, o rebuscamento, a tentação da dificuldade a vencer, levaram os americanos a praticar uma espécie de parnasianismo agradável no principio, mas fastidioso.

O symbolismo, introduziram-no os francezes depois do successo de certos detalhes-imagens de alguns films americanos. Saindo fóra da realidade, os francezes procuram *fazer arte*. Ora, não se faz arte com compromissos de toda a espécie. Os films fabricados em Paris fizeram concessões ao sentimentalismo do publico e ao cabotinismo dos actores theatraes.

Abro um parenthesis para uma simples constatação: os grandes artistas theatraes nunca são bons artistas cinematographicos. Os francezes e os italianos não comprehenderam ainda esta verdade.

Desse periodo symbolista de que foram precusores os francezes, ficaram algumas *trouvailles* empregadas hoje com successo pelos americanos. A principal dellas é a photographia "florie". De toda a producção actual só se salvam certas fitas americanas como as de Griffiths, Stronheim, B. de Miles.

Soffrendo a influencia do modernismo, os allemães empregaram então os scenarios expressionistas. O primeiro film do genero, *O gabinete do Dr. Calegari*, foi o mais bem realizado e o que maior successo obteve até hoje. E' realmente um film original. Outros, feitos depois, no mesmo feitio, falliram lamentavelmente. O erro desses films é o de fazer evoluir no meio de scenarios expressionistas ou cubistas, personagens reaes.

Mas como sahir do personagem real sem renunciar ao movimento? Eis porque a photographia animada é inimiga da arte. Será necessario então abandonar os achados da pintura e da encenação? Essa questão complexa foi quasi resolvida por um encenador brasileiro, Alberto Cavalcanti, da "Cinegraphic" de Paris. Elle conseguiu introduzir a arte moderna em suas fitas sem, entretanto, chocar a logica artistica. Certas personagens como a feira, os cavallinhos de páu, os jogos de circo, são completamente cubistas e simultaneistas, no seu ultimo film: "La galerie des monstres". O resto é realista. Sob o mesmo ponto de vista a scena final do *Dr. Mabuse*, film allemão, é tambem perfeito. Parece-me, portanto, que o futuro do cinema está, ainda, nesse mixto de realismo e de modernismo.

Arte hybrida? Quem sabe!

Mas não creio que tal formula satisfaça os amadores da arte. E, para mim, as melhores realizações cinematographicas são as de ordem fantasista.

No dominio do film comico só as fitas americanas são dignas de discussão. Harry Polar, o popular Chico Boia, o acrobata H. John, Ben Turpin e especialmente o genial Carlito, fizeram da fita comica uma fonte de arte extraordinaria. Unindo a fantasia á poesia e ao absurdo conseguiram desembaraçar-se do assumpto sem mesmo que o publico desse pela cousa. Porque Carlito é não somente um comico genial, mas tambem um maravilhoso artista no sentido completo da palavra.

Com elle, e só com elle, o cinema deixou de plagiar vergonhosamente as outras artes para viver sua vida independente. O cinema de Carlito é um bailado russo: não tem enredo, e, quando o tem, elle é secundario.

Tudo isso me leva a uma conclusão: o que falta para que o film serio evolua e se torne arte, é um Carlito tragico. Mas, no fundo, não será Carlito o mais tragico e o mais realista dos artistas?

Eis porque minha conclusão não tem valor nenhum e que, contrariamente as que affirmei no principio, acredito no progresso do cinema.

Paris, Junho 1924.

SERGIO MILLIET





CAPITULOS DE UMA BIOGRAPHIA PERDIDA DE CAXIAS

III

*Considerações geraes sobre a nova phase da
revolução dos "Farrapos" que aqui se descreve.*

Merece esta phase da revolução rio-grandense, que nos detenhemos, por um momento, antes de continuar a fria narração dos acontecimentos de guerra. Este pedaço de historia nacional é hoje conhecido do mundo intelectual por episodios da vida romanesca de Garibaldi, editada por Alexandre Dumas nas *Memorias* do caudilho italiano. Um e outro *poetisaram* um tanto as tristes scenas desta epocha sanguinolenta, conservando-lhe o fundo historico, mas truncando nomes e factos, e avaliando os eventos pelo circulo limitado em que viveu o aventureiro da liberdade. Não houve intenção no caudilho cosmopolita, como no caudilho litterario, de faltar á verdade, mas de endeusar homens e cousas de que teve apenas superficial conhecimento. Se escrevessemos nestas paginas a historia da revolução rio-grandense, desceria-mos a detalhes em muitos pontos, sobre os quaes deslisamos rapidamente. Não a escrevemos porque vivem ainda os restos dessa valente geração, que tomou parte nessa lucta, e a justiça da historia não se coaduna com os sentimentos que, mau grado nosso, não pode o escriptor deixar de ter para os vivos. A' parte essa razão, reservamos essa analyse e aprofundamento de certos

N. da R. — Ver os numeros 98 e 101 da "Revista do Brasil".

pontos para obra exclusivamente dedicada a essa epocha da nossa historia.

Entretanto, abre-se aqui uma phase tão fertil de eventos que não é desarrazoado considerar rapidamente a posição dos dous campos inimigos, mesmo porque elles reflectem os effeitos da politica iniciada pelo Regente Olinda e o ministerio de 19 de Setembro.

Tinham os rebeldes, em Março, mudado a capital de seu governo, de Piratiny para Caçapava, já para evitar algum golpe de mão das forças do brigadeiro Seara, sempre no eterno acampamento dos Canudos, e fortes de 3.000 homens; já porque aglomeravam as suas forças para o norte, afim de invadir Santa Catharina, e esta ultima posição defensavel, e mais proxima ao theatro da guerra, lhes proporcionava mais faceis communições. Da nova capital tomaram algumas medidas.

Nos principios de 1839 expediram alguns decretos, que são característicos da epocha e das idéas então dominantes, e provam o excesso a que haviam chegado os odios politicos.

Um delles, o de 3 de Fevereiro, a pretexto de represalias, e depois de um longo arrazoado em que os factos passados na revolução do Pará e da Bahia são descriptos de fórma desvantajosa para os imperiaes, estabelecia:

1.º Que os officiaes prisioneiros seriam sorteados e fuzilados em numero igual aos que os imperiaes fuzilassem;

2.º Que os generaes acampados em frente a forças legaes eram autorisados a fazer esses fuzilamentos todas as vezes que soubessem de actos de violencia de imperiaes;

3.º Que os mercenarios estrangeiros ou partidos organisados no Estado-Oriental, que fossem apanhados com as armas na mão, fossem immediatamente passados pelas armas, bem como seus officiaes e chefes.

Este sanguinario decreto assignado por Bento Gonçalves, e referendado pelo intitulado ministro da guerra João da Silva Brandão, fluminense, e ex-official de linha, se não foi executado á risca, abriu campo a muitos actos de sanguinolenta violencia, acobertando, a titulo de represalias, vinganças particulares (1).

(1) Uma medida fiscal diminuiu os direitos das mercadorias importadas dos pontos dominados pela legalidade para os da rebelião. Era animar o contrabando proporcionando recursos ás collectoras anarchicas. Nunca poderiam os legaes impedir esse contrabando, que realmente produzia recursos de rendas á rebelião, e essa medida fiscal ainda mais o animou.

Outra medida barbara e cruenta, represalia criminosa, foi então a ordem expedida para serem expulsos do Districto de Herval, no municipio de Jaguarão, familias legaes, que protegiam o major Astrogildo, em armas pela legalidade, ordenando a sua conducção para a fronteira do Uruguay. Não foi executada, mas a sua simples appareição produziu scenas terriveis no Herval. E' assignada pelo mineiro Domingos José de Almeida. Mais tarde teremos de ver os proprios rebeldes censurando estes actos de insensata malvadez.

Da parte dos legaes nenhum proposito firme havia de executar medidas violentas, e antes muitos prisioneiros annistiados e soltos haviam voltado para as columnas rebeldes. A' excepção de Antero, que fizera recalhir sobre legaes moderados suas violencias e de alguns actos desse genero de Silva Tavares e Chagas, não podia a força regular, imperial, ser culpada de excessos inherentes ás lutas civis.

Chefes isolados da legalidade, percorrendo districtos longinquos, podiam muitas vezes não dar quartel aos contrarios, mas essas violencias isoladas e das quaes não eram culpadas as autoridades superiores, reproduziam-se tambem, e com mais vehemencia, da parte dos anarchistas, não podendo um lado accusar ao outro. O desprezo da vida propria, que demonstravam os rio-grandenses, era a maior atenuação para esses actos, bem que não fossem a sua justificação.

Bem longe de tal proceder, em Porto Alegre, onde até senhoras conspiravam e eram mensageiras dos rebeldes, Elisario portou-se sempre com moderação.

Em toda a sua administração, apesar de armado com a lei de suspensão de garantias, exilou da cidade uma senhora pensionada pelo Estado e muito conhecida em toda a provincia, por festejar as derrotas legaes, e um juiz de paz que foi a palacio reclamar a demissão do presidente ao ministro da Guerra.

Os poucos prisioneiros rebeldes, como os apresentados, foram sempre bem tratados. A par dessas medidas de rigor militar tentou ainda a administração revoltosa introduzir alguma ordem nos serviços, que com mais apparato do que realidade haviam fundado em 1836.

A maior difficuldade com que lutavam era a financeira.

A diversidade de chefes e commandos muitas vezes agindo de motu proprio e sem um centro de obediencia, trazia como consequencia uma situação penosa para suas finanças. Os abundantes recursos que a fertil provincia do Rio Grande offerecia á avidez e cobiça das cohortes combatentes, não eram aproveitados em favor da causa. Os dinheiros das collectorias de todos os municipios da campanha então em poder dos rebeldes, eram tomados pelos chefes que por ellas passavam. Os gados desapiedadamente levantados das estancias dos legaes, vendidos em proveito proprio ou dos partidos, e poucas vezes a intitulada thesouraria republicana via o producto dessas depredações. Montava a perto de trezentos contos a divida por elles contrahida, apesar das requisições forçadas, productos dos impostos e rendas das collectorias. As tropas rebeldes, semi-nuas e faltas de tudo, viviam á custa das localidades que atravessavam.

Embalde Domingos José de Almeida, mineiro, que tão activa parte tomou no movimento republicano, e que occupava o cargo de ministro da fazenda, forcejava para eviitar essas depredações. Era impossivel sujeitar a regimen fiscal tropas irregulares, com chefes só conhecendo a obediencia nas cousas militares. Os esforços de Netto e Bento Gonçalves eram improficuos, porque não podiam recorrer mesmo á violencia, que faria dispersar esses bandos guerreiros que no meio de toda a anarchia davam exemplos de tão extranha abnegação, vivendo á custa do inimigo quando havia e quando não havia, supportando todos os horrores da nudez, do frio e da fome.

Pelo lado da protecção das republicas visinhas tinha havido, de meados de 1838 a principios de 1839, modificação notavel em favor da legalidade. Oribe renunciara, obrigado por successivas derrotas, á presidencia do Estado Oriental, e Rivera assumia de facto o poder. Ameaçado pelo poder de Rosas, procurava nesse momento obter auxilios pecuniarios do governo brasileiro, mandando para esse fim um emissario à côrte, D. Santiago Vasques, a tratar com o gabinete de 19 de Setembro. O encarregado de negocios do Brasil em Montevideo, Barão de Quarahym, ligado ha annos por intimas relações de amizade com Rivera, facilitava essas negociações, ás quaes, aliás, não era extranho aquelle gabinete. A' sombra dessas negociações principiavam a escassear os auxilios aos revoltosos, apesar dos esforços de seu enviado José Mariano de Mattos, então na capital da Republica do Uruguay, e consentia o governo de Rivera que Nery, Calderon, José Rodrigues fizessem reuniões legaes na fronteira, e a atravessassem para se reunir ás forças imperiaes no Rio Grande.

Rosas demonstrava sua sympathia pelo governo rebelde, annunciando á propria legação brasileira, a proxima chegada de um enviado deste, mas tambem a braços com o bloqueio francez, com as questões com a Bolivia, e com ameaças de invasão por parte de Rivera, não dava auxilio efficaz aos revoltosos. A queda do gabinete de 19 de Setembro, apesar de sua origem similar do successor, deu nova direcção a essas felizes disposições.

Vasques retirou-se do Rio de Janeiro, o Barão de Quarahym foi removido para os Estados Unidos e Rivera, perdendo depois a esperanza do apoio brasileiro, adoptou outra linha de conducta com os rebeldes, acabando por mais tarde firmar com elles um convenio de auxilio reciproco. Rosas continuou a sympathisar com a revolta, e se não o mostrava ostensivamente, é porque cada vez mais se complicavam as questões internacionaes que deviam trazer a intervenção anglo-franceza.

Pelo lado das operações da rebelião estavam ellas suspensas por um momento. Estava resolvida a expedição de S. Catharina sob o commando de Canabarro, e a pretexto de atacar Porto Alegre, com o maior segredo sobre o seu verdadeiro destino, aproximavam-se os rebeldes do norte da provincia. Suas forças regulavam então em 8.000 homens em armas e quatro lanchões, com 8 peças e 150 praças.

A legalidade possuia em armas no dia 1.º de Junho, conforme os dados officiaes, 8.281 praças e uma marinha de guerra composta de 3 vapores, 3 brigues, 18 pequenas canhoneiras, 9 lanchões, ao todo 33 embarcações de guerra, com 90 bocas de fogo, e 996 praças de guarnição. As posições que occupava eram as de 1836: Porto Alegre, S. José do Norte, Rio Grande e a linha de S. Gonçalo. Uma bateria fôra levantada por ordem de Elisiario na ilha do Junco, com o fim de bater o forte de Itapoam, e a esquadra cruzava continuamente na Lagôa dos Patos para proteger a navegação mercante contra a flotilha pirata de Garibaldi. O canal de S. Gonçalo continuava tambem guarnecido pelas canhoneiras.

As fortificações de P. Alegre foram collocadas por Elisiario em melhor estado e as deficientes trincheiras de S. José do Norte e do Rio Grande, plantadas em um solo de areia move-dida, foram tambem melhoradas.

Pelo lado politico a situação apresentava-se melhor. Alguns dos chefes legaes mais exaltados haviam deixado Porto Alegre e tinham-se recolhido á côrte. Principiavam todos a comprehender a necessidade de calma politica depois de tantos revezes.

Sebastião Barreto, Chagas, Cunha e outros, estavam na côrte em commissões differentes e Felipe Nery empregado dentro da praça de Porto-Alegre.

Tambem conseguira Elisiario estabelecer mais alguma ordem na administração militar. O interesse individual, o amor de lucro á custa dos cofres nacionaes, que tantos e tão graves prejuizos trouxeram á legalidade, acalmaram um pouco. O fornecimento de cavallos e de viveres, achando maiores difficuldades no seu pagamento, tomou menores proporções, e uma tal ou qual economia foi introduzida no exercito. A étape que era então de 400 réis, foi reduzida a 280 réis diarios, importando só essa verba grande redução nas despesas militares.

A causa da monarchia achava, porém, ainda serios entraves nas discussões da Camara Temporaria.

Entre a administração cahida e contando ainda maioria e os amigos do ministerio de 16 de Abril, continuavam as recri-minações. O deputado Alvares Machado e Andrada Machado atacavam o governo por não empregar a *politica da convicção*,

e se não tomavam abertamente a defeza da causa rebelde, elogiavam as qualidades dos chefes e procediam de forma a tornar odiosa a politica de rigor que o passado ministerio iniciara para o Rio Grande, accumulando homens, armas e petrechos, não recuando mesmo ante sacrificios pecuniarios.

Tal era em synthese a situação diante da qual se achavam o dr. Saturnino de Souza e Oliveira e o tenente-general Manoel Jorge Rodrigues.

IV

Como dissemos, foram muito bem recebidas as novas autoridades na provincia.

O Presidente Saturnino, adoptando uma politica de meio termo, sem adherir a nenhum dos partidos, procurou apoiar-se nos elementos mais sãos da legalidade. Enquanto deixava ao general o cuidado das cousas bellicas tratou de regularisar a administração economica que ia malbaratada, e cujos abusos não podera seu antecessor combater. Documentos falsos de cavalhadas compradas, ordens abusivas e descontraçadas, haviam assignalado o interregno entre a retirada de Elisiario e a chegada do dr. Saturnino. A arrecadação de direitos fiscaes tambem descuidada ou criminosamente exercida atrahiam a attenção do administrador, que foi aos poucos introduzindo mais ordem no movimento de fundos, resguardando-os dos assaltos da cobiça pessoal.

O general continuou a reunir as forças da legalidade. Porto Alegre continuava sitiada e algumas sortidas foram feitas sempre com pouco exito. Na de 23 de Julho foi aprisionado um piquete de rebeldes por Felipe Nery e Andrade Neves. No dia 3 de Agosto foram menos felizes os sitiados, porque sahindo os mesmos chefes com o 11 de caçadores e alguma cavallaria, foram cortados além da ponta da Asenha por forças rebeldes. Reforços sahidos a toda pressa da praça e o fogo da bateria do Portão protegeram a retirada em que os legaes perderam 20 praças e o brigadeiro Nery foi ferido em um pé.

Greenfel tambem não ficara ocioso. No dia 5 do mesmo mez, em um vapor com algumas canhoneiras sahiu para o sul e dahi regressou com forças de desembarque para a lagoa dos Patos. Penetrando com inumeras difficuldades no rio Camaquam, aprisionou tres lanchões rebeldes que ahi estavam e duas lanchas; destruiu o estaleiro naval da rebelião, madeiras appa-

relhadas para dous grandes navios, e a 27 estava de volta ao Rio Grande sem perder um só homem.

Itapoam fôra abandonada pelos rebeldes que dahi haviam retirado sua artilharia, já porque a bateria da ilha do Junco os incommodava, já porque nesse tempo haviam realizado a audaciosa expedição contra a provincia de Santa Catharina, que poderia ter tido outro resultado, se não fôra a impolitica com que procedera o chefe da expedição. Como era natural, os successos desta região tinham causado alguma agitação na visinha provincia. Por mais apathico e indolente que fosse o povo catharinense, a sua fronteira não poderia escapar á influencia de tão graves acontecimentos.

Legalistas e rebeldes rio-grandenses que ahi se acolhiam, conforme a sorte das armas, levavam o germen da desordem a essas povoações tranquilladas como ainda ás fronteiras da actual provincia do Paraná.

A villa de Lages, na serra do mesmo nome, se pronunciou pela rebelião em 1837, e quando as forças de José Mariano e Marcelino fugiram de Porto Alegre para a serra, foram ali recebidas como amigas. Os actos pouco pensados do presidente de Santa Catharina, prohibindo toda a exportação, até de sal, para ahi, e ainda as crueldades exercidas pelo major Alano, legalista, sobre prisioneiros e indefesos montanhesees assassinados, não eram adequados para restabelecer o dominio legal naquellas regiões. A situação da cidade de Lages e de seu municipio foi ora no dominio de um, ora de outro lado, propendendo porém mais para a dissidencia.

Na Laguna a situação não era melhor. Desejariam tanto esses povos ribeirinhos, como os montanhesees a sua usual tranquillidade, mas não sendo possivel escapar ás vicissitudes dessa guerra, que vinha repercutir em suas fronteiras, propendiam no começo da luta com suas sympathias para a rebelião. Essas sympathias não se traduziam em effectivo auxilio, porque avessas eram as populações ao serviço de guerra, mas não obsta essa inercia a que os rebeldes fossem animados por pequenas influencias locais para tentar a empresa.

Tentaram-n'a com effeito. Uma columna de 600 homens ao mando de David Canabarro destacou-se das forças de Porto Alegre. Garibaldi, deixando os menores lanchões no Camaquam, (os que foram tomados por Greenfel) atravessou da margem oriental para a occidental da Lagoa dos Patos, e penetrou com os lanchões *Rio Pardo* e *Seival* no sacco de Itapoam, entrando na embocadura do rio Capivary. Corre este rio parallelo ao Palmares, das lagoas que dividem o Rio Grande de S. Catharina,

em direcção ao norte-sul, para a lagoa dos Patos, atravessando um terreno plano da costa entre o mar e os contra-fortes da Serra Geral. Os lanchões foram içados em rodadas de carretas, e conduzidos, até á margem do rio Tramandahy. Greenfel, instruido da passagem dos navios rebeldes para o sacco do Itapoam e ignorando-lhes o destino, para ali se dirigiu, e não podendo penetrar no Capivary pela pouca agua, deixou a embocadura bloqueada.

Entretanto, chegando Garibaldi a Tramandahy tratou de se fazer ao mar.

Os dous grandes lanchões foram aparelhados e, conduzidos pela barra do pequeno rio, fizeram-se ao mar. O *Rio Pardo* foi lançado á costa por violento temporal e espedaçou-se, morrendo quasi toda a tripulação, escapando Garibaldi com alguns homens, dos 70 que tinha. O *Seival*, commandado por Griggs, salvou-se e penetrou audazmente na Laguna.

Os actos de audacia de Garibaldi são numerosos em sua vida aventureira, mas nenhum ha que se assemelhe á loucura desta empresa.

O Rio Tramandahy que corre das lagoas visinhas em um curso de 11 legoas, forma em sua embocadura um delta de tres canaes. Seu alveo é pouco profundo e o canal de mais agua terá 6 palmos em maré cheia. A' sahida da barra brame o mar sobre a linha de rochedos submarinhos, que passa em frente ás Torres; bancos e parceis numerosos guardam essa entrada, prolongam-se pela costa, estabelecem correntes fortes e defendem toda essa orla do Rio Grande de um embarque. O mais atrevido marinheiro navegaria de S. Catharina para o sul e para a costa do Rio Grande, com previdente susto. Um desvio do navio, um golpe mais forte de leme, uma cerração, póde impelil-o para essa praia inhospita, e no dorso de uma vaga atiral-o sobre essa areia alvejante. A morte a poucas braças da terra espera o navegante e areias movediças abrem a seu turno profundezas incognitas para engolir o navio. Pouco tempo depois nem os vestigios deste se encontram! Centenas de navios ahi têm sido sorvidos!

Foi afrontando esses perigos, no ponto mais perigoso da costa, que Garibaldi e Griggs ousaram arrostar as furias do temporal, no meio de parceis! Um perdeu o seu navio e tripulação, outro salvou-se com um e outra! Foi geral o espanto dessa acção. — *Incrível* — chamou-lhe estupefacto um correspondente de S. Catharina para o *Jornal do Commercio*, da côrte! Emquanto isso, Canabarro marchava na mesma direcção e algumas pequenas partidas organisadas na propria provincia de S. Catha-

rina forçavam algumas guardas avançadas da Manpituba. A vanguarda de Canabarro, commandada pelo tenente-coronel Teixeira, ladeava Tramandahy, Manpituba e vinha postar-se em frente á Laguna.

Não estava indefesa a cidade. No porto os navios de guerra, escuna *Itaparica*, brigue-escuna *Cometá*, canhoneira *Imperial Catharinense* e *Sant'Anna*, lanchão *Lagunense*. Em terra sob o commando geral do tenente-coronel Vicente Paulo de Oliveira Villas-Boas, um batalhão de caçadores, um esquadrão de cavalaria, além de destacamentos em Villa Nova e Muruhy, formavam um todo de 500 praças.

No dia 21 de Julho appareceram os rebeldes do lado do sul, na barra. No dia 22 a canhoneira *Imperial Catharinense*, ao descer o rio Tubarão sustentou com os rebeldes vivo fogo e foi incendiada. O lanchão *Lagunense* cahiu em poder dos atacantes. Nessa mesma noite o coronel Villas-Bôas, ás 10 horas, abandonou a cidade e retirou-se para o norte. Canabarro entrou na Laguna que tomou o nome de villa *Juliana*, e estabeleceu um governo republicano, declarando a Laguna um porto franco. Ahi encontrou Canabarro muitas munições de guerra, canhões, viveres, tres navios de guerra, treze mercantes, finalmente recursos de todo o genero não só para se sustentar, como ainda para dominar toda a parte de terra firme, se houvesse sabido aproveitar a occasião. Algumas partidas avançaram para o norte até a cidade de S. José; se quizessem poderiam tomar a propria ilha e a cidade do Desterro.

O terror ali era immenso; a população estava em angustiosa expectativa e esperando a todo o momento ver apparecer alguma força invasora. O brigadeiro Pardal, presidente da provincia chamou toda a guarda-nacional a destacamento, guarneceu pontos e tomou as medidas que pôde. O desejo de se baterem não era porém geral entre os habitantes.

Esta situação echoou intensamente na côrte. A' revolução do Rio Grande, á invasão de Santa Catharina, ajuntavam-se os horrores da revolução do Maranhão, uma agitação surda na fronteira de S. Paulo, as desordens da Franca nesta provincia, e as discussões violentas na Camara Temporaria.

O proprio commercio da côrte comoveu-se porque estavam seriamente ameaçados os seus interesses. Garibaldi, com tres navios, sahira a piratear na costa do Brasil, chegando até á altura de Santos. Oito navios mercantes foram aprisionados pela esquadilha rebelde em poucos dias, e alguns á vista do forte de Paranaguá.

O governo não hesitou em tomar novas e mais energicas medidas e apelou para um velho militar, cujas idéas não eram de certo as que desejariam os chefes liberaes.

Foi então que um delles, um dos mais proeminentes na historia do liberalismo brasileiro, o ex-regente Diogo Antonio Feijó, apresentou no Senado um projecto por sua natureza e forma destinado a collocar o paiz e as provincias agitadas pela anarchia sob uma lei verdadeiramente draconiana.

Tão frouxo durante os primeiros tempos da revolução rio-grandense, como energico se queria mostrar agora aquelle que d'ahi a dous annos tinha de empunhar as armas contra leis, que nem de longe se assemelhavam ás disposições despoticas de seu projecto.

Tinha o Senado, comovido pelas successivas revoltas no imperio, nomeado uma commissão de salvção publica, convidando a Camara Temporaria para nomear outra, afim de que reunidas propusessem medidas para salvar o paiz. A idéa da dictadura, a de apressar a maioria do Sr. D. Pedro II para governar com um conselho, a regencia da Imperatriz viuva, Duqueza de Bragança, foram idéas aventadas nas camaras e na imprensa, para sanar tão graves males. A Camara regeitou a nomeação de commissão e então o padre Feijó em sessão de 22 de Agosto apresentou esse monstro legislativo e judiciario. Não nos é possível transcrever na integra esse documento liberal, mas as prisões, a pena de morte, a deportação abundavam nelle e erão penas facilmente facilitadas ás autoridades superiores.

Algumas palavras do ex-regente ao justificar o projecto exprimem suas idéas capitaes. Depois de falar na anarchia que lavrava no paiz acrescenta:

“Confesso que a principal medida seria uma reforma radical da constituição, mas nem nesta camara pode tal proposta ser feita, nem convem que eu declare a maneira porque deveria ella ser feita, porém o que é indispensavel, é que a assembléa se mostre justa e fiel observante da constituição para dar exemplo ás autoridades subalternas, que deixe a Camara dos Deputados de anarchisar o povo declamando, injuriando e envenenando as intenções dos ministros, imputando-lhes prevaricação verdadeiras e suppostas, desconsiderando-os na opinião publica, ensinando ao povo a ter em desprezo estes altos funcionarios”.

.....

“Senhores, não se pense que eu tenho odio ao actual systema, pelo contrario, eu sou grato. Desde que se proclamou a cons-

tituição no meu paiz tenho sido escolhido para todos os empregos, ainda os mais elevados, mas que importa?

“Eu ganhei muito, mas a nação perdeu tudo (!!)”.

.....

“Eu vou ler os projectos. Estes primeiros artigos dizem respeito ás medidas sobre a anarchia: medidas pequenas, mas que julgo importantes e sufficientes para acabar com ella. (lê). O que se segue diz respeito ao jury e á imprensa. Sr. Presidente, tenho lido e todo o Senado sabe e tanto se tem repetido que essas duas instituições são as columnas da liberdade; mas eu direi o que a muitos não agrada, que foram dois flagelos, que sobrevieram ao Brasil. Medito por vezes a ver se descubro os bens da imprensa e apenas noto que foi uma arma terrivel, que se dá aos maldizentes. (apoiados). Desde o chefe de estado até á ultima condição na sociedade todos são injuriados, ultrajados e calumniados. Os brasileiros perdem a vergonha e temos adoptado por disfarce esta expressão: eu voto ao desprezo —; mas é por que não ha outro remedio. A principio alguns tiros e facadas sofreram os redactores; mas a tanto cresceu o numero dos maldizentes que cessou este meio de vingança, por que seria já necessario matar a meio mundo”.

Era este mesmo senado que dahi a trez annos deveria ser preso redigindo uma folha revoltosa, e lamentando não poder empunhar uma espingarda no campo! As idéas que o chefe liberal, aceito pela escola liberal enunciou nesta sessão e em seu projecto fariam honra ao chefe de uma reacção absolutista!

EUDORO BERLINK





MIGUEL RASCH ISLA

A poesia contemporanea da Colombia conta tres authenticos principes, que o são tambem de toda a America Hespanhola: Miguel Rasch Isla, o mais moço e quiçá o mais brilhante, auctor de lapidares sonetos tocados d'uma emoção intensa; Alfredo Gomes Jayme, o ultimo dos romanticos, senhor d'uma technica magistral, cantor de poemas que são como illuminuras medievaes; e Guilherme Valencia, o parnasiano, o attico, o amante da perfeição e da belleza, segundo os estatuarios de Athenas. Facto que merece conhecido entre nós é que todos tres exibem vinculos amorosos para com o Brasil e o seu parnaso. Valencia, cognominado o Apollonida, conheceu-nos, como delegado do seu paiz, na segunda Conferencia Pan-Americana, reunida no Rio de Janeiro; nos vagares das sessões entreteve palestras inesqueciveis com o grande Bilac; estudou-o, interpretou-o, amou-o; ao voltar aos penates, correu a vasar na farma perfeita do seu verso castelhano, os melhores poemas do nosso grande mestre.

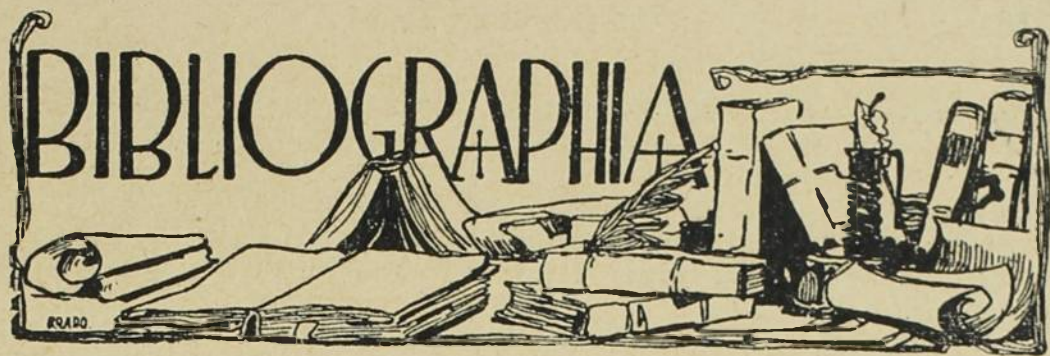
Constituiu-se, assim, na America Hespanhola, um porta-voz do nosso incomparavel lyrismo, e as suas opulentas collecções de versos são todas enriquecidas com pedaços escolhidos dos mais nobres rimadores do Brasil. Foi o mesmo Valencia quem offereceu a Miguel Rasch Isla o deleite da poesia de Bilac. Depois, o moço Isla teve em mãos o precioso volume *Tarde*, e inebriado e commovido, sentindo latejar n'aquelles rythmos alguma coisa que falava bem alto á sua psyché de latino-americano, propoz-se a verter na integra os seus sonetos. Seu primeiro cuidado foi o

estudo exhaustivo da nossa lingua. Empreendeu depois a traducção, mas os obstaculos cresceram, porque Rasch Isla não é um *traductor traidor*, nem tampouco se limita á passagem litteral das phrases e dos vocabulos, cousa, aliás, incompativel com as exigencias da rima e do metro. Por isso, o vate colombiano deslisou para verdadeiras paraphrases, transfigurando as idéas primas de Bilac. Mas, os sonetos traduzidos não desmereceram dos originaes. Haja vista o primoroso exemplo de *Las Campanas, Os Sinos*.

Assim como traduziu Bilac, Rasch Isla verteu para o hespanhol muitos outros brasileiros, Vicente de Carvalho, Amadeu Amaral, Luiz Carlos da Fonseca, uma dezena mais. De chofre, punha elle em fóco a opulencia da nossa litteratura, que, por mais pessimistas que teimemos em ser, tem um immenso logar á luz do sol. E a verdade é que, dentro dos limites fraternaes da America, nos desconhecemos cordealmente. A nossa litteratura, tão viva e tão original, é profunda, é integralmente desconhecida no resto da America. Assim tambem, ignoramos as florações artisticas dos nossos visinhos, pagando-lhes na mesma moeda. Contra essa indesculpavel indifferença reagem altissimos espiritos, do porte de Isla. Bem haja a sua iniciativa, do mais puro, do mais desinteressado, e do mais fecundo idealismo!

Agora tem elle em mãos a confecção d'uma *Anthologia* dos nossos poetas, destinada a circular por toda a America irmã. E como as suas traducções são obra acabada e perfeita, capaz de communicar novo brilho a uma idéa, comprehende-se que a *Anthologia* será definitiva, e muito differente das canhestras tentativas até hoje frustradas pela mediocridade dos traductores. Oxalá os nossos poetas tomem os primorosos sonetos de Rasch Isla, e, n'uma retribuição linda, passem para os assentos lusitanos as obras-primas que se intitulam: *A una golondrina, A un arbol nasciente, Un cuento* — que exprimem estados d'alma de intensa emotividade, temores, anhelos, esperanças ou desillusões do pobre coração humano alanceado por maguas infinitas e duvidas indecifráveis.

ARGEU GUIMARÃES



*POEMETOS DE TERNURA E DE MELANCOLIA —
Ribeiro Couto — Companhia Graphico-Editora Monteiro
Lobato — 1924.*

A poesia do sr. Ribeiro Couto tem sido classificada de mil e uma formas. Bem pesadas, porém, as cousas, e dando de barato que poesia é genero que se classifique como café nas bolsas, verifica-se que nenhum leva a melhor. Igualam-se no quilate das erronias, o que tudo, entretanto, vem a favor do poeta. E' que, entornados por sua obra de estréa os caldos do sedição registro da crítica, não teve esta mão em si que não lhe inventasse rotulo ou o encamboiasse na série mal definida dos que lhe não vão muito á missa.

Si ao "Jardim das Confidencias" coube esse condão, aos "Poemetos de ternura e de melancolia" coube o de vir pôr os pontos nos ii. O poeta — constata-se agora — não é nenhuma das affirmações dos escribas. Escapo ao ramerrão de outrora, não vae — e mui avisadamente — ás do cabo. Fugir de uma, não é caminhar para a bocca de outro lobo... A seára que lavra é a velha seára do sentimento. Mas, com que arte sabe colher ahi frutos de sabor novo! Magua e piedade, ternura e melancolia, ennuublano-lhe os prismas por que vê a vida, fazem com que aspectos do quotidiano vulgar ganhem exquisitas nuanças, completando-se em poucos versos um poema de singular valor emocional. Aliás, já foi notado que alguns dos seus versos, dilatados pelas reticencias, contêm romances inteiros, como em Heine.

Na pagina de rosto, o proprio poeta se define:

Minha poesia é toda mansa.
Não gesticulo, não me exalto...
Meu tormento sem esperança
tem o pudor de falar alto.

.....
Para não ferir a lembrança
minha poesia tem cuidados...
E assim é tão mansa, tão mansa,
que pouisa em corações maguados
como um beijo numa criança.

Nesta imagem final reside uma synthese exacta dos caracteres dominantes de sua poesia. Houve quem lhe censurasse taes modos, clamando-o a deitar a palavra forte, accorde com a juventude da terra e da gente... Extranhavel. Si, entregue a si mesmo, sinceramente se nos revela temperamento de verdadeiro poeta, com feição acentuadamente ly-

rica é certo, mas vestindo galas novas, como lhe indicar caminhos? Não será isso crear moldes? Ha que louvar o poeta pelo accento novo que poz em velhos motivos, pelos seus rythmos inusitados, pelas injeccões de reactivante que fez no depauperado organismo da nossa poetica — o que já não é pouco. Queiramol-o sempre assim, amoravel e meigo, a trazer para nossa vida agitada um pouco dessa fina sentimentalidade que lhe repleta a alma.

CONTOS ESCOLHIDOS — Monteiro Lobato — S. Paulo, 1924.

No momento de transição que é a adolescencia, em que se traçam devéras as linhas mestras por que deve pautar-se o teor da vida de cada qual, vêem-se rapazes e senhoritas presas de uma ancia de leituras novas que os evadam ao mundo da fabula, em que até então viveram, e os ingresseem na realidade da vida. Procura que procura, não encontra o preceptor obras de todo ponto recommendaveis. Ou são livros para creanças, em que a fantasia tem magna parte, ou livros para gente feita, eivados quasi sempre de scenas de duvidosa moralidade.

Attentando para esse facto, o sr. Monteiro Lobato resolveu reunir em volume os melhores contos dos livros que publicou. Fel-o, mas obedecendo ao mais absoluto criterio educativo, isto é, eliminando as paginas realistas cuja leitura não vae bem aos leitores a que é destinada a obra. Houve tambem a preocupação do interesse a despertar nos jovens leitores, pelo que não foram esquecidos os relatos chistosos, nem os commoventes, que muitas vezes levam ás lagrimas. O summario, que damos a seguir diz melhor que quaesquer palavras:

O engraçado arrependido, A colcha de retalhos, A vingança da peroba, Bucolica, O comprador de fazendas, O estafeta, As fitas da vida, O drama da geada, O jardineiro Thimotheo, O rapto, O "resto de onça", Tragedia de um capão de pintos, Pedro Pichorra, O 22 da "Marajó", A onda verde, A lua cornea, O despique, Veteranos, A nuvem de gafanhotos e Triptico indigena.

Não precisariamos pôr mais. Accrescentaremos, porém, que a direcção do Collegio Mackensie de S. Paulo já o approvou para livro de leitura de suas classes secundarias, no que foi acompanhado por varios estabelecimentos de ensino do Estado. Para esse fim, já os contos se acompanham de notas sobre os vocabulos novos do texto.

VIDA QUE PASSA... — Caio de Mello Franco — Anuario do Brasil — Rio — 1924.

Bem andou o sr. Caio de Mello Franco juntando nas paginas deste livro, parece-nos que seriadas por datas, composições de varia época. E' que, assim, travez dellas se podem vislumbrar os processos por que evoluiu a sua poetica, libertando-se a pouco e pouco das peias que lhe tolhiam o vôo amplo. Na verdade, as partes em que se divide o volume são significativas dos estadios de sua arte. A principio, obediencia aos classicos dictames. Canções, balladas, villancetes, que, nem por serem revelhos os themes, perdem encanto em suas mãos. Toucam-se de galas novas e já nos dizem de uma ancia de libertação, que, se desaparece, quanto á fórmula, nos "Poemas de amor e da natureza" e na "Vida inquieta", não o mesmo quanto á concepção. Esmaltando os versos de pensamentos no-

bres, já reponta nesta ultima secção a benefica influencia de Roma, que mais para diante desabrochará exuberantemente. Das "Elegias romanas" são admiraveis algumas, assim como os epigrammas "Ao longo da via Appia". O poeta, já senhor de bôa cultura, sabe condensar em poucas linhas o ensinamento sabio que lhe dita a meditação. Não mais a submissão a dictames rigidos, a eloquencia de palavras sonoras, mas a elocução facil e cantante.

Folga-se em constatar esta evolução. Sem fincar pé em dessorados moldes, mas tambem sem subitas mudanças, vae o poeta caminhando para a realização de uma obra mais perfeita. Para tal, não lhe faltam partes. Intelligencia lucida e malleavel, pode de direito almejar a posição saliente na falange dos novos poetas brasileiros.

MOLESTIAS DOS LACTENTES E SEU TRATAMENTO
— Dr. Leoncio de Queiros — Companhia Graphico-Editora
Monteiro Lobato — S. Paulo, 1924.

A mortalidade infantil em nossa terra é uma cousa assombrosa. Morrem por mez milhares de creanças em proporção muito maior da dos que nascem. Os proprios especialistas mostram-se alarmados com o caso. E não encontram outra explicação a não ser a falta de cuidados medico-hygienicos por parte das mães de familia. Não que as mães brasileiras sejam para ahi umas desalmadas que deixem perecer os tenros rebentos á mingua de cuidados. Não. Sua abnegação é capaz de tudo. Mas tudo isso e admiravel instincto de que são dotadas não basta. E' mister que sejam instruidas por pediatras habeis, que conheçam certos segredos de hygiene e alimentação, certos symptomas de molestias e os meios de fazer com que desapareçam sem maiores prejuizos para a constituição do bebé.

O ideal seria termos escolas de puericultura, em que de viva voz ouvissem as mães a lição autorisada. Uma vez, porém, que assim não é, cabe ao livro esse papel. Ha já publicada alguma cousa a respeito. Livro exclusivo, porém, pode-se dizer que o unico é este da autoria do dr. Leoncio de Queiroz — *Molestias dos lactentes e seu tratamento*. Como o proprio titulo o indica, é um tratado completo de pediatria. Não foi olvidada uma face do problema. Baseado nos principios da moderna escola allemã, de que se fez fervoroso adepto, e "consciente de que a má interpretação orienta a má therapeutica" e de que "bem interpretar é bôa forma de proteger os lactentes", ministra uma serie enorme de conhecimentos, muitos dos quaes serão até lição para os proprios collegas do autor. Quer isto dizer que estamos em face de um trabalho verdadeiramente scientifico, capaz de marcar época nos annaes da pediatria nacional. Lêl-o, pois, é dever que se impõe e tel-o em casa para casos de emergencia, dever das mães de familia que se desvelam pelos filhos.

MOYSÉS — Menotti del Picchia — S. Paulo, 1924.

Reedita-se agora este poema, publicado pela primeira vez no Rio em 1917. Sâe refundido em varias partes, sem nenhuma modificação na sua essencia ou na sua estrutura, no que andou bem o autor. "Moysés" foi o seu primeiro poema, "primeira ancia com sua definida e geometrica ossatura de inquietude". Construil-o de novo seria tirar-lhe o valor documental de seu "presentido instincto de imperiosa necessidade de renovação es-

thetica". Escoimou-o apenas de imperfeições e baldas, de maneira a tornal-o tal que lhe não afeie a bella bagagem.

Precedem aos versos palavras com que explica o autor seu pensamento no actual instante literario do paiz. Paginas de bôa prosa, são lidas com prazer.

DA FALLENCIA — Dr. Almachio Diniz — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo, 1924.

O sr. Almachio Diniz é um dos nossos mais autorizados jurisconsultos. Dono de uma cultura solida, não só juridica e scientifica, como litteraria, sua palavra é ouvida e acatada onde quer que chamado a pronunciar-se. Seus livros occupam logar de destaque nas estantes dos nossos advogados e commerciantes, pois sobre elucidarem por completo a materia, vasam-se em linguagem de boa agua, que agrada e instrue.

Este volume — DA FALLENCIA — é o tratado mais completo que se encontra em nossas livrarias. Theoria dos factos e pratica dos principios á luz da lei n. 2024 de 17 de dezembro de 1908 e da ultima jurisprudencia dos juizes e tribunaes da Republica, não se preocupa apenas da legislação brasileira. Esmiuça todos os pontos do direito da fallencia, desde a antiguidade e a edade media até nossos dias, detendo-se principalmente no confronto das legislações contemporaneas. Leitura que se faz sem esforço e que nos deixa cabalmente informado sobre o assumpto. São cerca de quinhentas paginas admiraveis de clareza.

Na introdução, tem-se o quadro exacto da evolução do instituto da fallencia e sua processualistica, o que sobremaneira importa para governo dos que vão enfronhar-se do assumpto. Denota da parte do autor completo assenhoreamento da historia, agradando mesmo aos que, leigos em direito, se interessam pelas coisas da civilisação. Com esse lastro indispensavel, está o leitor habilitado a entrar no estudo da questão, que se lhe apresenta exposta de maneira a não permittir que paire a menor duvida no seu espirito. Apoiase ademais em autorizados escriptores e nos accordams das nossas mais altas corporações judiciaes, o que faz que consideravelmente avulte a importancia da obra. Extensa bibliographia prova grande erudição do autor; nos dominios da fallencia, não ha o que ignore.

Livro como este, é bem de ver que se torna indispensavel nas mãos, não diremos apenas dos advogados, mas de todos quantos se entregam ao commercio. Ahi estão solvidos quantos problemas se lhes apresentem, cada um em sua pagina propria, designada no indice remissivo, que facilita assaz a consulta.

AURORAS BOREAES — Benedicto Cardoso — Livraria Economica — Bahia, 1924.

Trabalho de estréa, apresenta-se inçado de imperfeições, que, porém, não escondem de todo o valor intellectual do joven autor. Com o tempo, poderá dar-nos cousa melhor, e que o seja em edição mais apresentavel...

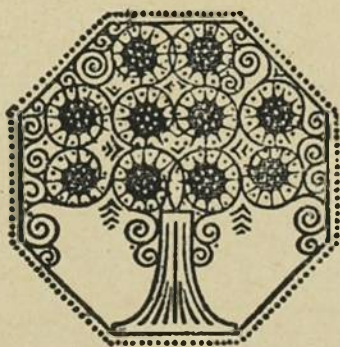
CINZAS... — W. Spalding — Porto Alegre, 1924

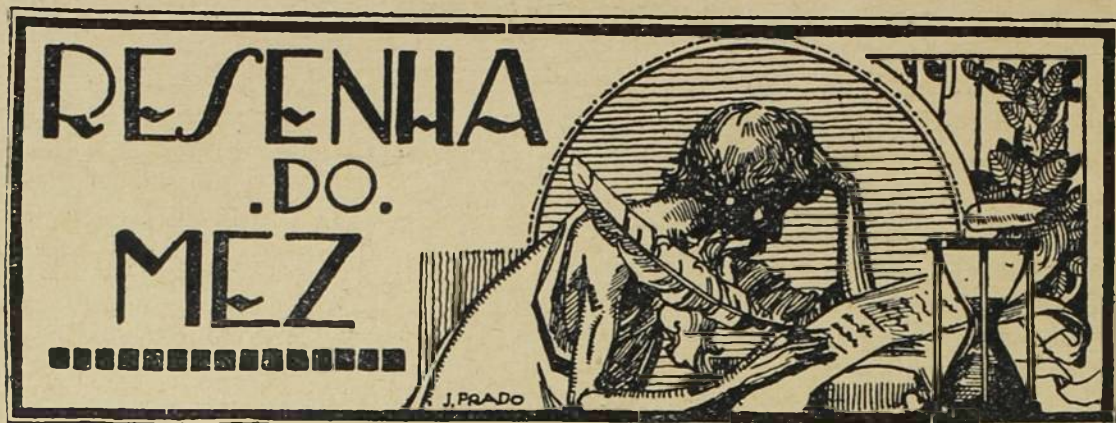
Como aquelle, versos fraquissimos, desculpaveis apenas como peccadilhos da meninice. Vislumbram-se-lhe porém certas qualidades apreciaveis.

REVISTA TRIMENSAL DO INSTITUTO DO CEARÁ --
Typographia Minerva — Fortaleza, 1924.

Commemorando o primeiro centenario do jornalismo cearense e da adhesão do Ceará á Confederação do Equador, o Instituto do Ceará publica mais um tomo de sua excellente revista, muito bem impressa, em Fortaleza. E' um volume de quasi 400 paginas, em que se encontram os seguintes trabalhos:

Geographia do Ceará — Barão de Studart; Presidentes do Ceará — (Ignacio Francisco Silveira da Motta) — Cruz Abreu; O lançamento da pedra fundamental do Grupo Escolar de Fernandes Vieira — Antonio Theodorico da Costa; Cartas de Gonçalves Dias durante sua estadia no Ceará como membro da Comissão Scientifica; A Independencia do Pará — Barão de Studart; Algumas Linhagens de familias do Sul do Ceará — R. Torcapio; O Ceará e a Proclamação da Republica — Julio Cesar da Fonseca; Em torno da Abolição — Julio Cesar da Fonseca; Ouvidor Araujo Franco — Dr. Palma Muniz; Schisto Betuminoso da Chapada do Araripe — Sylvio F. Abreu.





EUCLIDES, O DESCOBRIDOR

Ha vinte e dois annos foi publicado *Os Sertões*, abroquelado, logo de inicio, de repercussão vehemente e imprevista.

Um anno depois era o autor eleito membro conspicuo da Academia. illustrando, copiosamente, a mais original das carreiras literarias do paiz: o engenheiro, egresso da fardá, escrevera aquelle livro abrigado num ranchinho fragil, ao mesmo tempo que construia no interior de S. Paulo uma ponte que ruira...

Eleito, não tomou posse, ausente como estava nos confins do Norte, fixando, em commissão delicadissima, limites da nossa fronteira então por demarcar. Por esse tempo, porém, novas edições consagravam o successo inicial daquelle livro, desdobrando-o pelos outros centros do paiz com alvoroço raro.

E uma duzia de annos mais tarde, a influencia de Euclides, de chofre repontada, tornára-se um facto em nossas letras: literatos bissonhos que procuravam a estréa animados na imitação do genero novo inaugurado, literatos velhos e medrosos que acordavam de um passado de glorias parcas mal tecidas naquelle desejo mal velado de imitação aos padrões europeus cedo importados.

Em summa, gente nova querendo vestir apressadamente, esdruxulamente, o gibão de couro dos curubócas em procura do effeito do imprevisto, e gente velha, de outro lado, espantada do successo inopinado de Euclides sem nenhum respeito por aquelles trajes graves importados com paciencia rara copiando as modas literarias europeas.

A obra foi, pois, opportuna: vehemente-mente criadora, opulentamente inspiradora e renovadora.

Arte e sciencia, ao mesmo tempo, guiaram, norteando para a gloria, o escriptor barbaro e exquisito. Na parte scientifica, na descripção da terra e do homem — emphase e fantasia. Na parte artistica, a literaria propriamente, o peso morto espiritual de uma bagagem scientifica bem fornida de um amator illustre das sciencias naturaes. Ligando uma á outra, havia, demais, a logica de um homem afeito á mathematica.

O escriptor era incisivo, violento, esdruxulo, extravagante e formidavel ao mesmo tempo. Para aquelles que insistiam em imitar Vieira ou outros classicos portuguezes, Euclides lembrava um barbaro espantadizo conquistando com arremesso inedito um assento entre escriptores cujos meritos haviam sido longamente tecidos de esperas pacientes e cautelosas. Para aquelles outros que se haviam habituado aos modelos francezes modernos elle lembrava, de outro lado, um athleta sem polimento de maneiras, imagem que o aspecto hirsuto e canhestro de seu physico completava no flagrante da ausencia de influencias alienigenas.

Os criticos literarios, habituados ás musas e ás fabulas gregas, aos romances ou aos versos inspirados nos moldes de importação de França, atemorizavam-se com o vocabulario energico e percuciente do autor desconhecido que se apresentava, por conta propria, sem nenhum cartão de ingresso

de qualquer amigo velho no trato com aquellas mesmas letras brasileiras que elle vinha de illustrar com ousadia rara.

Os historiographos, habituados ao commento facil e rançoso dos textos antigos, das datas ou dos nomes historicos, não entenderam, de outro lado, aquella historia originalissima da epopéa jagunça espoucando de chofre na Republica, depois de tres sculos de fermentação larvada: parecia-lhes fantasia allucinante o que era, tão somente, realidade agra e causticante.

Falando sobre a obra de Euclides e insistindo com maestria rara sobre a influencia por elle exercida sobre os proprios literatos do paiz, Afranio Peixoto disse uma vez, solerte e gravemente, com a autoridade de academico, tornada então notavel pela coragem com que elogiara o estylo e a obra daquelle escriptor eminente de nossas letras: "*a sua gloria vem do seu estylo, estylo nosso, como que espelho ou retrato do Brasil*". "*Mestre de nacionalismo*", "*elle foi o primeiro bandeirante dessa entrada nova pela alma da nacionalidade brasileira*".

E num outro ponto, num outro discurso anterior não menos feliz e seguro, discorria já, com emoção e verdade, o mesmo amigo que tão bem soube honrar a memoria do morto illustre, animando-a com esse conforto sadio da amizade posthuma, co'isa já de si rara entre gentes para as quaes não é commum nem mesmo a amizade cultivada no proprio trato da vida: "*E' preciso primeiro ser homem, distincto de outros homens, affirmando uma personalidade, na posse de um caracter. A vontade, revelada pelo talento... eis o estylo*".

Sem a presilha do *caracter*, torna-se de facto impossivel a fixação de um estylo, e especialmente num meio como o nosso, onde o cruzamento com o preto importado, escravizado (acobardado pela mudança do meio) deliqueceu, tantas e tantas vezes, as fibras do caracter de nossos mestiços tornados literatos no paiz. Não seria nenhuma novidade, se não fôra de todo inopportuno, citar aqui espiritos literarios brilhantes mas sem força de acção, por lhes haverem faltado as fibras de energia que defendessem o cerne de suas respectivas personalidades.

Criaram os russos durante a sua evolução social e historica do seculo passado uma expressão admiravel — *força da terra* — que nenhum povo poderá comprehender com mais justeza do que o nosso, *nacionalidade em ser* que somos ainda na trajectoria imponente da vida das nações vivendo no planeta. *Força da terra...* Energia criadora sem consciencia definida, força esboçada sem direcção orientada, energia inconsciente da raça em formação chaotica, força emergente da propria terra em procura da consciencia sabia de seus guias mentaes, de seus directores sociaes, dos obreiros robustos da nacionalidade incipiente.

Expressão admiravel! tudo ella diz e traduz desses anceios vehementes e desses espasmos perturbadores de um povo sem nacionalidade formada, qual é o nosso.

Assim foi a Russia, antes de Dostoiévsky e de Tolstoi, e depois daquelle *fermentação espirital* formidavel de idéas, de theorias e de philosophias que caracterizou a evolução da mentalidade russa durante os ultimos tempos, depois em summa da filiação, assimilação ou reacção áquellas theorias politicas e philosophicas importadas de França, da Alemanha e da Inglaterra e repensadas pela mentalidade russa:

"quadro amplo, como disse uma vez, em que se embaralharam os discipulos espirituaes de Kant, Fichte, Hegel e Karl Marx, de Fourier, Saint-Simon e A. Comte, de Owen, Darwin e Spencer: scenario espirital complexissimo em que se entrecrocaram e interferem os admiradores orthodoxos e os oppositores violentos numa ronda de contrastes denotando uma curiosidade opulenta e fertilissima da mentalidade russa."

Assim somos nós neste momento historico presente, em que me parece, apesar da gravidade dos dias tenebrosos de agora, "*que o Brasil está na imminencia talvez possivel de falar ao mundo uma palavra nova, forjada num typo de literatura que exprima e represente a voz da nossa propria nacionalidade em formação*". (V. L. Cardoso, "*Vultos e Ideias*").

Aquella expressão russa aqui citada resume de facto o caracter proeminente de toda a obra de Euclides da Cunha.

Sem nacionalidade constituida, para que tomasse então della mesmo, directa e visceralmente a sua propria *força de expressão*, o seu querer, o seu almejo, o *volitivo de seu proprio destino*, Euclides synthetizou entre nós, sem semelhança com nenhum outro escriptor, aquella *força da terra* no seu balbuciar indeciso, no seu arquejo rude e rouco, tumultuamente indefinido ainda, no seu grito de espanto e de dôr, no desespero em summa daquelle choque violento e formidavel, em que se encontraram, num sertão adusto, as gentes do littoral em combate com os sertanejos, patricios mas desconhecidos, estrangeiros que eram mais ainda do que os outros estrangeiros immigrantes, separadas que estavam das cidades do littoral "mais do que pelo mar, por tres seculos de civilização"...

O livro *Os Sertões* haveria pois de ser o que foi: simplesmente, exuberantemente, formidavelmente o esgar da *força da terra* estuante de sarcasmo, de epopéa e de tragedia, aluindo os alicerces frageis de uma obra literaria de fancaria e imitação cultivada, com gravidade fingida, nos centros civilizados do litoral...

Melhor do que nenhum outro, disse mais tarde o proprio autor naquelles outros livros que foram, com ma's alma e maior clareza, a expressão maxima dos seus engenhos. Recordemol-os.

"Não admiram o incolor, o inexpressivo, o incaracteristico, o tolhiço e o inviavel da nossa arte e das nossas iniciativas: falta-lhes a seiva materna". E depois: "Deslumbrados pelo littoral opulento, pelas miragens de uma civilização que recebemos emmalada dentro dos transatlanticos, esquecemo nos do interior amplissimo onde se desata a base physica real da nossa nacionalidade" ("*Contrastes e Confrontos*").

"Era o crescente disequilibrio entre os homens do sertão e os do littoral. O raio civilizador refrangiã na costa. Deixava na penumbra os planaltos. O massiço de um continente composto e vasto talhava uma physionomia dupla á nacionalidade nascente". ("*A Margem da Historia*").

"Pensamos demasiado em francez, em allemão, ou mesmo em portuguez. Vivemos em pleno colonato espirital, quasi um se-

culo após a autonomia politica. Desde a construcção das phrases ao seriar das idéas, respeitamos em excesso os preceitos das culturas exoticas, que nos deslumbram — e formamos singulares estados de consciencia, "a priori", cegos aos quadros reaes de nossa vida, por maneira que o proprio caracter desaparece-nos, folheado de outros attributos, que lhe truncam ou amortecem as arestas originarias"...

"O que se diz escriptor, entre nós, não é um espirito a robustecer-se ante a suggestão vivificante dos materiaes objectivos, que o rodeiam, senão a intelligencia, que se desnatura numa dissimulação systematizada. Institue-se uma sorte de mimetismo psychico nessa covardia de nos forrarmos, pela semelhança externa, aos povos que nos intimidam e nos encantam." (Prefacio do "*Inferno Verde*").

Eu dizia recentemente:

"Gonçalves Dias, Castro Alves e José de Alencar foram os criadores da poesia e da prosa no Brasil: elles separam e definem duas épocas, dois estagios evolutivos de nossa *nacionalidade em ser: synthetizam* a independencia do cantar e do escrever nacionaes, retardada de alguns decennios em relação á independencia politica, apressada esta como foi por causas fortuitas. Fizeram o que puderam, fixando pelo verso e pelo romance, o nosso sub-consciente *ethnico e historico* naquelle primeiro balbuciar de nossa nacionalidade. Bem pensado, de facto, o primeiro trabalho literario no Brasil deveria ter sido o que fo: *a apologia das raças ancestraes dos novos typos sociais em caldeamento.*" ("*Vultos e Ideias*").

Depois delles o hiato, e, depois do hiato, um vagido robusto denotando, com alarde perturbador e alviçareiro, um filho não espurio, um escriptor que não foi *bastardo* de nenhum outro escriptor europeu.

Tal foi a obra de Euclides da Cunha no scenario de nossa literatura. Tal foi a sua actuação no drama da formação de nossa nacionalidade. Grito vehemente, lancinante e opulento, de um artista criador tragicamente agitado por sentir e comprehender que lhe faltava o barro, o proprio marmore em que modelasse a obra vasta

projectada. Dahi as esculpturas parcelladas. Parcelladas e disformes, sem a patina do tempo e com os contornos por desbastar e fixar, como conviria que ficassem as esculpturas daquelles typos modelados pela sua mão de artista: o caucheiro e o jagunço, o curiboca do sector arido nordestino e o sertanejo emigrado naquelle inferno amazonico de bellezas tumultuantes.

Artista egregio, por isso que compendiava tambem — como todos os artistas da verdade em todos os tempos da historia — a sciencia de seu tempo, os conhecimentos scientificos de sua época, os methodos, a logica, coisas todas sem as quaes fica o artista reduzido a um caniço sem vida, *empoleirado numa torre de marfim*, construida pela sua propria fantasia medrosa, fazendo-o fugir ao calor fermenticio, exuberantemente criador, da massa humana de seu ambiente social e de seu tempo.

Pensando na audacia da obra de Euclides, em contraste flagrante com a generalidade quasi dos escriptores de seu meio, eu repito hoje o que já disse uma vez, admirando a primeira tentativa de *reacção brasileira* que representa, na evolução de nossa literatura, a obra mal estudada e mal commentada daquelle grande patriota, Frei Caneca do Amor Divino, sepultado em defesa da causa tão ingrata como era a revolução nativista e regionalista de 1824:

“Sentindo sempre a influencia mal velada de autores europeus — comprehendido o grande Vieira — atravez dos autores brasileiros, eu me pergunto a mim mesmo se não é a *ausencia de uma consciencia brasileira e americana* desses autores que continúa a criar, tantas vezes, em nossa literatura essa situação bizarra e esdruxula de *bastardos intellectuaes* dos europeus, situação instavel em que nos prolongamos, accommodaticamente, por todo um seculo depois da nossa independencia politica.

Buffon disse, *num seculo de individualizações*, que “o *estilo era o homem*”. O seculo passado acaba de mostrar, todavia, que o *estilo encerra tambem, num sentido largo — a personificação de uma sociedade dentro da sua época*.

Que ninguem pense, portanto, que o Brasil pôde continuar a importar

estylas de França como os recebera no passado de Portugal, com a mesma semcerimonia com que importa o trigo da Argentina, o carvão da Inglaterra, a machina dos Estados Unidos e a technica da Allemanha.

Cuido mesmo, convém accrescentar, que foi a consulta desmedida á “*Arte de furta*”, do padre Vieira que acabou contribuindo para a criação desse verdadeiro *estilo de mentira* que por ahi anda como se fosse em summa o padrão unico de aferições literarias...

Admiro por isso, com fervor purissimo e alacre, a *expressão artistica* de Euclides da Cunha, a *concepção politica* de Alberto Torres e o *pensamento philosophico* de Farias Brito, *os tres marcos iniciais, decisivos, da independencia espirital do pensamento e da cultura brasileiros*.”

Não foram contemporaneos por mero acaso Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito. E pode bem ser, todavia, que nenhum trato directo de idéas tivesse havido entre elles. Presumo até que por longa data não se houvessem nem mesmo avistado. Se Euclides conhecesse a obra de Farias Brito não teria entrado naquelle concurso celebre de logica, essa a verdade. Se Alberto Torres tivesse lido com attenção *Os Sertões* teria, de outro lado, percebido as falhas graves de sua grande obra *A Organização Nacional*, architectada sem o conhecimento previo e imprescindivel da nossa terra, tantos são os erros de geographia social e economica lá compendiados, denotando, por isso mesmo, ausencias perigosas de viagens do seu autor pelo paiz. Soube mais tarde aquillo que eu mesmo adivinhára antes: que Alberto Torres aprendera a nossa geographia lendo Reclus...

O Brasil offerece esses contrastes formidaveis: é a terra por tal fôrma grande e compacta, faltando-lhe cohesão social e penetrabilidade physica, que homens como aquelles aqui viveram *estrangeiros uns aos outros*, alheios que foram da direcção das mentalidades do paiz por essa farandula estonteante de gentes fantasiadas de politicos e, tantas vezes, sem nenhum valimento que lhes recomende a ingerencia das coisas e dos proprios problemas da nação.

O constatar a nenhuma união mental entre aquelles marcos robustos do pensamento e da cultura brasileiros é symptomaticamente doloroso. Todavia, é bem de ver, constatando aquelle contraste perigoso, descobre também o observador, diligente e cauteloso, que foi maior, do que parece á simples vista, o acervo legado ao paiz por aquella geração que já se foi. Euclides teve applausos eminentes e calorosos.

Alberto Torres e Farias Brito não lograram nenhum éco entre os seus contemporaneos, morrendo esmagados ambos pelo silencio reticente que lhes foi imposto pelo meio, por aquelle em summa que é o mais temeroso de todos os silencios.

Euclides descobriu a Terra, as terras interiores e as gentes dellas, os curibocas, os sertanejos e os caucheiros, os sertões adustos e aquella Amazonia perigosissima e estuante, "a ultima pagina ainda a escrever-se do Genesis", "da terra infante, a terra em ser, a terra que está ainda crescendo..."

Alberto Torres previu o monumento social e politico imponentissimo que deverá surgir talvez um dia dentre estas terras opulentas e extensissimas do Brasil.

Farias Brito, com optimismo admiravel, continuando o optimismo raro e sadio de Euclides e de Alberto Torres, tecendo de suas maguas de philosopho sem discipulos um manto diaphano de dignidades espirituales, ensaiou então falar das coisas grandes da vida, das harmonias interiores esplendidas da consciencia e das bellezas saídas que podem emprestar ao homem os attributos das proprias divindades.

Mas por isso mesmo, porque viveram no mesmo tempo e sem nenhuma osmose mental, elles denunciam que trouxeram todos a seiva da mesma fonte — a *força da terra*, a energia criadora e inconsciente ainda da raça em formação chaotica, a força renovadora emergente da propria terra que não formou ainda a consciencia de sua propria nacionalidade.

As responsabilidades accumuladas sobre os hombros da geração dos homens a que pertencem, são, pois, simplesmente formidaveis...

Vicente L. Cardoso

Rio, 9-8-924.

("O Jornal", Rio)

A LIÇÃO DE EUCLIDES

A primeira vez que li Euclides espian-do a vida sem horizonte dos meus quinze annos, interessei-me tão sómente pelo relato da campanha, pela descripção dos combates, pela tragicidade, em summa, daquelle desfecho épico e originalissimo de Canudos. Conservei todavia do livro uma impressão unica dentre as que tivera antes e dentre aquellas outras que haveria de ter depois lendo outros livros: nenhum tocou com maior emphase a minha sensibilidade de leitor adolescente.

A "descripção da terra" e a "historia da formação do homem sertanejo", li-as eu mais tarde, bem mais tarde, quando comecei a procurar comprehender e estudar essa patria tumultuaria e immensa de nós todos. E ficaram-me desde então, redemoinhando no cerebro, a curiosidade e o desejo de conhecer pessoalmente aquelle ambiente nordestino, aquelle scenario empolgante e triste ao mesmo tempo, onde se desatára com vehemencia aquella epopéa

sertaneja tão ingrata para os vencidos quanto ingloria para os vencedores.

Em 1911 realizei o velho almejo, penetrando o sector arido e escandecido do nordeste depois de navegar amplamente o medio São Francisco. E desse modo, na travessia entre Pirapóra e Joazeiro, reli "Os Sertões" abancado na prôa de um barco em que venci aquella trajetoria magnifica dos 1.300 kilometros que separam Pirapóra, a antecâmara da floresta luxuriante dos municipios de Januaria e São Francisco, de Joazeiro, um ponto agreste e ventilado perdido daquelle sector enor-missimo adusto do nordeste. Depois inflecti por via ferrea para a direita, descendo até á capital bahiana, antes de penetrar outra vez pelo sertão, em Pernambuco, procurando, sem conseguir, visitar as cataratas de Paulo Affonso.

E dess'arte "descobri" o S. Francisco... Descobri, é o termo, convem repetir, porque elle lá está, apesar de sua relativa proximidade geographica, por

descobrir ainda pelos proprios brasileiros...

O S. Francisco, o grande valle com todos os seus afluentes, com as terras variadissimas que são por elle regadas num contraste formidavel, entre a matta tumultuante e aturdida da região de Minas e a "silva horrida" — como lhe chamou Martius — de sector semi-arido que elle divide em duas partes sem differencial-as, e com as populações mestiças que nellas se desenvolveram e aclimataram, onde se encontram "todas as edades, todos os typos, todas as côres", o São Francisco, dizia, é por si mesmo um mundo por descobrir. E a ignorancia que delle tem o paiz, define muito melhor do que o valle do Amazonas, divorciado quasi de nossa historia, o perigo grave em que incorremos, no passado e no presente, de não conhecermos devidamente ainda a nossa propria terra.

Do valle do Amazonas disse Euclides ser "terra sem historia", completando, syntheticamente, uma série agudissima de observações feitas em torno do proprio ambiente cosmico daquelle mundo em formação. Admira-me, todavia, que não tivesse dito — elle que acabára de conhecer um trecho das terras voltadas para o S. Francisco — que o S. Francisco é "rio sem historia", phrase que define, como nenhuma outra, a ignorancia rebelde e perigosa em que temos incidido sobre as nossas proprias coisas...

"Porque afinal é lastimavel que ainda hoje procuremos nas velhas paginas de Saint-Hilaire... noticias de Brasil. Alheiamo-nos desta terra. Criamos a extravagancia de um exilio subjectivo, que della nos afasta, enquanto vagueamos como sonambulos pelo seu seio desconhecido" ("Contrastes e Confrontos").

"E' a terra por tal forma grande que, em querendo a gente conhecê-la, reconhece o pouco que della sabe ainda... Isso, que poderia ter dito um chronista do seculo XVI, quando foram feitas as primeiras descripções parcellares e ingenuas de nossa terra, de suas gentes e de suas riquezas; isso, que poderiam ter repetido os bandeirantes que durante os seculos XVII e XVIII traçaram com arrojo a epopéa da conquista dilatada de nossos latifundios; isso, que poderia ter sido proferido pelos naturalistas estrangeiros que no seculo XIX illustraram os seus nomes estudan-

do uma parte notavel do nosso hinterland; isso, essa mesma affirmacão, em summa, pôde ainda ser repetida hoje, em outra escala, pelos geographos nacionaes, sem que no entanto contenha ella qualquer menosprezo pelos serviços até agora executados em torno da descripção cartographica de nossa patria". (V. L. Cardoso, "Pensamentos Brasileiros").

Não pretendo todavia, espantar sem fundamento a curiosidade do leitor que me vae lendo. E observo, por isso mesmo, que as descripções sobre o S. Francisco foram feitas até hoje, tão sómente, por estrangeiros illustres interessados no estudo de nossa terra: Martius, Spiz, Saint Hilaire, Liais. A unica excepção que conheço, authenticada pela descripção notavel de um trecho largo daquelle rio, é a de Theodoro Sampaio, mas mesmo esse autor, figura eminente entre os que conhecem a nossa terra, realizou aquella viagem subordinado á companhia de visitante estrangeiro.

Accrescento, ainda, que os unicos levantamentos completos executados no S. Francisco são os de Halfeld, engenheiro allemão contratado por Pedro II, cujas plantas e mappas, valiosissimos, servem até hoje á navegação vasqueira daquelle rio magnifico e imponente.

Lembro, de outro lado, que o que delle disseram Capistrano de Abreu e João Ribeiro, em seus escriptos de historia patria, é bem pouco ainda, do muito que ha a dizer sobre a influencia daquelle mesmo rio no nosso desenvolvimento historico. Outros historiographos silenciaram de todo. E, em verdade, nunca foi escripta a historia da catechese do gentio ao longo do S. Francisco. Todavia, lá estão os marcos, marcos robustos, indelevelmente gravados, naquelles templos jesuitas, remanescentes que são daquelle grande penetração civilizadora catholica através do nosso hinterland antes do cyclousadissimo dos bandeirantes.

Quando penso na costa sem ligações estaveis mesmo hoje — entre Bahia e Rio de Janeiro — quando rememoro o caracter precario da navegação á vela de outr'ora durante os primeiros seculos de nossa historia, quando comprehendo o valor do "caminho andante" que o São Francisco representa no inter-cambio entre os bandeirantes do sul e os do nor-

deste, eu avanço, sem nenhum temor de erro, que sem aquelle rio, sem aquella "entrada natural inferior", teria sido impossivel manter a unidade de nossa patria, unidade contra a qual se insurgiram sempre gravames causticantes, em face dos quaes teria sido impossivel o desejo dos politicos e estadistas se não tivesse existido aquelle "laço cosmico de ligação" fundamental vinculando, desde a colonia, o Sul ao Norte do paiz.

Isso explica, pelo determinismo, daquelle imperativo cosmico categorico, a manutenção de nossa "unidade politica", mais vehementemente ainda do que o esclarece a causa historica tão de continuo invocada da vinda de João VI de Portugal, estabelecendo aqui, desde cedo, os fundamentos do proprio imperio. E relembro, num confronto de antitheses, que foi a ausencia de "um caminho interior", facil e seguro que determinou o fraccionamento das colonias hespanholas do Pacifico, insufficientemente unidas e coesas pela navegação maritima — a unica trajectoria trilhada com continuidade, mesmo hoje, apesar das ligações parcelladas dos systemas ferro-viarios. E não houve nenhuma força que impedisse o esfacelamento da unidade. Nem os desejos insistentes da mãe patria, nem o genio imponentissimo de Bolivar querendo aproveitar a independencia politica para unir aquillo que nunca fôra senão precariamente unido na Colonia.

A ignorancia do passado do São Francisco explica falhas fundamentaes e lamentaveis de nossa propria historia patria. A ignorancia do presente daquelle valle, exprime e exemplifica, ao mesmo tempo, esse perigo largo em que temos incorrido tantas vezes, vivendo no littoral, mas pensando, de continuo, como se a nossa cabeça estivesse... na propria Europa.

O desconhecimento do grande valle do S. Francisco symboliza e concretiza, como nenhum outro, a ignorancia que sobre as terras e gentes interiores conservam os centros cultos littoraneos. A systematização dessa ignorancia explica de resto, iniludivelmente, a razão de ser dessa originalidade abstrusa, dessa copia artificial, em summa, que duas vezes foi feita de constituições politicas no Brasil: — uma, directamente da Europa, sob Pedro I

com os seus accrescimos posteriores, outra dos Estados Unidos, modernamente, sob a Republica.

"Assim, a nossa evolução, por ser ex-strictamente politica, era problematica. Pelo menos illusoria. Estava numa minoria educada á europeia. O resto jazia no ponto em que o largara a metropole, obscuro e dubio — amalgama proteiforme de brancos, pretos e amarelos, uns e outros pratica e moralmente prejudicados pela escravidão crescente com o trafico, que se não extinguiu" ("A' Margem da Historia").

"Um codigo organico, como qualquer outra construcção intellectual surge naturalmente da observação consciente dos materiaes objectivos do meio que elle procura definir — e para o caso especial do Brasil exige ainda medidas que contrapesem, ou equilibrem, a nossa evidente fragilidade de raça ainda incompleta, com a integridade absorvente das raças já constituídas." ("Contrastes e Confrontos").

*

* *

Não cuide o leitor que devaneio ou exaggero nessa insistencia com que o venho irritando para dizer por conta tambem propria da exuberancia de provas em que se alteia aquella ignorancia estulta sobre a nossa terra e as nossas gentes interiores, denotando, aberrantemente, uma inopia mental aterradora.

Eu pergunto, singelamente: poderia haver argumento mais decisivo, se ainda perdurassem duvidas sobre aquella ignorancia, do que a teimosia com que se tem falado em ligar por via ferrea a capital ao extremo norte, desprezando, portanto — num paiz em que é carissima a construcção ferro-viaria — aquelles 1.300 kilometros de navegação franca e soberba que separam Joazeiro e Petrolina de Pirapóra? Hontem, era a imponencia do projecto louco da Pirapóra-Belém, (estudada e approvada) estirada pelas terras immensas e vasias do Goyaz longinquo. Hoje, pelo sabor da novidade, a fantasia allucinante de traçados nos papeis dos mappas (projectos de ligação do ramal de Montes Claros a Joazeiro, parallelamente ao S. Francisco!) por gente que parece desconhecer de todo aquella da-

diva immensa que a natureza nos legou sem nenhuma avareza de donataria.

Não lembro aqui os rios muitos que um pontilhado medroso dos mappas mai encobre a trajectoria segura por fixar ou descobrir ainda. Não rememoro, tão pouco, as descobertas portentosas de Rondon, associando, desprendidamente, na sua gloria o nome ousado de Roosevelt. Nem recordo os mysterios da Amazonia, onde "o espaço é como o espaço de Milton, que se esconde em si mesmo", como opinou Euclides ao defrontal-a. Mas insisto sobre o desconhecimento do valle do S. Francisco porque elle torna fiagrante, mais do que qualquer outro trecho do nosso solo, essa falta de lastro perigosa com que caminhamos para o futuro, deixando ao lado da nossa trajectoria tumultuaria os marcos inglorios em que se registam e archivam, com bruteza, as nossas proprias incapacidades de commando e direcção. É contrista, de facto, rio tão imponente como aquelle, valle-celleiro tão digno de outra sorte, trafegado por calhambeques tão mesquinhos e alquebrados...

*
* *

A melhor lição a colher da obra de Euclides sempre me pareceu ser aquella relativa á opulencia de seu valor consequente aos atrevimentos nella encerrados: ousadias e audacias forjadas por quem houvera, por conta propria, descoberto um trato respeitavel de terra immensa de nós todos. Ninguem bebeu com maior sofreguidão a "seiva da terra"; e nenhum outro escriptor synthetizou, com tanta pompa, a propria "força de nossa terra". Escripito ha 22 annos, "Os Sertões" denotam a predestinação de seu autor...

"Descobriu a terra", quem deveria descobri-la: um engenheiro egresso, contrastando profissionalmente com os nossos escriptores que foram todos, quasi sem excepção, diplomatas amaveis e cultos, juriconsultos viajados ou funcionarios publicos eruditos fechados no ambiente das cidades em que trabalharam. Euclides evitou a tentação da Europa, mas evitou, ainda mais, o isolamento perigoso e embalador da capital do paiz: viveu, em summa, com originalidade rara, no nosso proprio Brasil...

Cuido porém, com magua, que não foi

aquella lição entendida com a attenção que merecia que lhe fosse dispensada. De outro modo não teriamos assistido este anno a um dos phenomenos mais symptomaticos do atraso da nossa evolução litteraria: a luta viva aberta de chofre, no meio de um marasmo impressionante, entre duas correntes antagonicas que não possuem, todavia, de si mesmo, nenhuma programma definido de acção, nenhum plano de trabalho constructor ou de organização criadora.

De um lado os "passadistas", sem coragem de reacção, sem nenhuma energia renovadora ao menos, interessados, como estavam os da Colonia, e do Imperio, em copiar e imitar os velhos classicos da lingua; sem se aperceberem da ingenuidade da empresa em procrear, sem graça, classicos empalhados mesmo em vida. Da outra banda, os "futuristas", com coragem, mas sem nenhum projecto serio de realizações, por isso que fazem ainda programma (crença no futuro) daquillo que já deveria ter sido, naturalmente, espontaneamente, sedimentado em suas proprias consciencias. O nome da nova escola mal encobre, em verdade, a importação apressada da velha Europa, onde o "futurismo" é um grito allucinante de desespero de uma geração que quer lutar, a todo transe, contra o destino inexoravel daquelles povos envelhecidos pela fatalidade da propria vida.

Em terras americanas, "futurismo" não é por si nenhum programma... Futuristas foram no passado e são no presente, irrevogavelmente, todos os "homens vivos", todas as "consciencias criadoras" americanas, porque, em verdade, nós vivemos mais sob o anhelos doce e esperançoso do futuro do que sob a premencia esmagadora do presente, soltos que estamos, na trajectoria da vida, por não termos tradições senão escassas...

Não necessitamos demolir aquillo que não possuímos nem herdamos, e não carecemos, de outro lado, de fazer do futurismo nenhum programma. A crença no futuro, a esperança do porvir, é, em summa, a riqueza sem dono, fecunda e abundante, que brota e viceja, por si mesma, neste grande continente das terras da America. Futuristas foram Franklin, Jefferson e Washington, criadores de uma ordem politica inedita, foi San Martin, :

foi o genio immenso de Bolivar, foi Lincoln, o grande propheta, foi a cerebração robusta de José Bonifacio, foram todos os nossos estadistas no passado, foi Euclides, foi Alberto Torres, foi Farias Brito. E, por isso mesmo, são hoje todos classicos...

Mas comtudo, por isso que aquella ce-leuma literaria (literaria tão sómente) foi aberta com vehemencia e pompa barulhenta, entre passadistas filiados aos velhos moldes portuguezes e entre futuristas, inspirados nos figurinos mais modernos francezes e italianos, eu quero crer, como disse, que a "lição de Euclides" não foi ouvida com attenção merecida. Porque se o fosse, haveriam de comprehender uns e outros daquelles grupos, que já é tempo de sermos aquillo que a fatalidade cosmica e historica vem exigindo que sejamos sem remissão, sem nenhuma alternativa de duvida, sem nenhuma possibilidade de evasiva: "americanos e brasileiros": americanos por não sermos europeus; brasileiros, pela civilização latina com que foi alimentado historicamente o nosso determinismo cosmico tropical.

Continuemos pois, honestamente, o "descobrimento" de nossa terra e de suas gentes interiores em boa hora encetado pelo arremesso atrevido de Euclides da Cunha. Não, para aprender com os nossos sertanejos o seu falar estropiado, o seu cantar sonoro mas ingenuo, ou as suas fabulas mestiças espelhando a mestiçagem do proprio homem. Mas para comprehender que carecemos de educal-os, colonizal-os, nacionalizal-os, integral-os á nossa civilização do littoral.

O resultado a colher por aquelles "homens-consciencias", que penetraram os nossos sertões, as nossas serras e as nossas mattas será farto e seguro. Por menos que o não queiram, haverão de comprehender, então, as responsabilidades formidaveis que lhes pesam sobre os hombros, quaes aquellas decorrentes de se sentirem chamados no momento presente a serem os emissarios intellectuaes nas cidades littoreanas dos milhões de analphabetos de letras e de officios que vegetam nos latifundios enormissimos do paiz. Nesse sentido, sem nenhum esforço quasi, qualquer um de nós poderá ter milhões de eleitores, quando quizer, criando, por si mesmo, energias respeitadissimas, quaes

aquellas que synthetizam e symbolizam as forças incultas dessa massa amorphos dos milhões de analphabetos perdidos, sem cohesão, nessas terras extensissimas de nossa patria.

Penetremos o sertão para revigorar-nos, nessa nova "bandeira de nacionalismo" de nosso seculo, mas vejamos os nossos rios e percorramos as nossas terras com o espirito formado de homens cultos, como o fizeram Martius, Spix, St. Hilaire, Eschweg, Reclus e Agassiz, e como realizou Euclides: aprendamos a conhecer a terra para construir para o futuro os destinos de nossa propria nacionalidade.

O Brasil é o symbolo concreto de todas as nossas riquezas em potencial para o futuro. Elle é tambem, porém, o "symbolo vivo" de todas as nossas difficuldades, gravissimas e tenebrosas, do presente.

"Descobril-o, é conhecer-se"...

* * *

Um ambiente social sem cohesão, constituido de forças sem componentes definidas, um mundo social em formação, em summa: um chaos de insufficiencias accionado por um complexo vehemente de componentes flacidas sem uma resultante definida.

Eis o que era o Brasil ao tempo de Euclides, naquelles dias tragicos em que uma simples insurreição sertaneja fazia perigar, balançando-os, os proprios alicerces da Republica.

Num ambiente desses, a obra de Euclides da Cunha haveria forçosamente de ser o que foi: — uma obra fragmentaria, uma somma vehemente de arremessos insulados; o baque forçado de uma obra maior estraçalhada pelas insufficiencias do ambiente.

Ha qualquer coisa de tenebroso nessa tragedia interior vivida pelos nossos escriptores conscientes da missão que lhes espera.

Escrevem porque não podem fazer outra coisa senão pensar, mas sentem com a propria obra que vac surgindo o irremediavel das situações que vão creando: Prometheus acorrentados pela opinião publica que os esmaga com o maior dos castigos de homens livres: o silencio horrivel de uma nacionalidade sem consciencia ainda, perdendo em attritos passivos for-

midáveis, as poucas energias soerguidas sobre o "peso morto" atarrador dos milhões de analphabetos que as solapam.

Soldado, engenheiro, geographo e delimitador de nossas fronteiras inhospitas do Amazonas, foi Euclides, o escriptor. Pensa, porém, que quem tanto soube das gentes, quem amou a terra boa e imensa com tanta fé, e quem tanto lhe conheceu a sua historia, haveria de querer gloria maior do que aquella unica que lhe coube, como literato, naquelles applausos vultosos, mas restrictos, de um paiz de analphabetos.

* * *

Mas não tenhamos nenhuma illusão sobre as difficuldades traiçoeiras e veementes que aguardarão, de emboscada, o arremesso das mentalidades novas — (e ellas existem proeminentes, affirmo sem nenhum receio) — que se dispuzerem á luta perigosa rompendo com ousadia o silencio do ambiente. Não nutramos nenhuma fantasia, num paiz como o nosso já de si fertil em estravagancias exuberantes e em miragens enganadoras: aquellas mentalidades, por mais fortes que sejam, haverão de ser, uma por uma inexoravelmente, inevitavelmente, esmagadas em luta ingloria, afastadas como foram Tobias e Sylvio Romero, segregadas como foram, ao mesmo tempo, aquellas tres energias de nossa raça, aquelles tres expoentes mentaes da geração passada: o artista (Euclides) sem barro em que modelasse a sua obra mestra, o politico isolado (Alberto Torres), sem poder firmar sequer a sua escola, o philosopho (Farias Brito) sem nenhum discipulo que continuasse o arrojio de seu impeto.

Não nos illudamos. Tenhamos antes a coragem dos nautas quando espiam as procellas temerosas que vão surgindo do fundo do horizonte, sem nenhum projecto de evasiva, prisioneiros que são elles dos destinos da propria caravella. Fugir... Como fugir, para onde, se não ha nenhum outro porto proximo daquelle demandado, nenhuma sombra de agasalho em terra firme, nenhuma esperanza de bonança, inalcançaveis que são agora as enseadas seguras que ficaram muito além

da rota percorrida. Os primeiros trovões já vêm chegando; os clarões illuminam a forte proa cuspida pelo mar; rolam engrossadas pelos ventos, lambendo as amuradas, alteadas, aquellas mesmas vagas que eram calmas. O zunir do vento, batendo o velame convulsivo, acorda agonia as energias dos marujos que se abrigavam antes, timoratos, no cavername enorme revoltado. O proprio vento toca, em summa, vendo a ausencia de trombeta, o clarim de reunir... Rangem os mastros, roncam os madeiros, turgidas as velas, aceleram ou entorpecem a direcção tornada fragil. E então, premidos pela tormenta, premiados pelo temor de sossóbrarem, comprehendem os nautas que em nada lhes adianta o temor de inactivos... Juntos reagem, e a coragem renasce em cada peito, como se cada um confiasse em cada outro por não fiar nos seus recursos...

Trabalhemos, confiantes em que a união, forjada sob a borrasca temerosa, ha de trazer a cada um aquillo que a sua propria temeridade ousada não conseguiria no isolamento de suas energias parcelladas. Uma união magnifica diluindo e desfazendo os attritos necessarios das unidades componentes, agregadas e agrupadas por ideadores cheios de respeito e de amor pelo Brasil, esse grande Brasil de amanhã que surgirá das nossas crenças.

Mas não nos illudamos, não tenhamos nenhuma illusão enganadora: só a união poderá salvar do esmagamento, inglorio e insulado, aquellas mentalidades robustas, cujos destinos estão presos aos proprios destinos do paiz. Fugir, não ha que as soccorresse... Só a união poderá pois salvar-as.

Salval-as, no sentido de evitar que se as percam do logar que lhes compete, futuramente, na direcção de commando. Forças, não ha que as emudeçam. Mas conviria impedir o sacrificio individual, estoico mas inglorio, por ser de actuação bem reduzida, nessa attitude, sem remissão, que é a de todas as consciencias graves que escrevem e pensam isoladamente no Brasil: "a dos primeiros lavradores obscuros que plantam sabendo que não colherão o fruto das arvores que plantaram" como disse uma vez, admiravelmente, Gilberto Amado — intelligencia peregrina, criadora de bellezas e despertadora de energias que não proferiu

ainda a sua palavra mestra — ao mesmo tempo que accrescentava, resignadamente: mas lavremos, ainda assim "a terra inculta e bella; o nosso destino tem que se perder no grande destino della".

A maior lição da obra de Euclides, como disse, é a da "descoberta da terra nella encerrada".

Mas ha nella ainda, uma outra lição mais grave talvez não vislumbrada: o caracter fragmentario daquella obra litteraria define, por si mesmo, uma "obra maior", social e politica, que não poude nem mesmo ser tentada. O successo litterario de Euclides foi farto e empolgante, mas eu presumo que não era esse, propria-

mente, o successo procurado por aquelle autor...

Digo isso, por me parecer tambem --- se me não engano — que no momento presente nenhum dos homens mais representativos da minha geração anda á procura de mero successo litterario... com a aggravante symptomatica de que todos elles escrevem razoavelmente limpo e sufficientemente claro, coisas ambas que nem sempre realizaram os proprios "litteratos" da geração passada...

Rio, 10-8-924.

Vicente L. Cardoso

("O Jornal", Rio).

RUBEN DARIO

(Notas sobre as Baladas e Canciones)

Ruben Dario nasceu na America Central. Era filho de uma dessas republicas tranquillias do Novo Mundo, batidas por dois oceanos. Ali, parece que um excesso de cor e de luz, um excesso de vida, predispõem os homens aos tumultos da eloquencia, fazendo-os amar os grandes sonhos das existencias cheias de acção e de fausto. Heredia nasceu em Cuba: trouxe da ilha querida o goso da pompa asiatica. E' essa pompa que doura de uma luz colorida os harmoniosos sonetos dos *Trophéos*. Se eu recordei aqui o nome do poeta do *Cydus*, não é porque pretenda fazer qualquer approximação entre elle e Ruben Dario. Nada mais diverso do que a poesia desses dois poetas: Heredia via, na arte das rimas, uma occasião de pintar, de esculpir, de polir. Dario, ao contrario: queria antes uma poesia de intimidade e de emoção pura, uma poesia em que o pensamento se irmanasse completamente ao sentimento. E a fórma lhe parecia uma simples condição de expressão verbal. Approximar esses dois nomes é, entretanto, uma justa homenagem a esses dois paizes que florescem, sementeados de ilhas, na garganta do isthmo que separa as duas Americas.

Mas, se Ruben Dario nasceu na America Central, a sua grande acção foi desenvolvida na Argentina. E a verdade é

que esse poeta americano teve, na Argentina, uma patria espirital.

Seria uma injustiça á alma dos homens affirmar que não devem existir as patrias. Certo, o sentimento do patriotismo é um fruto de preconceitos: mas de que augustos preconceitos! São elles, esses preconceitos, que dão a razão de ser dos idéas e que explicam a vida dos homens. E' delles que decorre o côro das leis austeras, que provém a maravilha da alma dos heroes e a belleza dos gestos da abnegação e do sacrificio. E que seria das chronicas agiologicas, se não fosse esse sentimento de uma patria celeste, a animar o coração dos santos e dos martyres?

Tudo isso é perfeitamente razoavel, talvez... Mas é razoavel, tambem, que encontremos a nossa patria naquelle paiz em que mais bellamente tivermos vivido, naquelle paiz em que a nossa acção tenha sido mais forte e em que tenhamos sentido que a nossa alma floria para outras almas e que o influxo do nosso esforço ou do nosso genio se ampliava, estendendo-se a outras intelligencias e outros pensamentos.

Tendo tido uma acção intellectual directa sobre a Argentina, Ruben Dario é um poeta argentino, um pensador argentino. E é na galeria dessa geração que, nos começos do seculo, reformou a

literatura desse paiz, que podemos evocar um momento o grande poeta das *Prosas profanas*.

Com um genio ardente e tumultuoso, amando o passado pelo que o passado representa de poder creador, perante o futuro, mas renegando-o pela ambição de um sonho de refórma e de transformação; independente de preconceitos e de normas; olhando o mundo como o logar de um bello passeio, e encarando as coisas todas — as do bem e as do mal, as do amor e as do odio, as da guerra e as da paz — com o seu olhar tranquillo de bohemio e de contemplativo; fecundado, além disso, pelo idéal de uma belleza classica, mas de uma belleza bem entendida, que jamais se deixasse esterilizar nas imitações dos copiadorez mediocres; trazendo, ainda, na alma, profundamente penetrada de melancolia e de scisma, um pouco dessa *rêverie* brilhante, dessa imprecisa vacillação anciosa, que penetraram, um dia, o coração de Goethe e de Byron, e que vieram a florir, depois, em Espronceda, para produzir esse encantador poema do romantismo, que é *El Diablo*; procurando inutilmente fugir a essa singular complexidade de almas de varios idéaes e de varias edades — Ruben Dario deve ter tido, no espirito, um violento e diuturno drama. Relendo qualquer dos seus livros, vamos encontrar, nesse filho da America, cujo genio tambem fulgurou ao sol do Velho Mundo, esse mesmo enorme contraste de espiritos que se superpõem a espiritos. Ora é uma elegia, que provém de um velho conto, cheio de melancolia, dos livros sagrados; ora é uma doce prece de amor, em que a recordação de Verlaine transluz... Depois, entretanto, vemos apparecer todo um maravilhoso mundo de deusas e de deuses gregos. Isso lembra certas paginas de Heine — mas sem aquella ironia que ia ferir os proprios immortaes, e que foi tão propria do irreverente cantor do *Mar do Norte*.

Não será esse o maior dos encantos de Ruben Dario? Eu penso que sim.

Um dos maiores males dos compendios de literatura é a mania das classificações. De um ponto de vista geral, bem podemos traçar uma lei literaria: quanto mais mediocre fôr o critico, tanto mais se preoccupará com collocar rotulos e etiquetas nas intelligencias que estuda. Os

outros, não. Aquelles que têm uma visão luminosa da arte, esses communicam pelo simples prazer de communicar, sem cogitações de etiquetas, nem rotulos.

Ruben Dario é imponderavel a qualquer classificação. Dirão que elle é um romantico? Sim. Talvez tenham razão... Mas eu affirmo que elle é parnasiano. Affirmam que é parnasiano? Affirmam com exactidão. Mas eu o considero symbolista... americanista... futurista, até... E tudo, no fim, é perfeitamente certo.

A verdade é que elle foi essencialmente um poeta. E, como a melhor traducção para a poesia dos homens é o amor, elle foi, essencialmente, um poeta do amor.

Dario, que tem a alma intensamente lyrica, tocada, aqui e ali, de uma sensualidade pagã, ama viajar entre homens de outras épocas. Elle é, á sua hora, um caçador de joias raras. E ha em sua poesia, frequentemente, esses quadros de côr e de luz, que eram tão frequentes na arte dos parnasianos. Ouçamol-o:

Quel el champagña de oro hoy refleje en su onda — La blanca maravilla que en el gran Louvre impera, — La emperatriz de marmol cuya mirada ahonda — El armonioso enigma que es ritmo de la esfera; — El bello hermafrodita de cadera redonda — Y del sublime Sandro lá nobil Primavera; — Y sonriente en el triunfo de su gracia hechicera — La parla de Leonardo, la magica Gioconda. — Y el portico del templo que habita el Numen sacro, — El altar donde se hace su augusto simulacro — Y en theoria suave caneforas hermosas. — La victoria llevando su alma de oro fino, — Y rompiendo la sombra sobre el carro divino — Apolo coronado de nubes e de rosas.

Tendo cantado Apollo, elle prolonga o sonho a todo o horizonte da Hellenia. Seus versos querem mais do que o principe dos deuses: querem a viagem incomparavel, aquella que o divino Ulysses amou e que surgiu, um dia, armada, da cabeça de Zeus; querem *la virgem aurea, Palas Atenea*.

Esses sonhos, de uma belleza clara, lucida, mediterranea, não são queridos de uma geração affeita á blasphemia e á irreverencia. Muitos os desdenham, hoje.

Eu estou certo, entretanto, de que elles são sonhos eternos. Um dia os homens voltarão, novamente, a elles. E então, como hontem, elles serão o encanto dos homens intelligentes, que amam a graça

maravilhosa das coisas e o milagre da eterna poesia...

Mucio Leão.

("Correio da Manhã" — Rio).

MATTO GROSSO ATRAVEZ DA SUA LITERATURA

Publicamos abaixo alguns excerptos da conferencia realisada no "Centro Mattogrossense" do Rio de Janeiro pelo nosso collaborador Dr. José de Mesquita, Presidente do Centro de Letras, de Cuyabá, de passagem pela Capital da Republica:

.....

"Data mais ou menos de uma década o phenomeno que para melhor caracterisal-o chamarei a Renascença literaria em Matto Grosso. Não vai ahi, porem, senhores, proposito de correr sobre o passado a esponja do esquecimento para só fazer resahir como valioso e meritorio o trabalho da geração presente. Em Matto Grosso as letras não são novidades destes ultimos tempos e longe de mim fazer crêr que sejam ellas cultivado só agora iniciado entre nós. Absolutamente não. Quem possui nomes como os do P. Siqueira e o Conego Guimarães, Melgaço e João Augusto Caldas, Ramiro e P. Ernesto, Veiga Cabral e Padua Fleury (André), Mendes Malheiros e Corsiño Amarante, José Thomaz e Amancio Pulcherio, para citar apenas os nomes mais em relêvo em cada ramo dos conhecimentos — historia, direito, sciencias ou bellas letras — não precisa, positivamente, de outras laureas que as que de direito lhe pertencem. Desde os tempos coloniaes Matto Grosso jamais deixou de possuir letrados e intellectuaes. Está claro que elles não eram poetas ou jornalistas á maneira pela qual hoje concebemos semelhantes plumitivos. Foram, sim, singelos chronistas de nossa vida incipiente, curiosos observadores da nossa natureza prodigiosa, ingenuos narradores de historias de monções e roteiros primitivos.

A essa phase pertencem os Barbosa de Sá, José Manoel de Siqueira, Costa Siqueira e outros. Só em 1839, com o apparecimento da imprensa, no governo Pimenta Bueno, é que principia a affirmar-se em traços mais caracteristicos, o

pendor literario da nossa gente. Surgem, com pouco, polemistas, satyricos, historiadores, poetas e estudiosos de todo genero. Precisa-se, então, um novo estagio da evolução de um povo que, segregado do resto do mundo pela falta de communições, isolado da communhão patria, tem offerecido o confortador spectaculo de uma admiravel resistencia no sobrepujar todos os factores de decadencia que o assediam. E' notavel e digno de registo este phenomeno: vivendo quasi fora de civilisação, de que só ha um decenio nos chegaram os primeiros surtos, com a ponta dos trilhos da Noroeste nos êrmos pantanaes de Porto Esperança, existe, entretanto, a arder, como uma pyra sagrada de Vesta, no espirito de nossa gente, um largo sópro de idealismo creador, fazendo dos nossos homens de letras verdadeiros sonhadores em cujo seio a rudeza do ambiente cosmico jamais pòde extinguir a flamma do ideal que vivifica e alenta.

Das tradições literarias de nossa terra, na phase de transição entre o periodo primitivo e o actual, ficaram nomes laureados como, para só fallar dos que já se foram, os de Vieira de Almeida, prosador sem jaça no estylo e de elevada inspiração; José Delfino, João Leocadio, Luiz Theodoro, Rodrigues Calhao, José Thomaz, Flavio de Mattos, F. Catharino, poetas e artistas filiados á escola do romantismo, que tão profundo sulco imprimiu em nossas letras; Antonio Corrêa, polygrapho e jornalista dos mais brilhantes e ardorosos do seu tempo; Leite Falcão e Aquilino Amaral, oradores, que marcaram época nos nossos fastos forenses e parlamentares; Frederico Prado; os dois Murtinhos, Joaquim e Manoel, das mais legitimas glorias do nosso Estado, sendo o primeiro antes um nome nacional, estadista d'escol e pensador, cujo estylo, mesmo atravez dos relatorios officiaes, encanta pela naturalidade e poder persuasivo de que se reveste.

A nossa actual phase de evolução literaria data aproximadamente de 1910 para cá, sendo que desde ahí entram as letras a frondejar e expandir em terras de Matto-Grosso.

.

Começa a apparecer nas paginas da "Matto-Grosso" o cantor por excellencia da "Terra Natal", o poeta que orientou a nova geração para o sadio regionalismo, haurido na observação das bellezas de nossa terra e das grandezas de nosso Passado. Não sou eu quem assim o diz: no seu excellente livro, que é a melhor obra que se tem escripto ultimamente acerca de nosso Estado, Virgilio Corrêa Filho deixou bem assignalado esse relevante papel de D. Aquino como *leader* da nova poesia matto grossense.

Ouvi um dos seus bellos sonetos, já que a mingua de tempo me obriga a restringir as citações, privando-vos assim justamente do que melhor poderia offercer-vos nesta conferencia:

VE'U DE NOIVA

D. Aquino Corrêa

Furna immensa cavada até as bases
Graniticas da serra. Ao longe, em frente,
Vastissimo amphitheatro sorprehendente
De montes azulados e fugazes.

Embaixo, o abysmo verde, um grande oasis,
Sempre em flôr, onde, altissima a torrente
Do rio salta e ondula, alvinitente,
Qual véu de noiva, em vaporosas gazes.

Silencio. Só se escuta a crystalina
Cnda a cantar, em tremula surdina,
Um longo epithalamio ao sól dourado.

Assim foi que, num pinCARO de serra,
Quiz Deus perpetuar, ó minha terra,
A festa virginal do teu noivado!

Dos nomes que illustram a nossa actual
geração de poetas mister é que se
destaquem Lamartine Mendes, Oscarino
Ramos, Soter de Araujo, Allyrio de Fi-
gueiredo, Leonidas de Mattos, Franklin

Cassiano, José Vilá, Antonio Tolentino
de Almeida, Ulysses Cuyabano, João Nu-
nes, Luiz Feitosa, Augusto Cavalcanti e
Octavio Cunha, estes dois ultimos filhos
do Norte, mas tão ligados á nossa terra
que pertencem pôde se dizer ao nosso
patrimonio intellectual.

Ouvi algumas de suas producções:

NOITE DE ESTRELLAS

Lamartine Mendes

A noite cae. O espaço se perfuma
Das essencias que o vento na aza encerra
No alto, ao abrir dos manacãs na terra,
Abrem rosas de fogo, uma por uma...

A cachoeira soluça sob a espuma
Que, alva e sem rumo, a flôr dos flancos
Ihe erra.
Monstruosa cathedral informe, a serra.
O perfil arrogante alteia e apruma,

Bailam nos ares luminosos rastros,
E é tal a confusão de insectos e astros,
Broslando de ouro e alcandorado véu

Que olhando o azul e as luzes que o povoam
Não sei bem si as estrellas é que voam,
Si os vagalumes é que estão no céu.

S. JOAO

Oscarino Ramos

Friburgo. Noite de S. João. Neblina.
Que rosario de sonhos ao teu lado
Sinto, vendo emergir, lindo e corado,
Dentrê pelles, teu rosto de menina.

Fico, como num sonho de morphina,
Lerdo, sonhando, a te fitar calado...
Deixa-me assim... Este momento alado
E' o resumo feliz da minha sina.

S. João... Quanta poesia pela terra!
A lua sobe por detraz da serra...
Que frio! Cae uma garôa fina...

Nas minhas mãos as tuas de velludo
Aperto. E fico a olhar, parado e mudo,
O teu risonho rosto de menina.

MEU SONHO

Soter de Araujo

Soltei para o azulino das alturas
O meu primeiro sonho mensageiro,
Na esperança de vêr feito venturas
O sonho deste arauto aventureiro;

E quedei-me a esperar, horas maduras.
Mirando o firmamento prazenteiro,
Ancioso em vêr librando as azas puras
De volta o sonho meu branco e ligeiro.

Inda estou a esperar, olhos voltados
Para os longes do ceo ruborisados
À luz sanguinea do morrer do sol...

Talvez, meu sonho, voltes dentro em breve,
Talvez! Quem sabe si é teu corpo leve
Que está queimando o fogo do arrebol!...

A NUVEM

Franklin Cassiano

Gosto de ver do dia á luz mortica e es-
cassa

A cerulea nudez da esphera constellada.
Manchada aqui, ali, de flocos de fumaça,
A correrem, gentis, ao sopro da lufada.

Uma nuvem que vai... Meu pensamen-
to a abraça.
E sinto que ella vive e soffre, a des-
graçada,

A vagar, a vagar, até que se desfaça
Em gotas de crystal sua alma atribulada

Ha uma alma que vibra em tudo e se
resume
Na harmonia do som, na côr e no per-
fume,
No abjecto paul e na pureza extrema...

É quem sabe? talvez a pobre nuvem seja
Um sonho, uma illusão que pelo ceu
adeja
Na incontida avidéz da perfeição supre-
ma!

GLORIA

Allyrio de Figueiredo

Gloria ao seio, que é pão; gloria ao ven-
tre que é ninho;

Gloria á esperança e a fé; gloria ao hu-
milde e opprimido;

Gloria ao som immortal do primeiro vagido
E aos braços, feitos cruz, para o amor
e o carinho,

E ao que abriu no deserto o primeiro ca-
minho;

Gloria ao sementeador, gloria ao desprotegido,
Ao justo, ao poeta, ao heroe, ao martyr,
ao vencido,

E ao que a estrada trillou da amargura e
do espinho.

Gloria ao verso e ao cinzel, gloria á
crença illusoria,

Gloria á préce e ao perdão; gloria ao
beijo que encerra

A perfeição; e gloria ao marmore escul-
pido;

Gloria maior, porem, mais do que a tudo,
gloria,

Gloria á piedosa pá que abre o seio da
terra

Para o leito final da inconsciencia e do
olvido!

A ESPERANÇA

Octavio Cunha

Verdes mares beijando a aza branca
do sonho

Que vai na róta azul de uma enseada
bemdita!

Os desterros suavisa... Ao carcere me-
donho

Desce... e a alma eleva a Deus para a
crença infinita.

A esperança. E' a patena onde o affecto
depõho.

O ermo povôa... A dor aplaca... O céu
limita...

E' a bençam que allivia o martyrio tris-
tonho...

O lampejo de fé que a patria resuscita!

A agua-santa que lava a negra côr das
pragas...

A esmola que abre o céu da bemaven-
turança...

O naufrago a lutar pela vida entre as
vagas...

Mansuetudes de Christo entre espinhos
e lança!

A paciencia de Job — sob o fogo das
chagas...

Ai de nós, meu amor! si não fosse a es-
perança!

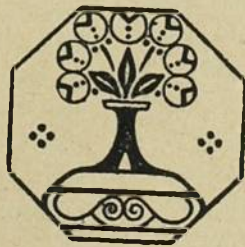
Depois de referir-se aos modernos cul-
tores da prosa em Matto Grosso, o con-
ferencista encerra o seu trabalho com
as seguintes palavras:

"Matto-Grosso que até ha pouco era,
por assim dizer, uma ficção geographica,
affirma-se hoje, em contornos nitidos de
progresso, esboçando-se já, atravez da
indecisão da hora presente, a luminosa
grandeza do seu futuro.

Reserva economica da Patria, elle será

tambem a sua reserva intellectual e moral:
quando se exgottar, esfalfada, essa lite-
ratura do Urbanismo, que canta os sor-
tilegios da civilisação, literatura de jazz-
bands e cinemas, de alma cosmopolita e
pouco brasileira, então é que, no casto
esplendor da sua belleza virginal, pura
como a *yara* dos nossos rios, triumphar-
á a literatura sertaneja, nacional nos
costumes, nas descripções, no phraseado,
espelhando as bellezas da nossa vida rus-
tica, da provincia e do sertão, onde, no
dizer expressivo de Affonso Arinos, se vai
tecendo a rêde de solidariedade da po-
pulação brasileira.

Até lá — trabalhemos, cheios de es-
perança e de fé — essas duas supre-
mas forças propulsoras de todo o pro-
gresso humano — alentados por um ideal
unico, uma suprema aspiração: a gran-
deza de nossa terra natal, desse Matto-
Grosso querido que quanto mais longe o
temos de nossas vistas mais vivo e pal-
pitante o sentimos dentro do nosso cora-
ção..."





DEBATES E PESQUIZAS

O PROBLEMA DO ESTYLO

A visão e os sentidos inferiores

A audição colorida de saudosa memoria, é, sem duvida, caso pathologico já fóra de moda. Foi um depoimento literario para o juizo da sciencia e, certo, morreu com as hypotheses que suggeriu e com o momento em que pretendeu dominar. Maior significação que a de excêntrica não tem o phenomeno. Relacionar a "côr azul com o "i", ou a amarella com o "e", erigindo isso doutrina esthetica, é exaggero. Nada têm a ver, de essencial, as vozes da linguagem, com a arte superior á sua em subtileza, a musica. Para exito da tentada subversão, importaria antes achar vermelho o "dó", verde o "ré", roxo o "mi"...

Cumpre reconhecer, entretanto, certa aproximação e correlação entre os sentidos. As sensações mixtas são vulgares na literatura e se encontram mesmo na antiga.

Guyau, em seus "Problemas de Esthetica", cita um trecho de Flaubert em que é extraordinario o poder da côr, no sentido que se dá a essa palavra em literatura, mas no qual, não ha uma só imagem do sentido da vista.

Eil-a:

"Ella sahiu. As paredes tremiam, o tecto a esmagava, e tornou a passar pela larga avenida, tropeçando nos montões de folhas mortas que o vento espargia... Já não tinha consciencia de si mesma, senão pelo palpitar de suas arterias, que acreditava ouvir escapar-se como uma musica ensurdecadora que enchia o campo. Debaixo dos seus pés, o solo era mais brando que uma onda... Apenas soffria pelo seu amor e sentia que a sua alma a abandonava por essa recordação, como os feridos, agonizando, sentem que a vida se lhes vai pela ferida que sangra."

Respondeu-se — commenta Fouillée — que quasi todas as sensações da heroina são, com effeito, allucinações do tacto, "mas que "todas", para o escriptor e para o leitor, tornam a passar, si se pôde dizer, pelos olhos." (Lemaitre). Admittindo, porém, que as sensações dos sentidos inferiores passem, depois, pelos olhos — coisa que nem sempre acontece — o que é mais verdade ainda é que as percepções visuaes, por sua vez, só adquirem poder de emoção esthetica, quando pas-

sam pelos sentidos inferiores, nos quaes a vida é mais profunda e mais intensa.

"A vista, diz Guyau, não é affectada bastantemente pelo que vê; é um sentido por demais indifferente." Poucas palavras são tão usadas pelos poetas como estes qualificativos: aspero, amargo, delicioso, perfumado, fresco, temperado, ardente, asphyxiante, ligeiro, brando. Têm necessidade de passar pela vista todas estas sensações? Nos sentidos mais vitaes e menos contemplativos, a evolução nos ensina as primeiras e mais intimas manifestações da sensibilidade ou da vontade: a arte, para "animar" as suas creaturas, está obrigada a voltar incessantemente a essas primitivas fontes da vida.

Até aqui, o lucido commentario de Fouillé. Parece absolutamente fóra de dúvida que — "as sensações visuaes só adquirem poder de emoção esthetica quando passam pelos sentidos inferiores" — o que é a verificação de um facto normal, ainda que complexo.

Certamente, nisso consiste o segredo de estylistas como Raul Pompéa, Euclydes da Cunha, Monteiro Lobato.

Vejamos o primeiro.

Raul Pompéa descreve uma sala de exames preparatorios, no momento de se iniciarem as provas. E' uma pagina tão viva como a de Flaubert, com a mesma "côr", o mesmo extraordinario relevo: sendo uma descripção, isto é, uma vista de olhos sobre pessoas e coisas, as sensações visuaes, peculiares ao character descriptivo, longe de se apresentarem taes, transmudam-se em imagens tacteis e de movimento, mais proprias da narração e, ainda mais, da acção theatral. E' o mais bello exemplo do estylo forte, vivaz, theatralizado:

"A estréa do primeiro exame foi de fazer febre". Tres dias antes "pulavam-me as palpitações"; o appetite desapareceu; o somno, depois do appetite; na manhã do acto, as noções mais elementares da materia, com o appetite e com o somno. Memoria "in albis"...

Ali estive não sei que tempo, "como um condemnado em oratorio". Em redor de mim, "morriam de pallidez" outros infelizes, esperando a chamada.

Um, o mais velho de todos, cadaverico, ar de Christo, tinha a barba rente, pre-

tissima, como um "queixo de ebano adaptado a uma cara" de marfim velho.

De repente "abre-se" uma porta. De dentro, do escuro, sahia uma voz, uma lista de nomes: um, outro, outro... ainda não era o meu...

Afinal! Não houve nem tempo para um "desmaio". "Empurraram-me"; a porta "fechou-se"; "sem consciencia dos passos" achci-me numa sala grande, silente, sombria, de "tecto baixo", de vigas pintadas, que faziam "dobrar-se" a cabeça instinctivamente.

Uma parede vidraçada, em toda a altura, de vidros opacos de fumaça, côr de pergaminho, "coava" para o interior um crepusculo "fatigado", amarelento, que "pregava mascarar" de ictericia ás physionomias."

E' como se assistissemos á realidade ou á sua representação scenica, ou, pelo menos, á obra do estatuario, modelando á nossa vista, successivos grupos esculpturaes. Vê-se, mas não se vê com olhos de ver côres e luzes, apenas, senão com os que vêm "factos", isto é, que sentem movimentos, gestos, attitudes. Descripção, em que só entraria a visualidade, nella encontramos, emtanto, todos os sentidos, desde o tacto á primeira linha, com a percepção do calor febril e das palpitações, até a gustação com a inappetencia.

O mais extraordinario, porém, é como passam pelos sentidos inferiores as sensações visuaes de "pallidez", de "barba pretissima", de "crepusculo" e de "amarelento". Na primeira são as percepções vitaes — "morriam de pallidez"; na segunda, a sensação do "preto" movimentada — é um "queixo de ebano" que "se adapta" a uma "cara de marfim", materiaes que, pelo contraste com pelle e carne, despertam reminiscencias tacteis; na terceira, a penumbra do "crepusculo" é "fatigada", sensação complexa, de todo o sensorio; e, por fim, o "amarelento" desse lusco-fusco "pregava" (verbo eminentemente activo e de movimento) pregava "mascarar de ictericia ás physionomias", o que transforma a noção da côr em percepção do tacto, pela distincção entre face e antiface.

Não é tudo. Aiém desses casos de visão reanimada pelos sentidos inferiores, ha a notar ainda nesse mesmo trecho a

predominancia destas sobre todos os outros:

"A estréa do primeiro exame foi de fazer febre" — eis a affirmação da mais íntima vitalidade, revolta a uma surpresa.

"Pulavam-me as palpitações — expressão physiologico-emocional do pavor.

"O appetite desapareceu", o somno, as noções, a memoria... — toda a animalidade.

"Como um condemnado em oratorio..." — isto é, no estado agonico de todas as sensações.

"...cadaverico, ar de Christo, tinha a barba rente, pretissima, como um queixo de ebano..." — ha tudo ahi: atonia dos sentidos, visão dramatica e visão mesclada de outras sensações, pois, antes de "pretissima", a barba é "rente" e, sendo assim cerce e hirta, é tambem de ebano, como a face é de marfim.

Abrir-se uma porta de repente, empurrar-se alguém, fechar-se, não ter tempo para um desmaio — nada disso se vê com os olhos só, mas sente-se intensamente.

A voz que sahia de dentro, não sahia do silencio mas do escuro...

"Sem consciencia dos passos, achei-me numa sala... de tecto baixo", porém, se a cabeça instinctivamente se dobrava, não era tanto pelo escasso da altura, como pelo pintado das vigas: ellas, não o tecto, é que "faziam dobrar-se a cabeça..."

A observação do Guyau e Fouillée se comprova, pois, tambem entre os nossos

escriptores. Facil seria estender a analyse a Euclides, a Lobato, a Fialho. Todos "vêm" com os olhos da alma, os da emoção, olhos de sentir mais que de vêr, menos de analyse que de synthese do sensorio. E é só assim que se pôde comprehender o poeta:

Vêr é o supremo bem.

Eu insisto em scismar

Se a alma será, talvez, uma função do

[olhar...

Cégo, nunca saibais verdade tão doida

Para a cegueira: o olhar vale mais do

[que a vida.

Sim, a alma é uma função do olhar e o olhar vale mais que a vida, mas não por si, senão pelo seu papel synthetizador da emoção. E é o proprio excelso Vicente de Carvalho, que ergue esse hymno aos olhos, quem só concebe a visão por imagens kinestésicas e tacteis e, logo ao caracterisar-lhe a acção em uma physionomia, diz:

Toda a physionomia humana se illumina

Ou "tempestua" pelo olhar — luz ma-

[tuína

Ou fulgor de "corisco" em céu de tem-

[poral;

"Ardente", ou "frio" como "gume" de

[um "punhal"...

Brenno Ferraz

("Gazeta de Noticias", Rio)

OS INEDITOS DE EÇA DE QUEIROZ

O "Correio da Manhã", diario monarchico que se publica em Lisboa, annunciou com detalhes, o apparecimento, dentro de um caixote, de tres originaes do grande Eça. A esse proposito e rectificando enganos do noticiarista, um dos filhos de Eça de Queiroz, dirigiu ao "Correio da Manhã" a seguinte carta que, por muito interessante, a seguir transcrevemos:

Sr. Dr. Annibal Soares, meu querido amigo. — Não foi sem um certo espanto que ao abrir hoje o meu *Correio da Manhã*, deparei, logo na primeira folha, com a noticia: "Uma descoberta sensacional".

E' certo que, como informa o *Correio da Manhã*, vão ser brevemente publicadas

algumas obras inéditas de meu Pae. E' certo que essas obras têm algum parentesco com aquellas a que a noticia se refere. E' certo mesmo que um dos romances que vamos agora lançar a publico pôde ser considerado até certo ponto como uma primeira fórmula dos *Maias*. No entanto os detalhes que acompanham a noticia, mixto de realidade e de fantasias intrigaram-me vivamente.

Permitta-me portanto que aqui deixe a necessaria rectificação; restabelecendo os factos, e, já agora, antecipando a noticia que tencionava dar ao *Correio da Manhã*, opportunamente, sobre o apparecimento de uma nova série de obras de meu Pae.

Os manuscriptos que, por enquanto, temos copiados e separados, formam não tres, mais cinco obras: *A Capital*, *A Genoveva* — que também pôde ter o titulo de *A desgraça da Rua das Flores* — duas novellas, cujos titulos ainda não conseguimos descobrir, e uma série de notas sobre a viagem que, com meu tio, Conde de Rezende, meu Pae empreendeu ao Oriente, por ocasião da abertura do Canal de Suez.

Como vê, meu querido amigo, não se trata, nem ao de leve, do *Conspirador F...*, — certamente o *Conspirador Mathias*, romance de que, estou hoje convencido, só existiu o titulo, e nunca chegou a ser escripto.

Fazia parte este *Conspirador Mathias* de um largo plano litterario esboçado entre 1877 e 1878. Sob o titulo geral de *Chronicas da vida sentimental* ou *Galeria de Portugal no Seculo XIX*, meu Pae pensou escrever uma curiosa série de romances de Costumes: *O Predio*, que seria o jogo; *O Bacharel Sarmento*, representando a educação, as escolas; *A Genoveva*, um caso de incesto involuntario; *Soror Margarida*, um estudo de monomania religiosa; *O Milagre do Valle de Reriz*, pintando o fanatismo das aldeias; *O Bom Salomão*, prototypo do agiota..., etc., etc.

Este primeiro plano, infelizmente, não foi executado, e delle, apenas appareceu *A Genoveva* cujo original, primeira forma escripta de um jacto, sem emendas nem correções, o auctor, insatisfeito, pôe de parte e resolve não publicar.

No entanto, no anno seguinte, 1878, retomava meu Pae o seu projecto inicial e propunha-se escrever, sob o novo titulo geral de *Scenas da vida sentimental*, nova série de 12 romances, entre os quaes descubro os titulos de *Os Maias*, *O Conspirador Mathias* e *A Capital*.

D'estes, como é sabido, apenas publicou *Os Maias*, certamente inspirados na *Genoveva*, pelo menos versando o mesmo thema, mas fundamentalmente differente quanto aos personagens principaes, ao meio em que decorre a acção e ao proprio enredo.

Da *Capital* chegaram effectivamente a ser impressas algumas folhas, mas a obra de certo discontentava o auctor, pois meu Pae mandou cessar a impressão e poz de parte o manuscripto admiravel, que corre

da primeira á ultima folha, sem emendas, sem hesitações, n'uma série de notas impressionistas, d'um realismo luminoso, e que vamos agora publicar na integra.

D'estes planos tão vastos, só existem portanto, inéditos, *A Genoveva* e *A Capital*. Esta ultima é effectivamente a melancolica aventura de um praticante de botica que vem da sua provincia conquistar Lisboa — *A Capital*. Mas nada tem o triste e romantico heroe das audacias de um conspirador e apenas assistimos, accidentalmente, á sua expulsão d'um club democratico, cuja sessão é d'uma divertida "charge", cheia d'uma verve e d'um imprevisto inimitaveis.

* * *

E ahi tem, meu querido amigo, o que por enquanto se pôde dizer dos novos manuscriptos que, com meus irmãos, estou estudando, compilando e copiando, ha já varios mezes.

Mas não quero terminar esta breve noticia, ainda bem incompleta, sem me referir aos detalhes que o *Correio da Manhã* dá sobre o apparecimento d'estes novos manuscriptos, e que, realmente têm corrido os meos litterarios do Porto. A lenda do caixote, arrumado n'um desvão de casa de provincia, de cambulhada com cadeiras partidas e sophás arrombados, é um tanto phantasista.

Depois da morte de meu Pae, — tinha eu doze annos e meus irmãos apenas 9 e 10, — minha mãe guardou religiosamente todos os manuscriptos que encontrou, n'um cofre de ferro onde ainda hoje se encontram. O conteudo d'esse cofre, conservado com piedoso carinho, juntamente com todos os objectos que guarneciam o escriptorio de meu Pae, desde as estantes de livros até aos aparos ainda negros de tinta, foi examinado, em primeira mão, se não estou em erro, por Ramalho Ortigão. E foi por iniciativa de minha Mãe, sob a direcção de Ramalho, primeiro, e de Luiz Magalhães, depois, que começou a publicação dos livros posthumos até hoje conhecidos. De 1901 a 1910 não cessaram as publicações. Em 1912 ainda appareceram, por iniciativa de Luiz de Magalhães as *Vidas de Santos*. Mas a republica atirava para o exilio os tres filhos de Eça de Queiroz, minha Mãe

estabelecia-se em Londres, e nós, tres rapazes de 20 annos, por esse mundo fóra, em Hespanha, em França, em Inglaterra, no Brasil, na Argentina mesmo, levávamos a vida incerta e precaria dos exilados. Terminava assim, fatalmente, o primeiro periodo da publicação posthuma das obras de meu Pae.

Só ultimamente, de novo reunidos todos em Portugal e já homens feitos, resolvemos retomar a empreza encetada por minha Mãe.

Com enthusiasmo recomeçámos a leitura dos manuscriptos de meu Pae, por vezes hieroglicos, e não foi sem espanto e emoção que entre elles descobrimos os dois romances formidaveis, embora pouco mais que esboçados, as duas novellas

curiosas, e as notas encantadoras sobre o Oriente que brevemente vão ser publicados.

Apezar da minha habitual reluctancia em me salientar, d'uma quasi timidez em affrontar o publico, a noticia da descoberta d'estes manuscriptos, vinda a lume um pouco antecipada e sobretudo muito deformada, obriga-me a cumprir o dever imprescindivel, como filho mais velho de Eça de Queiroz e representante da familia, de vir restabelecer a verdade dos factos publicamente.

Por isso lhe peço, meu querido amigo, a publicação d'esta rectificação e d'estas breves notas, pelo que, desde já, se confessa muito grato o filho do auctor illustre e seu correligionario muito amigo. —

José Maria d'Eça de Queiroz.

OS "LUSIADAS", LIVRO ESCOLAR

Quando Castilho, o cego, grande prosador e poeta mediocre, classico supremo, se resolveu, tomado de furia pedagogica, a condemnar, com o applauso de varias gralhas do Parnaso, *Os Lusíadas*, como livro improprio para as escolas de instrução primaria, podia ter-se limitado a um argumento muito simples e muito conveniente: — *Os Lusíadas*, expressão superior do genio, são uma obra complexa, pelo assumpto, pela idealização e pela fórma, a que não se podem elevar pessoas de cultura mediana, quanto mais espiritos embrionarios na phase da formação...

E estava tudo dito. *Os Lusíadas*, pela complexidade, não podem servir de lição a espiritos simplistas. Só os homens de cultura requintada podem apprehender toda a grandeza épica das estrophes heroicas do poema da raça e da lingua, ou toda a idealização das suas estancias lyricas, a symbolica do seu maravilhoso, o valor dos elementos decorativos, a fusão da acção moderna das navegações com a idealização do passado mythologico que foi a mais viva evocação da Renascença!

Castilho, porém, lançado a principio nos trilhos de uma critica justa, transpoz depois todos os limites, descarrilhando lamentavelmente até ao ponto de affirmar que nenhum poeta quereria assignar, como perfeita, qualquer das estrophes de *Os Lusíadas*, que não resistiriam a uma cri-

tica severa, mas honesta.

Um dos pontos em que todos os mediocre, que têm applaudido a infeliz critica de Castilho mais se acirram, é o condemnar o episodio da "Ilha dos Amores", por ser tão realista, que chega a fazer corar o pudor pronostico dos moralistas baratos.

Quando Eça de Queiroz creou a expressiva fórmula: — "Sobre a nudez forte da verdade, o manto diaphano da fantasia" — não imaginou que a theoria esthetica, tão graciosamente condensada nesse rhythmico conceito, já tinha sido realizada por Luiz de Camões, quando sua rica e luxuriosa musa animou as deusas mortas, insuflando-lhes, ao sopro da Renascença, a sua propria vida, humanizando-as ao contacto com os heroes que regressavam da grande viagem á roda da Africa portentosa.

Nem antes, nem depois de Camões, na lingua portugueza ou em qualquer outra lingua, se creou um quadro que possa sobrepujar esse em belleza immortal, na graça do estylo, na louçania da descrição, no movimento das figuras, no detalhe e no conjunto. Existem em outras linguas quadros equivalentes como expressões maximas do genio, mas nenhum superior. No proprio Camões, sempre mais perfeito nas *Lyricas* do que nos proprios *Lusíadas*, nenhuma outra pagina — apesar de tantas obras primas graphadas pela

sua penna de excepção — se lhe póde comparar.

Castilho e as gralhas que depois, fazendo-lhe cortejo, atrás d'elle grassaram contra o realismo de *Os Lusíadas*, esqueceram-se que o realismo, como o classicismo, o romantismo, o naturalismo e o symbolismo são modalidades eternas da arte immortal.

Castilho não sabia tambem que as suas exigencias poeticas seriam mais tarde verdadeiras transigencias em face do parnasianismo que creou o requinte da forma até aos extremos limites, na qual não cabiam a maior parte das expressões metrificadas do proprio Castilho.

Para condemnar a applicação de um livro superior ás classes primarias não são precisos grandes argumentos, basta constatar que o livro é superior, isto é, proprio só a ser lido por aquelles que, mercê da sua alta cultura, se podem elevar até ás ultimas especulações mentaes. Dar a ler nas escolas primarias, da Italia, as grandes epopéas universaes — o *Orlando furioso*, a *Divina Comedia* e a *Jerusalem libertada*; na Hespanha a *Araucana*; em Portugal *Os Lusíadas*; na Allemanha o *Fausto* e a *Messíada*; na Inglaterra o *Paraiso perdido*, o *Hamlet* e o *D. Juan* — seria rematada falta de senso e de proporções.

Não me admira que haja quem condeme a indicação de *Os Lusíadas* para essas classes; o que sobremaneira me espanta é que esse poema tenha feito, em algum tempo, com esse fim, parte dos programmas escolares.

A reacção é legitima. Castilho condemnou bem essa applicação; onde Castilho errou foi em levar a sua critica para o campo da deprecição. Eu teria dito simplesmente: — Sendo *Os Lusíadas* a ultima expressão da litteratura portugueza, só nas ultimas classes escolares póde ser lido, e não só lido, mas estudado, que assim importa á gloria da lingua e da raça.

Ha pessoas que, deixando-se ir na corrente turbada pela falta de senso critico do velho Castilho, ainda reproduzem seus pseudo-argumentos contra o grande poema, chegando mesma ao exagero de o considerar como uma obra petrificada, como se as figuras estivessem reduzidas a mumias e encerradas em tumulos de

pedra lavrada, tudo apreciavel só pelos rendilhados decorativos — obra do passado, reliquias mortas, sem expressão, por não corresponderem já a nenhum valor contemporaneo. O que vale é que os criticos não se limitam a petrificar *Os Lusíadas*, consideram, tambem, com relativa logica, igualmente petrificadas a *Illíada* e a *Jerusalem libertada*, porque são apenas poemas locais, limitados a uma época.

Absurdo.

A *Illíada*, a *Jerusalem libertada* e *Os Lusíadas* são os tres poemas do conflicto secular entre o occidente e o oriente, as tres grandes epopéas do dominio do globo pela raça européa.

Entre os povos do oriente e do occidente existiu, até á missão portugueza, um perpetuo vai-vem, um continuo fluxo e refluxo guerreiro, em que os povos do oriente procuravam attingir as luxuriosas occidentes se lançavam á conquista da India misteriosa e perturbadora. Na historia, o primeiro fluxo da Europa sobre a Asia é o dos gregos contra os troyanos, que foi cantado na *Illíada*; depois vem o refluxo da Asia sobre a Europa, dos persas contra os gregos; de novo volta o fluxo dos gregos contra Alexandre sobre os persas de Dario; mais tarde os arabes sobre os christãos das margens do sul do Mediterraneo até á Hespanha; depois as cruzadas sobre a Palestina e os mouros de Saladino, formidavel movimento de povos cantando na *Jerusalem libertada*; por fim parallelamente a Asia sobre a Europa e a Europa sobre a Asia, de um lado, os turcos fazendo refluxo no oriente européu, do outro, os portuguezes deslocando o problema e indo ferir a Asia no coração da India, depois da viagem do Gama, o grande acontecimento cantado pelos *Lusíadas*.

Passaram os fluxos e refluxos entre a Europa e a Asia; os portuguezes solucionaram para sempre o problema e ao conflicto seguiu-se, como disse Edgard Quinet, a alliança do oriente e do occidente, pela penetração dos povos, pelo commercialismo, fundamental caracteristica dos tempos modernos de que *Os Lusíadas* são o poema sempre vivo, enquanto os povos confraternizarem dentro do criterio economico.

Alexandre de Albuquerque



NOTAS DO EXTERIOR

COLOMBIA-BRASIL

Offerecendo um almoço ao notavel escriptor-columbiano Sr. Miguel Rasch Isla, o Encarregado de Negocios do Brasil em Bogotá, sr. Argeu Guimarães, pronunciou as seguintes breves palavras:

“Meu caro Rasch Isla,

Vamos beber á sua saude, por seus triumphos de pura, alta e nobre poesia, e, ao mesmo tempo, levantar tambem nossas taças em nome d'um ideal vasto e mais fecundo, qual seja o da concordia litteraria entre nossos paizes. Você, meu caro Rasch Isla, hem merece ser considerado o centro d'um movimento de aproximação entre as nossas duas patrias, tão proximas e paradoxalmente tão distantes. Porque, na Columbia, você é o arauto do nosso lyrismo, e, traduzindo os nossos poetas, descobriu effectivamente as harmonias de nossos corações colombianos e brasileiros, que batem ao rythmo d'um mesmo idealismo. Sua obra admiravel, tão justamente elogiada aqui, como em toda a America, tambem foi recebida no Brasil com emoção e enthusiasmo, e um dos nossos melhores criticos, Osorio Duque Estrada, viu, no seu soneto *A uma arvore nascente*, uma d'essas crystallisações poeticas que constituem as joias d'uma litteratura.

Mas, meu caro Rasch, eu não quero fazer o elogio da sua obra, por demais conhecida e amada. Faltar-me-ia competencia para isso. Desejo apenas vislumbra, na aureola dos seus triumphos, o halo da sympathia, promovendo maior intelligencia entre a Columbia e o Brasil. Convido, pois, todos os nobres amigos que me acompanham a beber á saude de Rasch Isla, insigne poeta e primoroso amigo.”

Respondendo, disse o homenageado as seguintes palavras.

“Exmo Sr. Argeu Guimarães,

Não podeis negar que visteis a primeira luz da vida sob o céu da vossa gloriosa e nobilissima patria. A homenagem que me tributais e a que acabais de ajuntar novo brilho com vossas bellas palavras, repercute em mim com a mesma surpresa e a mesma emoção com que recebi os applausos que me foram prodigalizados pelas mãos dos vossos illustres compatriotas. Uma vez mais confirmo a certeza em que já estava, de que o Brasil é, e vós todos filhos do Brasil, pertenceis áquella casta de homens e de povos para os quaes não existe satisfação mais legitima do que coroar de rosas os que se approximam das suas almas. E

embora o caracter d'esta festa exceda meus pobres merecimentos, eu a recebo com agrado e com orgulho, porque parte de vós, e porque, partindo de vós, que tão digna e airosamente representaes vossa patria, assume, para mim, todo o alcance d'uma consagração brasileira. Alem d'isso, vós não sois apenas o amigo bondoso e o diplomata exemplar que todos conhecemos; sois tambem um intellectual, e, assim, as vossas palavras, em elogio do meu labor, surgem referendadas pela autoridade da vossa intelligencia e do vosso gosto exquisito. Não só me obsequiaes, senão que tambem me galardoaes. Obrigado, senhor.

E' certo, como acabaes de dizer, que sou um apaixonado panegyrista das excellencias da vossa patria. Desde ha alguns annos, consagrei-me, com enthusiasmo e com amôr, a conhecer o movimento literario das velhas e novas gerações do Brasil, e acredito que nada agradeço tanto ás minhas affeições intellectuaes, como o ter entrado em contacto com a alma eminentemente sonhadora e idealista, eminentemente apaixonada e lyrica, d'esse grande paiz, que é o vosso. Lendo, julgando, comparando a obra dos vossos patricios com as dos poetas hispano-americanos, senti a superioridade dos seus meritos e do seu numero sobre os maiores cantores da minha lingua. E, como nos poetas prima sempre a necessidade de dar-se em belleza aos demais homens e communicar-se confidencialmente com elles, dediquei, e ainda dedico alguns dos meus lazeres a verter, dos pomos lavrados do idioma portuguez, aos toscos vasos dos meus versos, a essencia da vossa poesia, a alma da vossa patria, senhor, tão semelhante á nossa, e como a nossa, tão emotiva e tão pura, para que todos a conheçam; para que, conhecendo-a, admirem-na; e admirando-a em toda a sua extraordinaria sublimidade, acabem por amala como eu a amo.

Mas, não imagineis que a minha admiração pela vossa patria tenha unicamente como causa o facto de serdes cultivadores eximios da belleza rimada. Tambem sei admirar-vos por outros aspectos da intelligencia e do progresso. Tendes, como nenhum outro povo d'America, alcançado uma organização politica sabia e atinada. Caminhaes seguros e firmes na direcção

do porvir, porque soubesteis crear uma esplendente personalidade continental. E, sem que vos cegue a vertigem das conquistas brilhantes, ou vos deslumbre a seducção da grandeza material, procuraes uma e outra, cuidando, porém, de que, harmonica e conjunctamente, cresça e se desenvolva tambem aquella parte da nacionalidade que attende ao idealismo e á graça á cultura espirital e á arte, a todas aquellas coisas de superior sentido e transcendencia infinita, sem as quaes um povo não chega a constituir, no conjuncto da familia universal, senão uma barbarie grandiosa, uma Babylonia brutalhada e insensivel. Por isso, senhor, possuís grandes pensadores, romancistas insignes, esculptores de primeira linha, pintores, musicos, jornalistas, oradores, artistas... E assim o vosso desenvolvimento triumphal no continente assume a apparencia graciosa e firme d'uma arvore magnifica, robusta e copada, que enterra profundamente as raizes no solo natal, que se expande para o alto sempre com vigor e constancia, mas que, ao mesmo tempo, cuida em que, no extremo de cada um dos ramos, abra-se, como symbolo do idealismo humano, a flôr de côres vistosas que embalsama o ambiente e recreia a vista dos homens e os enfeitiça e enternece...

Prescindindo do meu nome, que não representa aqui, que não pode representar, senão o pretexto casual para promover uma reunião de espiritos elevados e cultos, esta festa encarna um significado plausivel e enaltecendor. Como homem de ideias e de pensamentos, sabeis que nada sóe estreitar tanto os povos e conduzil-os tão efficazmente á comprehensão e ao amôr, como a approximação por meio do livro, capaz de transpôr espirital e intellectualmente as fronteiras que os separam. No cumprimento dos vossos deveres de diplomata, quereis que o vosso paiz e o meu acabem por confundir-se n'uma d'aquellas allianças ideacs que sobrevivem a toda sorte de vinculos e que sellam a harmonia internacional com caracteres indeleveis e definitivos. Buscaes, tomando meu nome por pretexto, a consecução d'um plano idealista de projecções beneficas e constantes. E como poderieis deixar de reunir as correntes da sympathia e da admiração columbianas, em

tão nobre sentido, se está dentro das tradições honrosas do vosso paiz collocar, por cima das preocupações da politica interna, outras, mais transcendentas e plausiveis, da politica espiritual na America. Occupa o posto de ministro das Relações Exteriores do Brasil o Senhor Felix Pacheco, intellectual eminente, homem de estudo e de vastas capacidades, e poeta como o que mais o seja. Inspirando-vos nos propositos de vosso compatriota e superior, quereis propagal-as e secundal-as, emprestando-lhes, para maior influencia, o prestigio do vosso cavalheirismo e do vosso talento. Amplissima é a orbita em que se desenvolve o labor que tendes iniciado e acabará por impôr-se e triumphar, porque obras como esta não a realisam senão paizes como o vosso, onde as preocupações da intelligencia e o culto do ideal e da belleza presidem as actividades dos homens representativos.

Quero crer que existem no animo dos cidadãos que hoje regem os destinos da Columbia inspirações identicas, e que a mocidade de minha patria, e sobretudo, os da minha geração, acalentam desejos vehementes de conhecer-vos e de serem por vós conhecidos. Falta apenas que estes movimentos iniciais, que estes encontros do espirito se generalisem e ampliem, e, ao seu contacto, comecemos a descobrirmo-nos mutuamente as almas e as intenções. Não nos amamos mais porque nos desconhecemos, e nos desconhecemos porque nunca fizemos nada efficaz para nos approximarmos. Mas não sei eu quem pretenda, com forças tão debéis como são as minhas, tomar sobre os hombros problema tão complexo como o do irmanamento das nossas patrias. Incidente e summariamente me referi a elle, por força da natureza ou indole d'esta festa e pelo enthusiasmo com que o haveis enunciado. Vozes mais autorisadas recolherão o echo das minhas palavras, e, ampliando-o victoriosamente, fal-o-hão chegar até o amago d'istrahido das consciencias.

Apartando-me, pois, dos moveis essenciaes d'esta vossa iniciativa e limitando-me ao que este acolhimento tem para mim de honroso e immerecido, confesso que inutilmente procuraria, em minha linguagem singela, palavras capazes de exprimir o que me está agitando e con-

movendo n'estes instantes. Se é grato para o obreiro desinteressado a culminação d'uma tarefa bem concluida, se é capaz de compensar todas as dôres e desfallecimentos do artista o applauso unanime dos seus patricios, eu poderia repousar tranquillo com a certeza de ter alcançado essa recompensa. Consagrei o melhor da minha mocidade a cantar o que ia sentindo e sonhando pela vida, e quando me encontrei mais aheio ás ambições de gloria e a recompensas envaidecedoras, foi quando recebi, das mãos de quantos valem literariamente na Columbia, louros que me confundem, e escuto, vinda d'um extremo a outro da America, a voz do applauso e da consagração. Nunca pensei, porém, que nas auras da fortuna literaria, viesse a ser o centro d'uma homenagem como esta, promovida por um cavalheiro tão acatado como o Sr. Argeu Guimarães e secundada por amigos tão gentis como os que me cercam. E este facto avulta aos meus olhos com um valor mais alto e um significado mais commovedor do que qualquer outra especie de triumphos. Sentindo-me entre vós, não posso deixar de dizer que, embora seja certo que meu nome presida a esta honrosa reunião, tambem é certo que estamos tão perto uns dos outros e uma tão estreita amizade nos irmana e uma tão completa harmonia nos confunde, que eu mesmo não chego a distinguir se sou um dos convivas ou se em realidade sou o homenageado. E quando o coração se vae desprendendo, ao correr dos dias, de tantas e tantas mentiras que o absorveram e desvelaram e a nossa vida adquire a consciencia da sua responsabilidade e da sua dôr sobre a terra, então nada vale tanto como estas justas da amizade, que não são ensombradas por nenhuma desconfiança, nem manchadas por nenhuma emulação, nem polluidas por nenhuma vaidade.

E já que accode aos meus labios a santa palavra amizade, permitti que eu associe á vossa presença corporea, a lembrança d'um amigo longinquo, d'um camarada brasileiro, d'um coração aberto, como um horizonte, a todas as perspectivas da jovialidade mental e da belleza, a Saul de Navarro, com quem, em labor simultaneo e reciproco, venho trabalhando enthusiasticamente pela aproximação in-

tellectual do Brasil e da Columbia. A elle, á sua generosidade ininterrupta, devo o prazer de muitas leituras inesqueciveis, e — porque não dizel-o? — a melhor parte do meu modesto renome entre a intellectualidade do Brasil. Com desinteresse e constancia admiraveis, procura communicar-se commigo, dar-me a conhecer aos seus patricios, e, demais, fazel-os conhecidos de poetas e escriptores columbianos. Elle, como muitos outros espiritos de lá, sinto-os commigo n'esta hora inesquecivel.

Brindo por vós, senhor Guimarães, pelos amigos presentes, por aquelles amigos longinquos, e pelo Brasil, ao qual me sinto vinculado por um amôr e uma admiração tão sinceros e grandes como o amôr e a admiração que consagro á Columbia". (Prolongados applausos).

Em seguida o Encarregado de Negocios do Brasil, agradecendo a nimia gentileza das palavras de Rash Isla, levantou, de novo, a sua taça, "em homenagem á Columbia, nação que prima, entre todas da America Hespanhola, pelo extraordinario brilho e pela gloria incomparavel da sua litteratura."

A reunião se prolongou até á tarde, tendo os poetas que compareceram, e figuram entre os mais notaveis da pleiade moderna da Columbia, recitado as suas melhores poesias.

Compareceram: O Sr. Eduardo Posado, notavel historiador, secretario perpetuo da Academia de Historia; o grande poeta Gomez Jaime, autor de *Aves Viajeiras* e outras collecções de poemas justamente celebrados na America e na Europa; Luiz Eduardo Nieto Caballero, primoroso jornalista, redactor de *El Espectador* e outros jornaes; Leopoldo De La Rosa, illustre poeta; Fernando Pombo, jornalista; S. Ex. o Sr. Aguirre Apparicio, ministro do Equador, acompanhado de seu secretario Guilherme Politi; André de La Rosa, Encarregado de Negocios da Venezuela, e tambem primoroso poeta; o Dr. Gonzalo Salas, attaché á Legação venezuelana, etc.

O Sr. Rasch Isla abriu a serie de brindes, dirigindo-se, em palavras gentilissimas, á Senhora Argeu Guimarães.

PEDRO AMERICO

O embaixador do Brasil em Lisboa, meu eminente amigo sr. dr. Cardoso de Oliveira, teve a gentileza de offerecer-me uma chicara de chá na Embaixada, para me mostrar uma collecção de quadros do grande Pedro Americo, seu sogro, gloria da pintura brasileira. Não quero deixar de transmittir aos meus leitores as impressões dessa affectuosa visita, em que mais uma vez tive occasião de apreciar, sob muitos dos seus aspectos, o talento forte e austero do mestre da *Batalha de Avahy* e do *Grito do Ypiranga* — não apenas o maior pintor de que o Brasil se orgulha, mas, incontestavelmente, um dos grandes pintores que illustraram o ultimo quartel do seculo XIX. O facto de se tratar de quadros ainda desconhecidos na nobre nação americana em que se fala a lingua de Bernardes, attribue naturalmente a este artigo um interesse que elle não teria se eu viesse falar-lhe da obra do mestre já conhecida e admirada no Brasil.

Devem ser cerca de quarenta as telas de Pedro Americo que formam a notavel

collecção do sr. embaixador do Brasil; destas quarenta, vinte pelo menos, podem considerar-se notaveis; e uma — o *Noviciado* — attinge a eminencia das obras-primas. Chegaram ha pouco tempo de Genova, onde se encontrava ainda o espolio do grande pintor. Não constituem, porém, o total desse espolio d'arte, que o governo brasileiro outrora pensara em adquirir, no louvavel proposito de reunir numa grande e unica sala toda a obra do mestre da *Carioca*; os quadros que ficaram na Italia foram divididos em dois lotes, approximadamente equivalentes, um dos quaes coube á senhora embaixatriz, filha querida de Pedro Americo, e o outro a seu irmão. As obras pertencentes a este ultimo, não é natural que eu venha a conhecel-as; mas já me considero feliz por ter podido admirar as do primeiro, que o sr. dr. Cardoso de Oliveira recebeu em rôlos de tela, e que piedosamente emmoldurou e traçou, com um carinho de artista e um zêlo de verdadeiro filho espiritual do mestre, dispondo-as, accompa-

nhadas de varios documentos bio-bibliographicos referentes ao grande pintor, na sala-de-bilhar do palacio da Embaixada. Essa vasta sala, onde entrei com curiosidade e com commoção, é hoje para s. ex. um duplo relicario: porque guarda o melhor thesouro da familia, e porque contém algumas das mais bellas peças do patrimonio artistico da nação brasileira.

O que desde logo nos impressiona, no primeiro relance d'olhos pela collecção, é a universidade do talento do grande pintor. Nesses quarenta quadros, Pedro Americo apparece-nos como um cultor eminentemente de todos os generos de pintura: paizagista, retratista, decorador, animalista, pintor de historia, pintor de natureza-morta — e até miniaturista paciente, caricaturista gracioso, aquarelista cheio de elegancia e de scintillação. Esse animador de epopéas, esse evocador de batalhas — Horacio Vernet parahybano, como lhe chamei nos *Gallos d'Apollo* — pintava com a mesma facilidade uma flôr, um fruto, um leão dormindo na floresta, o mar refervendo em cachões de espuma d'encontro aos rochedos, o corpo nú duma mulher, um trecho opulento de architectura classica, uma paizagem tranquilla vagamente doirada pelo sol poente, uma allegoria luminosa, um retrato sóbrio, macisso, exacto — e sabia, com prejuizo talvez da sua individualidade, adaptar os seus processos a cada genero escolhido, dando-nos ao mesmo tempo, com egual segurança, a fuga épica das cavalgadas militares e a immobildade exactica da natureza; os "interiores", com a minucia dum mestre hollandez, e o "ar-livre", com a audacia dum impressionista moderno; parecendo-nos agora, num retrato, mais um desenhador seguro, da escola d'Ingres. do que um colorista voluptuoso; logo, pelo contrario, numa pintura decorativa de tons claros, luminosos e frescos, mais um colorista improvisador do que um sólido mestre do desenho. Pedro Americo — já o nota com sagacidade o sr. dr. Cardoso de Oliveira, no seu substancioso estudo sobre o pintor — seguro da sua dextreza e do seu virtuosismo, accumulava propositadamente as difficuldades technicas, para se permittir depois o prazer intellectual de as vencer. Toda a sua pintura — e isso verifica-se tambem

no primeiro exame dos quadros expostos — se resente da influencia franceza. Succedeu isso a toda a arte brasileira do Imperio, mais ou menos pupilla da missão Lebreton; era natural que essa influencia se accentuasse na obra de Pedro Americo, que teve demorados contactos com os mestres francezes durante as suas longas permanencias na Europa. Um certo academismo, que se sente na maior parte das suas composições; o excesso de desenho e o culto do pormenor, evidentes sobretudo nas suas bellas pinturas militares — em especial no *Grito do Ypiranga*, que tanto me impressionou na minha passagem por S. Paulo — denunciando o estudo apaixonado que Pedro Americo fez da obra de Meissonier; certa tendencia para os motivos árabes e orientaes, muito em moda na pintura franceza do tempo; a seccura exacta e minuciosa dos seus animaes, muito semelhante á do animalista Troyon, já, por seu turno, sob a influencia de Paulo Potter; a solidéz de desenho e a sobriedade de côr dos seus retratos, em que se adivinha a admiração que lhe merecia Ingres; a réplica evidente em determinados motivos, como no leão que sobre um rochedo olha de frente o sol, e que lembra o formidavel quadro de Gerôme, *Les deux majestés*; — tudo isto no primeiro olhar, nos mostra que a arte franceza contemporanea exerceu uma natural e decisiva influencia nos processos e até nas concepções deste grande mestre da pintura néo-romantica do Brasil. Nem por isso, entretanto, elle deixa de ser bastante pessoal, e — o que é mais — accentuadamente brasileiro. São bem brasileiros a sua fuga, o seu ardor, a sua eloquencia, a sua vibração, a sua sensualidade; brasileiro o seu culto pela mulher e pela natureza; brasileiros o seu proteismo, a sua facilidade, a sua virtuosidade admiravel. Tão brasileiro d'alma e coração foi Pedro Americo, que ao evocar o Eden, na sua tela *Adão e Eva*, a floresta que elle pinta é a offuscante, a exuberante, a maravilhosa floresta brasileira.

Vejamos os quadros que constituem a preciosa galeria, onde se accumulam, além das obras vindas de Genova, aquellas que já se encontravam anteriormente em poder da familia Cardoso de Oliveira. Dentre os retratos — Pedro Americo era,

como se sabe, um retratista notavel — destacam-se a *Montenegrina* (incompleto); *Abd-ur-Rahman*, para que serviu de modelo o actual embaixador do Brasil em Lisboa; a *Rapariga hespanhola do seculo XVII*, fantasia velasqueana, retrato da senhora embaixatriz quando tinha dez annos; e, especialmente, a bella cabeça do barão de Santo Angelo — outro patriarcha da arte brasileira — excellente de modelação, solida de desenho, sobria de côr. O paizagista revela-se num pequeno quadro — trecho de natureza fecunda envolvido numa luz doirada e rosada de poente — onde se surprehende a influencia de Corot; o animalista, em dois magnificos estudos de cavallos, e nos leões, que elle tanto se comprazia em pintar; o pintor de marinhas, num effeito de arrebenção de vagas, á hora do crepusculo, de encontro a uma costa hirsuta de rochedos — talvez a costa americana. São particularmente interessantes os motivos árabes da collecção: *Uma rua de Tanger*, mancha vigorosa de colorido; o *Chefe mouro*; e, em especial, a *Caravana*, naturalmente uma réplica, onde se admira a forte e segura technica do pintor. Cinco telas permitem-nos conhecer Pedro Americo como pintor religioso: duas cabeças de Christo — Christo vivo e Christo morto — os seus ultimos trabalhos; duas imagens da Virgem, dum grande sentimento e duma bella expressão; e um Menino-Jesus, a melhor das agiographias do eminente pintor brasileiro, em que se adivinha, como nas Virgens, a sympathia do mestre por Bouguereau. A pintura anecdotica está representada na collecção por um esboço admiravel para o quadro (mais tarde executado por Pedro Americo) que se intitula *Voltaire abençoando o neto de Franklin*: não se vêem as duas figuras de homem e de mulher que, na composição definitiva, assistem á scena por detrás duma cadeira de tapeçaria; mas a figura do poeta é melhor, mais espontaneo o movimento, e todos os pormenores estão tratados com um cuidado e uma delicadeza de miniaturista. Quem entra na sala da Embaixada, onde se encontram os trabalhos do mestre, sente-se immediatamente attraído por tres largas composições decorativas, estudos de Pedro Americo para um *panneau* allegorico — *A libertação dos escravos* — que não chegou a executar, mas de que apro-

veitou alguns grupos e detalhes architectonicos no seu quadro *Pax et concordia*, que eu vi ha um anno no Itamaraty: num vasto hemicyclo polystilo, duma grande belleza classica, perante a representação das nações, a que preside a Princeza imperial, a Civilização quebra as algemas dos escravos; o genio do Mal cae fulminado, mordendo a terra; povo, nobreza, clero, exultam e acclamam; do alto, o grupo olympico dos deuses, entre cytharas e trombetas d'ouro, abençoa a confraternização dos homens. Um dos estudos — o maior — está completo; os outros dois, em que o mestre se propunha desenvolver pormenores do primeiro, encontram-se infelizmente inacabados; em qualquer dos tres se surprehende o mesmo forte sentimento da pintura decorativa, o mesmo movimento, a mesma dignidade de concepção, a mesma perfeita harmonia de composição, o mesmo colorido fresco, opulento e luminoso. Mas a joia da collecção está ao fundo da sala, ao lado da *Primeira Culpa*, em que Pedro Americo nos mostra um Adão e uma Eva dum academismo talvez um pouco estreito: essa joia, orgulho da moderna pintura brasileira — é o *Nóviciado*. Se exceptuarmos as suas tres grandes telas militares — e, sobretudo, a *Batalha de Avañy* e o *Ypiranga*, obras-primas fundamentaes — nunca o talento de Pedro Americo subiu mais alto do que nesse quadro tão humano e tão simples, em que a anecdota é uma variante das muitas "Tentações" que enchem a pintura de todas as épocas e de todas as escolas, desde Lippo Florentino até Moreau, mas em que o pintor nos apparece senhor de si mesmo, na plena posse de todos os seus admiraveis recursos. Um noviço dominicano, envolvido na estamenha da approvação, está na sua cella, de joelhos deante duma estante de archibanco onde se abrem, á luz das tochas, as folhas illuminadas dum antiphonario. Prestes a tomar o habito de professo, a sua alma vacilla ainda entre o amor de Deus e as tentações do mundo. Macera-se com jejuns; mortifica-se com cilícios e disciplinas; mas, no fundo do seu coração, o peccador não está morto ainda. Quando o pobre noviço vae, mais uma vez, a affirmar-se nas letras, abertas a minio e ouro, do seu livro coral, o que elle vê não são as palavras divi-

nas dos psalmos, não são os neumas negros do canto-chão — é um corpo nú de mulher, expressão da belleza eterna e da graça immortal, cuja polpa rosada e loira palpita num frémito luminoso ao canto da cella, e que parece dizer-lhe, estendendo os braços: — “Louco, por que não despes essa mortalha?” Todo o drama interior daquella figura de quasi frade, aparentemente serena, está na expressão da máscara, que, no seu perfil perdido, se adivinha mais do que se vê: uma expressão a um tempo de surpresa e de volupia, de extase e de terror, de assombro e de encanto conseguida sem exageros mimicos, e que basta para nos dar, na sua exactidão flagrante, a medida do poder de penetração psychologica do pintor. O *Noviciado* não nos impressiona

apenas pelo sôpro romantico que anima o quadro; interessa-nos, sobretudo, pela parte technica da sua execução, que é magistral. Tudo, desde os pannejamentos do habito até aos pormenores archeologicos, desde a nudez quasi immaterial da “Mulher-tentação” até á maneira porque está tratado o fundo, contribue para que tenhamos de considerar esta tela notavel como uma das melhores joias da moderna pintura brasileira.

E aqui têm o que é e o que vale a collecção Pedro Americo, que neste momento enriquece as salas da Embaixada do Brasil em Lisbôa.

Julio Dantas.

(“Correio da Manhã”, Rio).

RAÇA DE NAVEGADORES

Acabada a Grande Guerra, estagnada essa causa de progresso da Aviação, que tão rapidamente a impulsionou, por isso que lhe pagava todas as experiencias, permitindo o rapido desenvolvimento de uma industria nova, a da consrucção de aviões — natural era que esses novos recursos creados se desviassem para os transportes commerciaes, applicação natural da Aviação durante a Paz.

Assim logo se estabeleceram carreiras aéreas para as distancias menores e mais frequentadas, como Paris-Londres ou Paris-Bruxellas.

Além disso, tanto como reclame das differentes fabricas deapparehos, como tambem em resultado da emulação natural entre os differentes paizes, surgiu intuitivamente a idéa de se fazerem pelo ar, como records, as viagens que a esses paizes mais interessavam, e que aos aviões actuaes já era possivel vencer. Da mesma maneira que os francezes, ainda no periodo heroico da Aviação, se quizeram assegurar, a primazia da travessia da Mancha, outros se apresentaram a disputar a das grandes viagens classicas: Roma-Tokio, Londres-Australia, Paris-Lisboa, as travessias da America e da Africa e, por fim, a travessia do Atlantico.

Esta ultima viagem larga, de cerca de 1.700 milhas quando feita entre a Terra-Nova e a Irlanda, sem escalas, era com-

tudo ainda praticamente impossivel para um hydro-avião.

Depois de uma tentativa infeliz de Hawker, ella só veiu a ser realizada por Alcock a bordo de um aeroplano, ao qual tinham sido mesmo abandonadas as rodas e que, portanto, não ia em condições de fazer mais do que aquelle vôo — ou antes salto formidavel — pois era natural partir-se, como lhe aconteceu, ao poisar, só com patins, na Hollanda. Mas já um mez antes os norte-americanos tinham precedido os inglezes, conseguindo voar o Atlantico, mais ao Sul, por etapas — das quaes a maior era de 1.200 milhas, entre a Terra-Nova e os Açores, tocando no Faial, Lisboa e no Ferrol. Para conquistarem para a sua bandeira estrellada esta primazia, foram empenhados na tentativa tres hydro-aviões, de um typo especial com quatro motores cada um, e dispuzeram do apoio luxuoso de cerca de uma centena de navios!

Outras grandes viagens, comtudo, havia a fazer, as quaes interessavam mais especialmente aos povos latinos, como a travessia da Hespanha para as Antilhas — viagem que symbolisava a descoberta historica da America — a volta do mundo, que fóra primeiramente completada por portuguezes e hespanhoes, com Fernão de Magalhães; Lisboa ao Brasil, que interessa a portuguezes, como nos interes-

savam, finalmente, as viagens aos Açores e Madeira, e ás nossas colonias de Africa, India e Oriente. Aos francezes competia a travessia Dakar-Brasil, como aos hollandezes os raids ás Indias Orientaes.

Estava-nos pois primacialmente indicada a viagem aérea ao Brasil, pois é lá que vive a maior colonia portugueza, com o seu milhão de almas. Esta viagem apresentara-se logo, naturalmente, ao espirito aventureiro dos capitães Paes e Beires. Mas faltaram-lhes os maiores materiaes para a emprehenderem, por isso que ella, por emquanto, era impossivel para aeroplanos terrestres, por falta de campos de aterrissage, e, de resto, por não estarem esses aviões de rodas indicados para travessias de muitas horas sobre o mar. Concluida depois, em 1922, esta viagem por aviadores navaes, apresentava-se, como destinada aos aviadores terrestres a viagem a Macau, ponto longinquo das colonias portuguezas no Oriente, e ao qual nos ligavam antigas tradições historicas, sendo até lá que Camões compoz grande parte dos Lusíadas.

Esta viagem era realizavel com aeroplanos, por já existir uma linha continua de campos de aviação, que permittia voar mesmo até Yokohama.

Decidida assim a viagem, a partida realizou-se de Lisboa, em 2 de abril passado, e de Villa Nova de Milfontes — cujo campo melhor se prestava para descolar com grandes pesos de gazolina — cinco dias depois, Paes e Beires iam pilotando um aeroplano Breguet, do modelo corrente muito conhecido no Rio, com tanque de sobresalente para mais de mil milhas de vôo, e com o seu usual motor Renault de 300 cavallos. Havia a novidade de a viagem não ser subsidiada, nem pelo governo, nem por fabricantes de aviões ou fornecedores de gazolina: ella foi iniciada á custa da fortuna particular dos aviadores; o proprio aeroplano, o "Patria", fôra adquirido por subscrição particular.

Mas, a breve curso, vencidas com felicidade as etapas até ao Cairo, a opinião publica começou a enthusiasmar-se, tanto em Portugal como no Brasil, e os fundos não faltaram para custear todas as despesas, incluindo a compra de um novo avião, e, por fim, as da publicação do livro da viagem, com que vae ser dado

conhecimento, ao publico, dos detalhes da mais interessante proeza realizada ultimamente por portuguezes. Porque os riscos foram grandes: voaram sobre desertos sem recursos, sobre regiões povoadas por tribus selvagens, soffreram os calores da Arabia e do interior da India, venceram os temporaes da monção do Sudoeste. A viagem foi, em resumo, uma visita á India, no primeiro avião; e, inutilizado este, por causa do calor, partiram para Macau, em outro do typo Haviland. Assim foi concluido um vôo de nove mil milhas, ou seja o dobro da distancia durante o raid Lisboa-Rio, e tambem em cerca do dobro do tempo, em 120 horas, com 23 etapas.

Mas, detalhe interessante, essa viagem, como a do Rio, exigiu exactamente o mesmo tempo, um total de 80 dias — como a viagem á volta do mundo de Julio Vernel. Apesar, pois, deste progresso relativo, somos infelizmente levados a concluir, após um tão consideravel esforço, que, na pratica, não apparecem por emquanto probabilidades de o aeroplano ser utilizado em viagens ao Oriente, que o correio, pela via Siberia, completa em cerca da quarta parte do tempo.

Esta audaciosa viagem dos aviadores Paes e Beires, e do mecanico portuguez Gouvêa, que os acompanhou em muitos dos seus vôos, não passou despercebida á imprensa brasileira. Bem ao contrario, ella repetidas vezes se occupou desta tentativa portugueza, e lhe fez uma carinhosa propaganda angariando fundos e publicando até numeros especiaes, mais importantes do que os que sahiram em Portugal. Lamentavelmente, não foi possivel aos aviadores portuguezes corresponder a essa dedicada boa vontade e patriotico incitamento, proseguindo na viagem á volta do mundo. A estação estava já bastante adiantada para romper com os nevoeiros das Ilhas do Norte do Pacifico, visto que o caminho mais directo, pelo sul, do Japão ás ilhas de Sandwich, está vedado a todos os aviões, por causa da etape unica, de mais de 3 mil milhas, contra o vento alisado do Nordeste, sempre contrario. De resto, como não ha por lá campos de aviação, faltava-lhes um hydroavião para poisar nagua, e os navios apoios indispensaveis, para levarem com-

bustivel, sobresalentes e pessoal mecanico. Eis as razões por que a viagem foi interrompida em Macau.

Esperemos que a Paes e Beires seja proporcionada occasião de irem pessoalmente contar as difficuldades de sua viagem, a portuguezes e brasileiros, naturalmente interessados nestes successos dos homens da nossa raça, e na sciencia da aviação, em que o Brasil tão preponderante papel tem desempenhado.

A esse mesmo paiz, principal representante da raça latina na America, está destinada, em logica replica ao raid Lisboa-Rio, a viagem Rio-Paris-Roma, fazendo, como é natural, escala em Lisboa e Madrid. Mas não é preciso que um brasileiro honorario — eu sou cidadão carioca! — lh'o venha suggerir. Já Santos Dumont, em 1915, previa travessias aéreas do Atlantico, escrevendo que "a idéa estava no ar", e que, dentro em breve, aeroplanos partidos do Novo Mundo "iriam ter ao Velho". Este projecto teve depois um precursor mais directo,

o mesmo homem que planeou o audacioso vôo Nova-York-Rio, o aviador Pinto Martins, a quem uma morte prematura cortou as azas para um outro vôo, que a fundo o preocupava, e de que tantas vezes me falou, o vôo Rio-Europa.

A idéa é, pois, essencialmente brasileira, e não podia morrer com Pinto Martins. Ella continuará em fermentação. Nos aviadores brasileiros mantem-se incarnado o espirito aventureiro dos povos latinos, vivificado com o moço espirito de iniciativa americano. Antes que outros o façam, esperamos pois, em Portugal, ver algum dia chegar-nos, vindo da America do Sul, um avião com as côres brasileiras. E o que não foi feito em 1919 ver-se-á então!

Nós cá vamos preparando os pulmões para gritarmos "Viva o Brasil"! ao longo da Avenida da Liberdade, a esses novos cidadãos lisboetas!

Gago Coutinhô.

(Revista da Semana, Rio.)





CURIOSIDADES

AS PERSPECTIVAS DA AERONAVEGAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS

O capitão Rickenbacker, um dos azes norte-americanos na guerra mundial, declarou ha pouco:

“Em vinte annos os Estados Unidos dominarão o commercio aéreo. Haverá pequenos aeroplanos baratos, cujo emprego será tão generalizado como o dos automoveis na qualidade. Esquadras inteiras de grandes dirigiveis cruzarão o oceano em dois dias e outros farão viagens em redor do mundo. Haverá milhares de aeroplanostenders, machinas mais pesadas que o ar, que effectuarão a carga e a descarga dos dirigiveis”.

Estas predicções foram feitas depois das ultimas viagens do grande dirigivel naval Shenandoah e da aquisição de todas as patentes e direitos de construcção de dirigiveis pertencentes á Companhia Zeppelin, da Allemanha, pela Goodyear Company. Essa empresa, que é norte-americana, está perfeitamente habilitada pelos seus estudos e experiencias a implantar no paiz essa industria de tão vi-

tâl importancia. Em 1910 enviou ao estrangeiro representantes seus, encarregados de estudar o assumpto, e durante e depois da guerra construiu numerosos balões captivos e outros aparelhos para o exercito e a esquadra dos Estados Unidos. No momento está construindo um dirigivel do typo semi-rigido para a Armada e com a aquisição, que acaba de fazer, de numerozo pessoal perito, pôde emprehender com successo a construcção de dirigiveis do mais moderno systema.

A predicção formulada pelo capitão Rickenbacker não tem nada de extraordinario. Ella é corroborada pela opinião do perito allemão Heinen, que ao ser consultado por occasião da construcção do Shenandoah, declarou:

“Não tenho a mais leve duvida de que esse dirigivel constituirá um grande exito. E' a aeronave mais forte de quantas tenho examinado. E' de uma grande rigidez e força e dispõe de um elevãdo coefferiente de segu-

rança. Conheço alguma coisa em materia de dirigiveis porque a elles dediquei a metade de minha vida. O Shenandoah está destinado a demonstrar a possibilidade da construcção de dirigiveis que poderão effectuar o serviço de transportes em condições mais baratas que as estradas de ferro. Com a maior segurança e rapidez poderão conduzir cinquenta passageiros a tres mil milhas de distancia, dedicando-se ao mesmo tempo ao transporte de correspondencia.

Uma breve resenha historica da construcção de zeppelins não deixará de ser interessante. Muitos, por exemplo, ignoram que durante a nossa guerra civil, o conde de Zeppelin prestou serviços na qualidade de perito de balões captivos no exercito de Potomac e que depois da guerra viveu alguns annos no oeste norte-americano. Tendo observado o uso de globos pelos francezes durante o cerco de Paris e depois de ter visto o exito parcial obtido por Santos Dumont e pelo inventor austriaco Swartz, com a construcção de dirigiveis de um typo primitivo, o conde de Zeppelin dedicou sua attenção ao traçado dos planos de um grande dirigivel do systema rigido.

Apezar do fracasso dos seus primeiros projectos, Zeppelin conseguira despertar o interesse do governo allemão, captando ao mesmo tempo a admiração unanime do povo da Alemanha, cuja fé no exito dos seus ensaios foi tão grande que uma subscrição popular, organizada depois de haver o governo suspenso qualquer auxilio financeiro, rendeu um milhão e quinhentos mil dollars, somma essa que foi entregue ao inventor para encorajal-o no aperfeiçoamento da sua obra. Assim fez, e com tanto exito que na paz e posteriormente na guerra, foram utilizados cento e vinte aeronaves por elle construidas. Aquelle gesto do povo allemão não tem precedentes na historia, e, no transcurso dos annos vindouros o mundo poderá desfrutar os seus beneficios.

Os resultados que os zeppelins deram na exploração e no transporte e

como unidades de combate não foram apreciados no seu justo valor. Na guerra fizeram o serviço de patrulha sobre o mar do Norte e o Báltico, subministrando constantemente informações sobre os movimentos da grande esquadra ingleza. Um almirante britânico declarou que um zeppelin, como unidade de exploração, vale tanto como seis cruzadores ligeiros e que a esquadra ingleza só poderia ter engarrafado totalmente a allemã, acabando por destruil-a, por meio dos zeppelins. Além disso, esses dirigiveis levaram carga, munições e elementos de auxilio de Berlim a Constantinopla, e um delles — o Z. 59 — voou em quatro dias da Bulgaria a Karkum, cobrindo a distancia de... 4.500 milhas.

Anteriormente, durante a paz, elles haviam alcançado um exito decisivo. Uma companhia allemã transportou 35.000 passageiros em viagens que sommaram 173.000 milhas, sem que se registrasse um só accidente. O trafego civil com os zeppelins na Alemanha não custou uma só vida, e ali o povo tem a mais completa confiança neste meio de transporte.

Tambem os inglezes obtiveram exitos durante a guerra e depois della. Os seus dirigiveis viajavam sem cessar, cobrindo uma distancia igual a dezenove vezes a circumferencia da Terra, com a perda de um só dirigivel. Em 1919 o R. 34 cruzou em 103 horas o Atlantico, fazendo a viagem de regresso em 75 horas. Este facto basta para justificar a predicção de que os dirigiveis farão a travessia do Atlantico em dois dias e meio, e uma viagem redonda em menos de uma semana.

A Inglaterra projecta o estabelecimento de uma linha aérea servida por dirigiveis para a India e a Australia, sabido como é que a aeronavegação tem vital importancia para as communições entre os Dominios que formam o Imperio Britannico.

Tambem os demais paizes se mostram muito activos neste terreno. Os francezes, imitando o exemplo dos allemães, cuidam de installar um ser-

viço de transporte aéreo para as suas colonias, tendo ha tempos o Dixmude, que ha pouco se perdeu, realizado um cruzeiro de 4.500 milhas. Os hespanhões, por seu turno, estão preparando um projecto de communicacão aérea por dirigiveis entre a Hespanha e a America do Sul, com o fim de fomentar os seus interesses commerciaes nas Republicas sul-americanas.

Em vista de tudo isso, parece que os Estados Unidos não devem perder tempo em participar da carreira em que os outros estão empenhados, se é que deseja defender os seus interesses. O povo norte-americano tem motivos para orgulhar-se com o Shenandoah, porque esse dirigivel foi projectado e construido por officiaes da nossa Armada, os quaes, sem duvida alguma, tiveram o cuidado de consultar os mais famosos peritos na construcção de zeppelins. E o povo deve prestar tambem todo o seu apoio á Goodyear Company na realizacão da sua nova empresa, que redundará em beneficio da nossa defesa nacional e da nossa prosperidade commercial.

Sem embargo, temos outra corda mais no nosso arco. Antes da acquisição das patentes Zeppelin, a Goodyear e a American Investigation Corporation, com a collaboracão de prominentes engenheiros e capitalistas deste paiz, tinham comprado as patentes e as officinas da companhia constructora de dirigiveis de Schuette-Lanz, a mais importante empresa deste genero na Allemanha depois da Companhia Zeppelin, que introduziu varias modificacões de importancia na construcção das aeronaves. Os seus dirigiveis são construidos conforme o principio de que para a navegacão aérea regem, em geral, as mesmas leis que para a navegacão maritima. A configuracão da aeronave permite o desenvolvimento de uma velocidade maxima, com o controlador perfeito. O corredor que atravessa a nave em toda a sua largura se acha no interior do seu corpo, em lugar de estar disposto no exterior, como nos zeppelins. As gondolas de governo

são seguras á armadura por meio de cabos ou supportes flexiveis, para evitar accidentes no momento da aterrisagem. Esses dirigiveis deram resultados muito satisfactorios. Póde dizer-se que na construcção do Shenandoah, foram combinadas algumas das melhores characteristics do systema Schuette-Lanz com as do systema Zeppelin.

Havendo os Estados Unidos adquirido os direitos de construcção de ambos os systemas, estão elles em condições de occupar o primeiro lugar na construcção de uma frota aérea mercante. Com a sua grande extensão territorial e dada a importancia das suas possessões, precisam os Estados Unidos de um amplo serviço de aeronavegacão, tanto na paz como nos tempos de guerra.

Nesta luta de competencia contam os Estados Unidos com outra vantagem inestimavel. São o unico paiz do mundo que póde produzir o gaz helium, não inflammavel, em substituição do perigoso hydrogenio. E' certo que os allemães e os inglezes alcançaram os seus successos com os dirigiveis cheios com hydrogenio e que continuarão usando este gaz, porque, de facto, não podem proceder de outra maneira. Mas é logico que os poucos accidentes occasionados por explosões de hydrogenio, por explicaveis que hajam sido, e embora existam meios de evital-as, não deixam de despertar no nosso povo receios contra o emprego dos dirigiveis. Com o uso do gaz helium fica eliminado todo perigo de explosão. Os dirigiveis norte-americanos se distinguirão por sua segurança e grande luxo.

A Repartição de Minas, cooperando com o Exercito e a Marinha de Guerra, installou usinas para o fabrico do gaz helium e locais para o seu armazenamento, tendo conseguido aperfeiçoar o systema de purificacão do gaz misturado com o ar. Os progressos alcançados são tão grandes que o preço do gaz helium, que antes era de 1.500 dollars por metro cubico, está reduzido a dez centavos, havendo cer-

teza de que em futuro proximo esse preço baixará a tres centavos.

Se o povo e o Congresso não regatearem o seu apoio, podemos ter a segurança de que será possível produzir e conservar esse gaz em quantidades sufficientes para o funcionamento de 1.500 dirigiveis. E se o povo norte-americano dispensar á industria da construcção de aeronave uma protecção egual á com que o povo allemão favoreceu o conde de Zeppelin,

a bandeira dos Estados Unidos não tardará a tremular em muitas linhas aéreas destinadas ao transporte rapido e seguro de correspondencia e passageiros para todas as partes do mundo. A porta está aberta de par em par para este novo triumpho da America. Não temos senão que entrar.

Washington, janeiro de 1924.

W. F. Fullam

("Correio da Manhã" — Rio)

O CASO DO CORREIO DE LYON

Occorrido em 1796, ha 128 annos, portanto, o caso do Correio de Lyon ainda preoccupa os francezes. De resto, esse processo é considerado o mais celebre da historia franceza e o que mais empolgou a opinião publica da França. E' que até hoje permanece de pé a questão do erro judiciario, de que teria sido victima um dos executados. E' esta questão que o historiador Funck-Brentano aborda no artigo que se vae ler e recentemente publicado por um dos grandes jornaes parisienses.

Em fins da época revolucionaria, na tarde de 27 de abril de 1793, a mala-posta que fazia o serviço entre Paris e Lyon, chamada Correio de Lyon, foi atacada na grande estrada entre Lieusaint e Melun. Os dois empregados que iam nella foram assassinados, tendo sido os seus corpos encontrados horripelmente rasgados a sabre. O conteúdo da mala tinha sido levado pelos aggressores: perto de oito milhões, que não representavam, em verdade, senão, cinco ou seis mil francos, em dinheiro amocedado, mais dezesseis mil francos em numerario, joias e prataria.

O crime foi commettido por varios individuos residentes em Paris, que naquelle dia jantaram em uma hospedaria de Montgeron e que foram auxiliados, no momento da acção, por um dos seus cumplices, o unico passageiro que em Paris embarcara na mala-posta. O preço das passagens no Correio de Lyon era muito elevado e por isso raros os seus clientes.

Logo depois eram presos os autores desse crime e os seus cumplices. Sete condemnações á morte foram pronunciadas pelo jury, seguindo-se as respectivas execuções. Um primeiro grupo, composto de Couriol, Bernard e Lesurques, subiu ao cadafalso em 30 de outubro de 1796. Lesurques morreu protestando sua innocencia. Em seguida foram executados Dutrochat, o homem que havia tomado passagem no Correio de Lyon, e assassinado o cocheiro, e depois Vidal, Dubos e Roussi. Um outro individuo, Richard, accusado de haver escondido os objectos roubados, foi condemnado a vinte annos de trabalhos forçados. Apenas foram pronunciadas duas absolvições: as de Guénot e Bruére.

Um factó notavel, que deve ser assignalado antes do mais: Guénot, contratante do serviço de transportes militares e amigo de infancia de Lesurques, só foi envolvido no caso devido á sua semelhança com Vidal, um dos bandidos que morreram no cadafalso. Guénot forneceu um alibi e foi posto em liberdade.

*

* *

Sabe-se que immenso movimento de opinião, que varias vezes emocionou os poderes publicos, se formou em favor de Lesurques, sob a commovedora acção de sua familia, composta de uma viuva e dois filhos, desejando ardentemente obter a revisão do processo e consequente rehabilitação do condemnado.

Lesurque tinha, em 1796, trinta e tres annos. Era um homem de estatura mediana, faces pallidas, grandes olhos azues, bastos cabellos louros. Era originario de Douai. Por meio de especulações habeis nas espheras officiaes, tinha conseguido uma situação desafogada. Não fazia nada. Era um perdulario. As conclusões a que o processo chegou não lhe eram favoraveis. Não parecia das melhores a sua conducta. Em seu poder foram encontrados documentos falsos de identidade. Era amigo de Guénot, como elle filho de Douai. Passeiavam juntos quando este lhe disse que na qualidade de testemunha tinha sido convocado ao Palacio da Justiça e pediu a Lesurques que o acompanhasse, depois do que iriam juntos tomar um copo.

Os dois amigos entraram na sala de espera do juiz Daubenton, e duas mulheres que se achavam ali, duas creadas da estalagem de Montgeron, onde quatro dos assassinos haviam jantado no dia 27 de abril, deram um grito: em Lesurques e Guénot reconheceram dois dos cúmplices. Fizeram ellas declarações ao juiz, que fez comparecer á sua presença os dois e mais Couriol, que acabava de ser preso e cuja culpabilidade estava já demonstrada. Couriol, que sabia Guénot innocente, para arranjar uma defesa, declarou que no dia do crime não o havia deixado e fez carga contra os dois amigos, que foram presos logo.

Todo o processo do *Correio de Lyon* revive hoje nesta pergunta: Lesurques era innocente ou culpado?

Vejamos primeiro as accusações que sobre elle pesavam e que determinaram a sua prisão. Demonstrou-se que Lesurques esteve em relação com alguns dos accusados antes e depois do crime; havia tido entendimento com Richard, o arrecadador dos objectos roubados, tinha jantado em sua casa Couriol, um dos assassinos, de responsabilidade certa no caso. Foi formalmente reconhecido como um dos cúmplices por dez testemunhas, uma, é certo, com hesitação. Em seguida, uma outra testemunha, uma mulher chamada Aufroy, retractou-se. Restaram

oito testemunhas, que mantiveram as suas primitivas declarações.

Durante os debates perante o juiz, que duraram tres dias e tres noites, e no curso dos quaes Lesurques fez ouvir oitenta testemunhas de defesa, foi-lhe impossivel fornecer um alibi, como Guénot havia feito, e o unico que julgou acertado allegar, confundiu-o de maneira cruel. Declarou que havia passado a manhã de 27 de abril em casa do joalheiro Legrand. Este, citado como testemunha, consultou o seu livro de notas diarias e confirmou a declaração do accusado. O presidente do tribunal mandou que se fizesse um exame do registro de Legrand, chegando-se á conclusão que a data estava alterada: havia-se feito um 8 (floreale) do numero 9. Retractou-se o joalheiro, dizendo que a sua declaração fundava-se, é certo, na annotação e reconheceu que esta era falsa. O perito concluiu que o 8 tinha substituido o 9, escripto com outra penna e outra tinta, "o que prova, dizia o perito, que essa transformação é posterior á redacção do registro".

Lesurques estava perdido. Foi condemnado á morte com Couriol e Bernard. Mas eis que, depois da condemnação, se produziu um surpreendente incidente: Couriol, confessando-se culpado, declarou que Lesurques era innocente, que o erro commettido provinha da sua semelhança com Dubosc, um dos assassinos, que no dia do crime puzera uma peruca loura. Muito impressionado, o Directorio dirigiu uma mensagem ao Conselho dos Quinhentos, convidando-o a examinar o que conviria fazer em tal circumstancia. Os Quinhentos nomearam uma commissão, a qual, por seu turno, designou um relator, que, depois de um estudo consciencioso, concluiu pela rejeição da petição. Simeão — este o nome do relator — não encontrara nenhum facto de natureza a invalidar a sentença pronunciada. E Lesurques, em lugar de fornecer immediatamente provas da sua innocencia, pedira varios dias para procural-as. "Varios dias ainda, exclamava Simeão; mas Lesurques mettu no processo oitenta testemunhas de defesa; tres mezes se

escoaram entre a accusação e o julgamento; mais de dois mezes ainda entre o julgamento e a petição aos Quinhentos decorreram. E Lesurques pede ainda prazo para fornecer provas!"

Ora, Couriol, que declarava Lesurques innocente, declarava igualmente innocentes Bernard e Richard, cuja culpabilidade não mais podia ser posta em duvida. Considerava-se que tudo isso não era mais que um meio protelatorio visando retardar a execução da sentença. Lesurques, Bernard e Couriol foram executados, protestando sempre o primero a sua innocencia, depois do que foram presos, successivamente, Dutrochat, Vidal, Dubosc e Roussi. Preso Dubosc, restava examinar a questão da semelhança famosa entre elle e Lesurques. Decidiu-se fazer comparecer de novo as testemunhas que haviam reconhecido Lesurques entre os assassinos. Couriol affirmava que, no dia do crime, Dubosc puzera uma peruca loura.

Foi-lhe posta a mesma peruca loura. Lesurques já estava morto, mas a familia forneceu um retrato d'elle. E eis que, das nove testemunhas, oito não só confirmaram as primitivas declarações, como accentuaram as differenças physicas que existiam entre Lesurques e Dubosc: differença de estatura, Lesurques era muito mais baixo; differença da côr do rosto e dos olhos. Só a mulher do jardineiro Aufroy, deante de Dubosc com peruca loura, declarou que se havia enganado, que era Dubosc que tinha visto em Lieusaint e não Lesurques. Mas, como fez observar Zangiacconi no seu relatório ao Conselho de Estado, certos detalhes contidos na declaração da mulher de Aufroy foram reconhecidos falsos. Ella só fez esta declaração no segundo dia da audiéncia e, fazendo-a, pareceu perturbada. Emfim, o seu testemunho não podia prevalecer contra oito outras testemunhas, que persistiam nas declarações anteriores.

Entre os assassinos convencidos, não foi Couriol o unico a innocentar Lesurques. Dutrochat e Roussi fizeram o mesmo. Dutrochat não se limitou a tirar dos hombros de Lesurques qual-

quer parcella de responsabilidade no nefando crime; declarou que o Dubosc, com o qual fôra acariado, não era o Dubosc verdadeiro. E quando, forçado pelo juiz, teve de confessar o embuste, affirmou ter recebido dinheiro para agir dessa maneira.

Chegamos, emfim, a Roussi. Até o ultimo momento este nada disse de Lesurques, nem mesmo ao seu confessor; mas seis mezes depois da sua execução, o padre que o ouvira, depositou em um tabellionato uma nota em que Roussi declarava Lesurques innocente.

E aqui ainda, Zangiacconi faz observar muito justamente:

"Durante o processo, após a condemnação, no momento de caminhar para o sacrificio, Roussi affirma não conhecer Lesurques. Resulta das suas respostas que elle não tem declaração alguma a fazer em seu favor, e eis que, seis mezes mais tarde, quando Roussi desapareceu, quando nenhum cotejo das suas affirmações é mais possível, um escripto seu declara Lesurques innocente. Esse testemunho ainda era suspeito, e, reunindo-o aos dois precedentes, ao de Couriol e ao de Dutrochat, acredita-se entrever o fio que os liga e que não seria talvez difficil de desemmaranhar."

*
* *

O argumento mais forte que se produziu em favor de Lesurques foi o seguinte:

Sete cabeças rolaram em consequencia do crime do *Correio de Lyon*: as de Couriol, Bernard, Lesurques, Dutrochat, Vidal, Dubosc e Roussi. Ora, os cúmplices desse crime foram apenas seis. Caiu, pois, uma cabeça a mais, a de Lesurques. Mas os magistrados encarregados das pesquisas suscitadas pelas tentativas de revisão, estabeleceram que os associados no crime eram sete, sem contar Richard. Dutrocht, passageiro do *Correio de Lyon*, com o seu sabre; os quatro que se sentaram a uma mesa da estalagem de Champeaux em Lieusaint; emfim, dois outros que chegaram a essa esta-

lagem pouco depois da partida daquelles quatro e logo partiram para se juntar a estes.

O testemunho de Champeaux é formal; os dois que chegaram por ultimo á sua hospedaria partiram dizendo-lhe: "Nós vamos nos reunir com os quatro cidadãos de que nos fala."

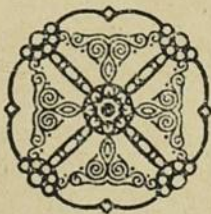
Eis os factos. Ninguem pode se pronunciar sobre elles com certeza. O elemento do processo, o mais importante talvez, aquelle que contribue sempre grandemente para a convicção dos jurados, a attitude do accusado, é hoje falho.

Se o processo de Lesurques não foi seguido de uma revisão propriamente

dita, pode-se considerar que elle foi revisto varias vezes; em vida ainda do accusado pela intervenção dos Quinhentos; por occasião do processo de Dubosc, que foi uma verdadeira revisão do caso de Lesurques; em 1822, quando das pesquisas feitas pelo Conselho de Estado, e ainda em 1851 e em 1868, na Côte de Cassação.

As conclusões foram sempre desfavoraveis aos requerentes. Entretanto, por favor especial, os herdeiros foram emittidos na posse dos bens de Lesurques, cuja confiscação tinha sido pronunciada em proveito do Estado.

("Correio da Manhã", Rio)



AS CARICATURAS DO MEZ

A VIDA CARA



- A sra. tinha outras crianças na semana passada.
- Tinha. Mas cobravam tão caro o aluguel, que reduzi o numero.

“Jornal do Brasil” – Rio

OS “GAVARIN” CARIOCAS



- E os desenhistas ganham muito dinheiro?
- Conforme. Eu, por exemplo, trabalho pouco. Tenho apenas um auto...
- Um auto?
- Sim um auto-retrato.

“D. Quixote” – Rio

RAMERRÃO



- Este instrumento, de tão batido, perdeu o fio.
— Porque não vae amolar outro?

“D. Quixote” — Rio

INDICE DO VOLUME XXVI

	Pag.
O momento, por P. P.	3
Vicente de Carvalho, Redacção	6
Organisação economica do hospital moderno, José de Mendonça	8
Capitulo de uma biographia perdida de Caxias, Eudoro Berlink	16
A nova mentalidade da America Latina, Saul de Navarro	25
Noturno de Puebla de Los Angeles, Ronald de Carvalho	29
A bacia do Amazonas, A. D. Mirandeira	30
Estudinhos de Portuguez, José Patricio Assis	36
Desarraigada, Renata Luiza	38
Cartas do Almirante Nogueira	51
Resenha do mez	63
Notas do exterior	83
Curiosidades	90
Caricaturas do mez	95
Classificação Psychologica do homem, Villar Belmonte	97
Sobre arte, Lasar Segall	104
Mealhas etymologicas, Francisco Luiz Pereira	111
Da fadiga intellectual, Mario de Andrade	113
Desarraigada, Renata Luiza	122
Quando fala a voz interior, Aulio	140
Extranho occaso, Mario Sette	143
A caça, Bento Arruda	146
Bibliographia	152
Resenha do mez	170
Debates e pesquisas	184
Caricaturas do mez	181
Capistrano de Abreu, Domicio da Gama	193
A' beira do Styx, Tristão da Cunha	198
Classificação Psychologica do Homem (II), Villar Belmonte	203
Bolívar e o Brasil, Argeu Guimarães	211
Rainer Maria Rilke, Sergio Milliet	220
Ainda o Diccionario de Candido de Figueiredo, Ed. Navarro de Andrade	224
Bagatelas, Rodrigues Creso	229
Cartas do Almirante Nogueira	231
Bibliographia	244
Resenha do mez	249
Debates e pesquisas	266
Notas do exterior	276
As caricaturas do mez	282
Vida literaria do Equador, Gustavo Barroso	285
Episodios tragicomicos da vida amargurada do poeta Ruben Dario, René Thiollier	302
A imposição da Mariquita, Odilon de Azevedo	313
Do cinema, Sergio Milliet	321
Capitulos de uma biographia perdida de Caxias, Eudoro Berlink	324
Miguel Rasch Isla, Argeu Guimarães	335
Bibliographia	337
Resenha do mez	342
Debates e pesquisas	358
Notas do exterior	364
Curiosidades	373
As caricaturas do mez	380

LOTERIA DE S. PAULO

16 de Setembro

Terça-feira

30:000\$000

POR 1\$800

Os Bilhetes já se acham à venda em
_____ toda a parte. _____

Archivo Nobiliarchico Brasileiro

PELO

BARÃO DE VASCONCELLOS

Neste precioso volume, formato e tamanho de um tomo do Larousse, o autor biographa toda a nobreza do Imperio do Brasil, ennumerando toda a ascendencia e descendencia dos respectivos titulares e reproduzindo em gravura os brazões de cada um. Edição luxuosa, da qual restan apenas alguns exemplares : :

PREÇO (ENCADERNADO) 60\$000

Pedidos á CIA. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO

Regina Hotel

Endereço Telegraphico: "REGINA.."

Largo de S. Ephigenia, 8 e SÃO PAULO

Este novo hotel offerece indiscutivelmente aos Srs. Viajantes optimo conforto. Sua situação é de primeira ordem; os quartos são grandes, ventilados e dotados de todo conforto desejavel. Das suas janellas descortinam-se soberbos panoramas. O Hotel possui *elevadores, rêde telephonica para todos os andares*, mais de 60 banheiros, agua corrente fria e quente em todos os quartos, aquecedor central durante o inverno. O pessoal é escrupulosamente escolhido e a cosinha é dirigida por um habilissimo chefe. Preços rasoveis e ao alcance de todos. O Hotel é dirigido pelos seus proprietarios, Srs.

Angelo Gabrilli & Filhos

A Revista da Sociedade de Educação

deve ser lida por todos quantos se interessam pelos assumptos didacticos.

Redactores

Dr. A. Almeida Junior

Prof. Léo Vaz

Prof. Brenno Ferraz do Amaral

Dr. Haddock Lobo Filho

Prof. Pedro de Alcantara Machado

Editora: CIA. GRAPHICO-EDITORIA MONTEIRO LOBATO

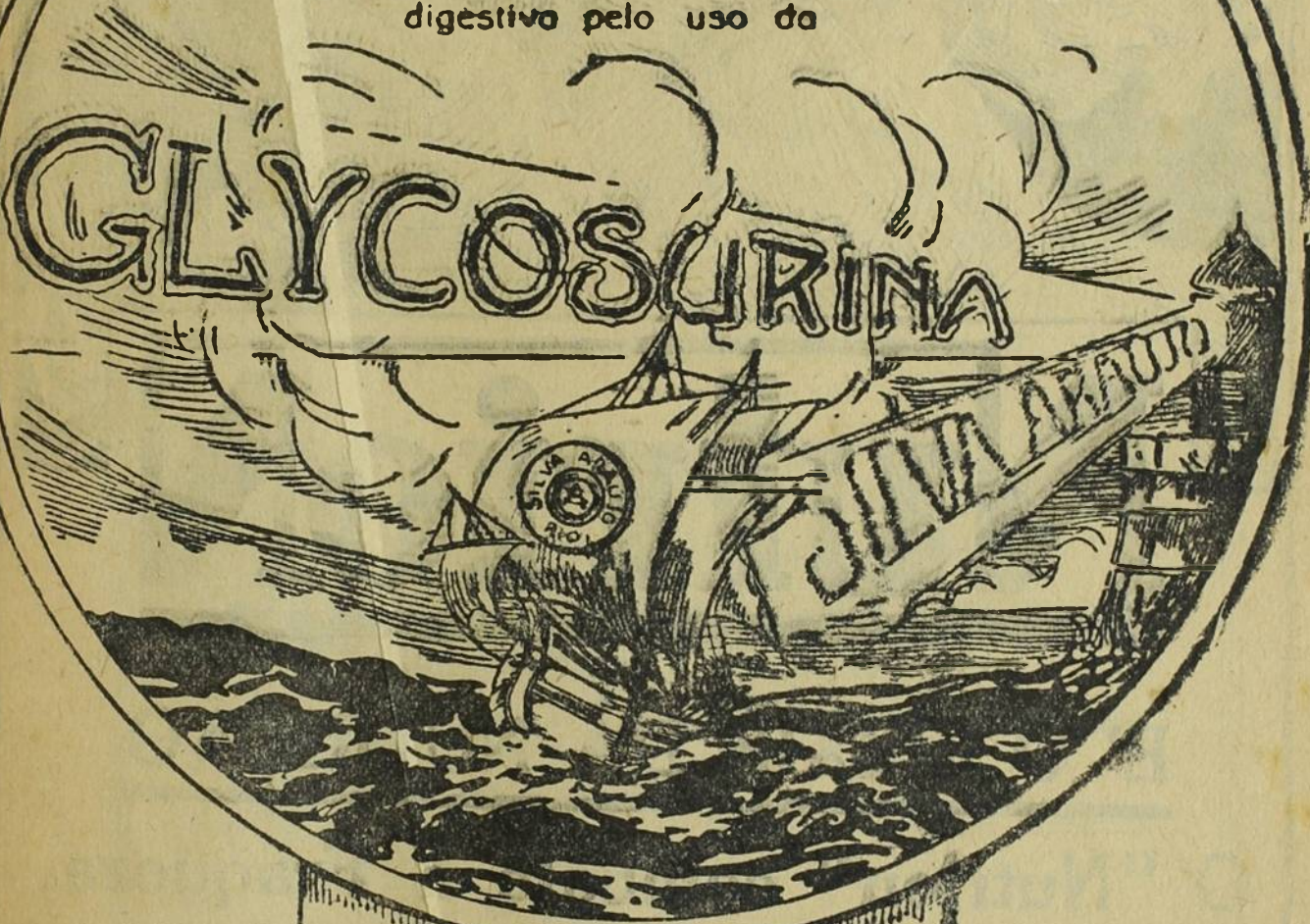
Aos assignantes serão enviados os numeros já publicados.

Assignatura annual 12\$000

DIABÉTICOS

é preciso combater a perda de açúcar, tonificar o organismo, regularizar as funções dos órgãos internos essenciais a vida e restabelecer o appetite e a função digestivo pelo uso da

GLYCOSURINA



herolco medicamento composto de plantas indigenas brasileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres de chá por dia em agua



Nutrition

E' O ELIXIR DA NUTRIÇÃO

O "Nutrion" combate a Fraqueza, a Magreza e o Fastio. Restaura as Forças e estimula a Energia. - E' o Remedio dos Fracos, dos Debeis, dos Exgottados, dos Convalescentes.

A Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

tem no prelo, prestes a sahir, utilissimos livros escolares e juridicos, dentre os quaes destacamos os seguintes, que se recommendam pelo só nome dos seus autores:

Olavo Freire	Chorographia do Brasil.
Alvaro J. Rodrigues .	Geometria Descritiva.
" " " .	O Ensino Profissional.
Synesio de Faria. .	Lições de Algebra: Decomposição em Factores.
	Calculo Differential.
	Calculo Integral.
Dr. Moncorvo Filho .	Hygiene Infantil.
Othoniel Motta . . .	Anthologia Portugueza.
Dr. Reynaldo Porchat.	Direito Romano.
" " " .	Da Retroactividade das Leis Civis.
" " " .	Pessoa Physica e Direito Romano.

Desde já acceitam-se pedidos.

Praça da Sé, 34

CAIXA 2-B

S. PAULO

Ultimas Edições da

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

III

O MACACO QUE SE FEZ HOMEM, contos de Monteiro Lobato	Broch.	4\$000
ATRAVEZ DA EUROPA, de Afonso Lopes de Almeida	Broch. Em papel fôfo	5\$000
	Em papel jornal	3\$000
FACUNDO, de Sarmento	Broch. Em fôfo	5\$000
	Em jornal	3\$000
DENTE DE OURO, de Menotti Del Picchia. Broch.		4\$000
MEMORIAS DE UM RECLUTA, de Oswaldo Barroso	Broch. Em fôfo	4\$000
	Em jornal	2\$500
NOS CAMINHOS DO NAZARENO, do Padre Heliodoro Pires	Broch.	5\$000
EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO, de F. J. Oliveira Vianna	Broch.	8\$000
JOAQUIM NABUCO e MACHADO DE ASSIS, de Graça Aranha	Broch.	10\$000
PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE, obra posthuma de Alphonsus de Guimaraens	Broch.	3\$000
RITINHA, contos de Léo Vaz	Broch.	4\$000
SAPEZAES E TIGUERAS, contos de Amando Caiuby	Broch.	4\$000
A MEZA E A SOBREMEZA, de Rosaura Lins. Enc.		7\$000
JUCA MULATO, (4.ª edição) de Menotti del Picchia	Broch.	3\$000
O PRINCIPE FELIZ, de Oscar Wilde, trad. de Rosalina C. Lisboa	Broch.	3\$000
A CURA DA FEALDADE, do Dr. Renato Kehl Enc.		20\$000
AMOR IMMORTAL, de J. A. Nogueira	Broch.	5\$000
O DRAMA DAS COXILHAS, de Roque Callage	Broch.	4\$000
CARTAS DE UM CHINEZ, de Simão de Mantua	Broch.	5\$000
DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, do Visconde de Taunay	Broch.	5\$000
O PADRE EUZEBIO, de Antonio Celestino. Broch.		4\$000
VOCABULÁRIO DE RUY BARBOSA, por João Leda	Broch.	5\$000
DISSE, por Altino Arantes, edição do Gremio XI de Agosto	Broch.	8\$000
ENCYCLOPEDIA JURIDICA, por Laudelino Baptista	Broch.	5\$000

Pedidos á Praça da Sé, 34 - Caixa 2 B - S. PAULO